REVISTA DE
Pastoral
Ano 02 - 2017, nº 03
Publicação Digital | ISSN 2525-8230

Pastoral, Escola e Família: diálogos para uma cultura de paz

ANEC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL

REVISTA DE
Pastoral
Ano 02 - 2017, nº 03
Publicação Digital | ISSN 2525-8230

Pastoral, Escola e Família: diálogos para uma cultura de paz

ANEC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL

Ficha Técnica

Associação Nacional de Educação Católica do Brasil
SEPN Quadra 516 Conjunto D, Lote 09, Edifício Via Universitas
(4º Andar) CEP 70770-524 – Brasília/DF
Telefone: (61) 3533-5062 - E-mail: pastoral@anec.org.br

Diretoria Nacional

Ir. Paulo Fossatti – Diretor Presidente
Ir. Iraní Rupolo – Diretoria 1ª Vice-presidente
Ir. Adair Aparecida Sberga – Diretora 2ª Vice-Presidente
Ir. Marli Araújo da Silva – Diretora 1ª Secretária
Frei Claudino Gilz – Diretor 2º Secretário
Pe. Roberto Duarte Rosalino – Diretor 1º Tesoureiro
Prof. Francisco Morales – Diretor 2º Tesoureiro
Evandro Luís Amaral Ribeiro - Secretário Executivo

Equipe Editorial

Direção Geral: Ir. Marli de Araújo Silva, Diretora 1ª Secretária da ANEC e Diretora referencial para o Setor de Pastoral ANEC.
Membros: Elisangela Dias Barbosa e
Prof. Humberto Silvano Herrera Contreras

Conselho Editorial

Prof. Alair Naves (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Prof. Antônio Boeing (UNISAL)
Pe. Antônio de Assis Ribeiro (Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia)
Prof. Claudecir José Jaques (Católica de Tocantins)
Pe. Danilo dos Santos Pinto (Setor Universidades/CNBB)
Elisangela Dias Barbosa (Pastoral - ANEC)
Prof. Fabrizio Zandonadi Catenassi (Centro Universitário – Católica de Sta. Catarina)
Guinartt Diniz Rodrigues Antunes (Mantenedoras - ANEC)
Prof. Humberto Silvano Herrera Contreras (Faculdade Padre João Bagozzi)
James Pinheiro dos Santos (Ensino Superior – ANEC)
Pe. José Alves de Melo Neto (Grupo Educacional Bagozzi)
Prof. José Leonardo dos Santos Borba (Colégio La Salle Abel)
Marilson da Costa Simões (Escola Superior São Francisco de Assis)
Ir. Marli Araújo da Silva (Colégio N. Srª das Neves/ANEC)
Prof. Matheus Cedric (Colégio Medianeira - RJE)
Prof.ª Meire Terezinha S. B. de Oliveira (Faculdade Salesiana Dom Bosco/AM)
Prof. Rodinei Balbinot (Cong. Irmãzinhas da Imaculada Conceição)
Ir. Valéria Andrade Leal (Sagrado – Rede de Educação)
Prof.ª Roberta Valéria Guedes de Lima (Educação Básica – ANEC)
Prof. Saulo Vieira Cavalcante da Silva (Inspetoria Laura Vicuña/AM)
Prof.ª Tatiana da Silva Portella (Universidade Católica de Brasília)

Projeto Gráfico

Luciene Lopes Pereira

Capa, Produção Editorial e Gráfica

Willian Fabrício Ribeiro

Departamento de Comunicação ANEC

Patrícia Amato - Gerente do Departamento de Comunicação da ANEC

As opiniões expressas pelos autores, nesta edição, não necessariamente refletem as opiniões da ANEC.

As fotos usadas nesta edição da revista foram cedidas pelos próprios autores dos textos.

SUMÁRIO

REVISTA DE PASTORAL DA ANEC
Publicação Digital – Ano II – Nº 3/2017 – ISSN 2525-8230

6 Editorial

ENTREVISTA

9 Cuidar da infância e promover o bem-estar em família
Ir. Veroni Teresinha de Medeiros

ARTIGOS

15 Desafios para um intinerário formativo
Ir. Vânia Cristina de Oliveira

29 O Orientador Educacional e o processo de gestão de conflitos
Hosana Auxiliadora Teixeira Caetano; Marisa Claudia Jacometo Durante; Paulo Renato Foletto

49 A influência do contexto familiar no desenvolvimento da criança em situação de risco social
Elizeli Faustinoni de Souza

60 Os desafios pedagógicos na modernidade sob a ótica de Zigmunt Bauman e a pedagogia dos vínculos
Eliza Mariana A. Silva; Vanessa Silva Fonseca; Sandra Maieski

ENSAIOS

83 Família e escola promovendo a civilização do amor
Dom Antônio de Assis Ribeiro

92 Cultura de paz nas escolas: por uma educação para a paz com fundamentos pedagógicos
Erica Cristina Lemes, Nei Alberto Salles Filho, Virginia Ostroski Salles

107 A esperança criativa do Papa Francisco construindo escola em pastoral
Marciel de Oliveira Rocha

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

119 O trabalho missionário do Colégio Marista Pio X no semiárido paraibano
Alan Coelho Soares; Jeverson de Sousa Barbosa Lima

126 Projeto de Voluntariado: "Agostiniano em Ação"
Wanderlei Faria; Alexandra de Marchi; Rafael Barrozo de Carvalho

132 Projeto Artístico Social Arte Sem Fronteiras
Wilson Tavares de Souza Junior; Ir. Edwirges Maria Almeida de Souza

136 Pequenas atitudes geram grandes rmpreendedores
Ana Paula Palmezan L. S. Milinavicius

141 Uma história de amor ao próximo: Jovens de garra
Ana Paula Palmezan L. S. Milinavicius

DOCUMENTOS

151 Carta Aberta do I Fórum de Agentes de Pastoral

155 Value of Catholic Education in the 21st Century
Dr. Tracy Cunningham

164 INDICAÇÕES DE LIVROS

EDITORIAL

Caros leitores,

Tomando com liberdade poética, quero nesse editorial encharcar nossa leitura com as palavras de Almir Sater e Renato Teixeira " Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs, é preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir". É nessa toada que a Revista de Pastoral da ANEC quer pulsar no chão fértil de nossas escolas, florir como um texto comprometido com a missão pastoral e educativa de nossas instituições e ser rosto de nossos educadores em sintonia e comunhão com a Igreja.

A partir desse contexto, destaco que no documento de encerramento do I Fórum de Pastoral da ANEC em 2016 assim nos expressamos: " comprometidos com a missão educativa de nossas instituições e cientes dos apelos emergentes da realidade brasileira para uma educação humanista e comprometida com a vida, manifestamos nosso anseio pela concretização de Escolas e IES em pastoral. Queremos Instituições de ensino que estejam "em saída", em sintonia missionária e comunhão com a Igreja, atenta aos apelos do Papa Francisco na Laudato Si e aos desafios de nosso tempo; escolas e universidades encantadas e encantadoras que buscam em Jesus Cristo, e do encontro pessoal com Ele, o sentido de suas existências."

Por isso, em nossa 3ª edição da Revista de Pastoral da ANEC trazemos como tema a Família e a Escola. Os textos apresentados vêm para contribuir, de modo direto ou indireto, nesta relação evangélica entre a família e a escola católica e entre a família e a igreja. Relação está que é tênue, desafiadora e essencial como pilar para a construção de uma visão que representa a presença cristã no mundo da cultura e na sociedade, onde o valor e a dignidade da vida, a liberdade acadêmica, as implicações éticas de diferentes projetos e o diálogo com a teologia são demandas intrínsecas e que deixam marcas indeléveis.

Nas primeiras páginas, na entrevista com Irmã Veroni Teresinha de Medeiros conheceremos melhor a ação da Pastoral da Criança. Em seguida, apresentamos os artigos com seus respectivos autores:

- Desafios para um itinerário formativo - Ir. Vânia Cristina de Oliveira – ASCJ.

- O orientador educacional e o processo de gestão de conflitos - Hosana Auxiliadora Teixeira Caetano; Marisa Claudia Jacometo Durante; Paulo Renato Foletto.
- A influência do contexto familiar no desenvolvimento da criança em situação de risco social - Elizeli Faustinoni de Souza
- Os desafios pedagógicos na modernidade, sob a ótica de zigmunt bauman e a pedagogia dos vínculos - Eliza Mariana A. Silva; Vanessa Silva Fonseca; Sandra Maieski.
- E os seguintes ensaios: Família e escola promovendo a civilização do amor - Dom Antônio de Assis Ribeiro.
- Cultura de paz nas escolas: por uma educação para a paz com fundamentos pedagógicos - Erica Cristina Lemes, Nei Alberto Salles Filho, Virginia Ostroski Salles.
- A Esperança Criativa do Papa Francisco construindo Escola em Pastoral - Marciel de Oliveira Rocha
- Também temos relatos de experiências e a Carta Aberta do I Fórum de Agentes de Pastoral.

Assim, a Revista de Pastoral da ANEC é fruto da caminhada que estamos realizando como ANEC já há algum tempo. É um trabalho que envolve muitas mãos, mas também a mente e o coração daquelas e daqueles que se deixam guiar seus passos pela mensagem do Evangelho. É o próprio Jesus quem nos convida a segui-lo como Mestre e tomar sua cruz como semeadores da Boa Nova.

Neste processo de ensino – aprendizagem percorremos várias trilhas, somamos força, aprendemos e ensinamos com a nossa própria existência impulsionados pela fé, pela esperança e pela solidariedade.

As páginas escritas desta revista em forma de entrevista, artigos, ensaios, documentos e relatos transcrevem a "alma" da missão Educativa. É a diversidade de saberes que junto a cotidianidade da vida impulsiona o crescimento e a abertura ao outro diferente e a transcendência! Sigamos em sintonia, com esperança e fé!

Agradecemos pela colaboração de todos e, especialmente à professora Elisangela Dias Barbosa que esteve à frente da Pastoral da ANEC nestes últimos anos.

Desejamos um fecundo término de ano letivo!

Boa leitura!

Entrevista

“A Pastoral da Criança assume a missão de continuar o projeto de Jesus Cristo, com uma presença transformadora, capaz de anunciar a esperança de um mundo mais humano e solidário.”
(Irmã Veroni Teresinha de Medeiros)

CUIDAR DA INFÂNCIA E PROMOVER O BEM-ESTAR EM FAMÍLIA: *ENTREVISTA: IRMÃ VERONI*

Por Revista de Pastoral da ANEC (Editores)

Nesta edição, a Seção Entrevista traz como pauta o trabalho social da Pastoral da Criança. Nossa equipe de editores entrevistou a Ir. Veroni Teresinha de Medeiros, irmã escolar de Nossa Senhora, onde atua na Coordenação Nacional da Pastoral da Criança, na área técnica Desenvolvimento Infantil, em Curitiba (PR).

Ir. Veroni Teresinha de Medeiros, natural de Osório – RS, é religiosa consagrada da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. É Pedagoga e Mestre em Teologia Sistêmica pela PUCRS. A maior experiência profissional está centrada na área da educação. Em 2014, assumiu uma nova missão na Pastoral da Criança, com atuação na área técnica sobre o desenvolvimento infantil e a coordenação do educativo no Museu da Vida, em Curitiba, PR.

Revista de Pastoral (RP): De modo breve, como nasceu a Pastoral da Criança?

Irmã Veroni Teresinha de Medeiros: Essa semente brotou em 1982, na Suíça, do encontro de Dom Paulo Evaristo Arns com James Grant, diretor executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), durante uma reunião da Organização das Nações Unidas (ONU). Na ocasião, surgiu a proposta de que a Igreja Católica brasileira tivesse uma ação para reduzir a mortalidade infantil. Para desenvolver o projeto, que seria apresentado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Paulo convidou sua irmã, a médica pediatra e sanitarista Zilda Arns Neumann, contando com o apoio de Dom Geraldo Majella Agnelo, na época arcebispo de Londrina e atual arcebispo primaz do Brasil e de Salvador. Inspirada pela frase de João (10,10) – "Para que todas as crianças tenham vida

e vida em abundância" –, Dra. Zilda desenvolveu uma metodologia simples, barata e replicável.

O trabalho teve início na Paróquia de São João Batista, em setembro de 1983, no município de Florestópolis, no Paraná. A região foi escolhida por apresentar uma alta taxa de mortalidade infantil (127 crianças em cada mil nascimentos). Após um ano de atividades, esse número diminuiu para 28 crianças entre cada mil que nasciam.

O legado deixado pela Dra. Zilda continua vivo, na mente e no coração de todos os voluntários. Dra. Zilda faleceu no dia 12 de janeiro de 2010, no terremoto que devastou o Haiti. Naquele mesmo dia, discursou sobre como salvar vidas com medidas simples, educativas e preventivas. Fez o que sempre falou: congregar mais pessoas para se unirem na busca de "vida em abundância" para crianças e gestantes mais vulneráveis.

RP: Quem são os agentes que atuam na Pastoral da Criança e qual é o público-alvo infantil?

Irmã Veroni: O maior valor e a força da Pastoral da Criança estão nos voluntários, líderes de transformação que, em geral, são moradores das comunidades onde atuam. Como organismo de ação social da CNBB, a Pastoral da Criança alicerça sua atuação na organização da comunidade e na capacitação de líderes voluntários, que assumem a tarefa de orientar e acompanhar as famílias em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania, tendo como foco principal a gestante e a criança de até 6 anos de idade, em seu ambiente familiar e comunitário.

O voluntário é compromissado com a causa na qual acredita. Trabalha com amor, organiza-se com outros voluntários e luta para que a sociedade tenha menos sofrimento e mais justiça social. Tem como objetivo o "desenvolvimento integral das crianças, promovendo, em função delas, suas famílias e comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político".

Para saber mais, acesse: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/voluntario/voluntariado-a-forca-da-pastoral-da-crianca>

RP: Como é desenvolvida a missão da Pastoral da Criança com as famílias?

Irmã Veroni: A Pastoral da Criança assume a missão de continuar o projeto de Jesus Cristo, com uma presença transformadora, capaz de anunciar a esperança de um mundo mais humano e solidário: "Eu vim para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância" (João 10,10).

Na prática, a missão da Pastoral da Criança é desenvolvida pelos líderes voluntários por meio de três ações básicas, acompanhando gestantes e crianças de famílias próximas a sua residência:

- Visita Domiciliar
- Dia da Celebração da Vida
- Reunião para Reflexão e Avaliação.

Esses voluntários são capacitados com base no Guia do Líder, livro de referência para todos os trabalhos da Pastoral da Criança. Nele, são encontradas informações e orientações para os voluntários sobre os cuidados que as mães devem ter desde a gestação e em toda a primeira infância, para que seus filhos se desenvolvam plenamente. Também contém informações sobre direitos e deveres, educação da criança, promoção da paz na família e alimentação saudável. Em linguagem simples, o conhecimento científico chega às famílias.

Com isso, a Pastoral da Criança promove uma convivência de respeito à dignidade das pessoas, à valorização das diferenças entre elas, à solidariedade, à responsabilidade com suas obrigações e com o meio ambiente. Procura denunciar a injustiça e a falta de condições dignas de vida para todos.

Para saber mais sobre as Atividades do líder, acesse: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/na-comunidade>.

Sobre Materiais educativos para capacitação dos voluntários, acesse:<https://www.pastoraldacrianca.org.br/materiais-educativos>.

RP: Atualmente, como se justifica a ação da Pastoral da Criança com as famílias?

Irmã Veroni: O trabalho da Pastoral da Criança acompanha as necessidades sentidas pelas famílias e o contexto do país, os avanços da área da saúde, de desenvolvimento infantil, legislação, etc. Todo esse conjunto de avanços e novos desafios (como a aten-

ção ao desafio atual da obesidade infantil, por exemplo) se refletem em nossos materiais educativos, que sempre são atualizados, e nas capacitações dos voluntários. Ou seja, há uma série de aspectos que compõem um olhar integral sobre a criança, que levam à vida plena, portanto o trabalho continua sendo importante.

A Pastoral da Criança entende a família como eixo de extrema importância no desenvolvimento integral das crianças. Muitas famílias, hoje, carecem de tempo para conviver, conversar e brincar com as crianças. O estresse associado ao cotidiano aumenta o distanciamento entre os membros da família e dificulta a esfera das relações afetivas.

Nas visitas domiciliares, o líder tem a oportunidade de conversar com os pais e os familiares da criança. Com isso, ele pode conhecer melhor a situação de vida e as necessidades das famílias, para poder ajudá-las. Desse modo, ele também ajuda a reforçar laços de confiança e amizade entre eles.

Outra justificativa forte é a palavra do Papa Francisco, quando diz que "sem família não há humanidade". A família é importante, é necessária para a sobrevivência da humanidade. Se não existe a família, a sobrevivência cultural da humanidade corre perigo. A família é a base sólida e permanente para as futuras gerações.

RP: Qual a mensagem pastoral que a Pastoral da Criança (por meio dos seus agentes) leva para as famílias?

Irmã Veroni: A grande mensagem é a orientação familiar para que as crianças sejam cuidadas da melhor maneira possível. E o despertar para um compromisso comunitário, envolvendo toda a vizinhança no cuidado com a infância. O que faz uma criança crescer, aprender e se desenvolver são os cuidados com sua saúde, o amor, a atenção, o afeto, as brincadeiras e a participação nas atividades com sua família e na comunidade. Essas oportunidades permitem que a criança se relacione com as pessoas, enfrente desafios e, assim, realize conquistas, ou seja, aprenda e se desenvolva.

RP: Quais os desafios contemporâneos ligados à escola? Quais propostas?

Irmã Veroni: No cenário contemporâneo, a escola precisa estar aberta para dialogar, atenta aos avanços das novas tecnologias

e refletir continuamente sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais e Pedagógicos, revendo sua problemática e investindo na formação integral das crianças e adolescentes.

A escola é o lugar da busca, da pesquisa, da construção conjunta. É importante aliar novas competências ao interesse dos estudantes, saber transformar as diferentes tecnologias em ferramentas de aprendizagens, incentivar leituras complementares e trocas de informações.

Uma visão holística, na perspectiva do amor pela vida, promove a pessoa na sua integralidade. Pensar em uma educação sustentável, permeada por pressupostos da solidariedade, cidadania e inclusão social. Trazer a família para participar e pensar juntos formas de educar, para combater a violência, superar o individualismo e promover a cultura da paz.

RP: O tema do dossiê desta edição da Revista aponta para fortalecer o diálogo entre Pastoral, Escola e Família, em vista de uma Cultura de Paz. Como a senhora resumiria a contribuição da Pastoral da Criança para uma "Cultura de Paz"?

Irmã Veroni: Gostaria de destacar os "10 Mandamentos para a Paz na Família", material elaborado pela Pastoral da Criança e entregue nas comunidades, pelos voluntários. Além disso, a própria relação de proximidade entre os líderes e as famílias ajuda a reforçar vínculos, confiança e diálogo. Essa convivência repleta de informação sobre os cuidados com a criança também é uma prática que ajuda a prevenir atos de violência, por exemplo. E fortalece as famílias, o olhar solidário para a comunidade, o sentimento de participação na construção de um mundo melhor.

Que as famílias possam receber esse incentivo também da escola e fazer a experiência do diálogo para a paz.

O Folheto "10 Mandamentos para a Paz na Família" está disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/images/materiaiseducativos/10_mandamentos.pdf>.

Artigos

DESAFIOS PARA UM ITINERÁRIO FORMATIVO

Ir. Vânia Cristina de Oliveira - ASCJ[1]

RESUMO

Este artigo se propõe a refletir, embasado por estudos das áreas das ciências humanas e teológicas alguns dos inúmeros desafios para um itinerário formativo entre família e escola na busca de diálogos para uma cultura de paz. Isto não implica apenas compartilhar espaços educativos, mas ter um estilo de família e aprendizagens significativas. Neste sentido, apresentaremos alguns recortes dos pronunciamentos do Papa Francisco como orientações reflexivas aplicáveis a vida familiar. Veremos que a ação educativa, como toda ação humana, é movida por crenças, valores e princípios que dão referência e direção, definem opções, decisões e atitudes. À medida que se tem consciência dos desafios e dilemas, é possível assumirmos um caminho formativo e partilharmos competências, habilidades e valores. Por fim, consideraremos que o verdadeiro desafio, hoje, é o de dizer o amor amando; educar, educando e promover a paz, pacificando. Só assim o sentido de nosso caminhar juntos não é mais um vazio a ser preenchido ou distribuído entre papeis específicos, mas sim, a dádiva de saber olharmos na mesma direção, pois estamos diante de uma preciosidade: a pessoa humana.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Familiar. Diálogos. Cultura de paz. Interdisciplinaridade. Escola e Pastoral.

1 Doutoranda em Língua Portuguesa (PUC – SP). Possui graduação em Letras-Português pela Universidade Sagrado Coração (USC - Bauru/SP). Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Atualmente é Secretária Provincial das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus – Província de São Paulo e Gestora da Pastoral Familiar Cleliana da Sagrado - Rede de Educação (Província de São Paulo). Auxilia na formação cristã de Jovens e Adultos. E-mail: irvaniascj@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na recente publicação intitulada Como aplicar a Amoris Laetitia – de Lluís Martinez Sistach (2017:34), encontramos que, sobre a lei da gradualidade, deve-se dizer que é um princípio proposto por São João Paulo II ao afirmar que "cada ser humano avança gradualmente com progressiva integração dos dons de Deus e das exigências do seu amor definitivo e absoluto em toda a vida pessoal e social".

Retomei esta ideia para iniciar a nossa reflexão sobre os inúmeros desafios para um itinerário formativo entre família, escola e pastoral para uma cultura de paz.

A aproximação de espaços virtuais e as nuanças de um tempo de incertezas provocam uma urgência educativa, que identificamos ser questionadora para a qualidade das relações estabelecidas nas vivências cotidianas das próprias famílias, nos espaços escolares e nas propostas de atividades pastorais que englobam ambas as partes. Por outro lado, nos desperta para a comunhão e convoca-nos a analisar as qualidades das redes e conexões que estabelecemos.

Para que família e escola consigam oferecer aos filhos/alunos uma educação integral e com aprendizagens significativas que une os diversos saberes, é preciso o estabelecimento de um diálogo cooperativo. Tal itinerário se estabelece de forma gradual e progressiva.

No presente artigo utilizaremos reflexões que englobam os valores educacionais assumidos pela Escola Católica, mas que se estendem a todos o que buscam neste espaço uma formação humana e acadêmica de excelência, ou seja, conscientes de que razão e fé são as "duas asas do ser humano".

Veremos, portanto, que educar não é só questão de formação acadêmica ou prática cristã, nem uma em detrimento da outra. A vida de quem está diante de nós não pode ser simplesmente decidida por conteúdos ou valores narrados, muito menos por modelos exortativos ou normativos. O caminho formativo deve ser comum e partilhado, ou seja, com "conteúdos aplicáveis na concretude da vida das pessoas", como diz Millen, inclusive, na nossa própria vida.

DESENVOLVIMENTO

A família e/ou responsáveis pela educação dos filhos é a primeira escola da vida de crianças, adolescentes e jovens. Possui

desafios peculiares nesta missão educativa, tais como: a formação ética, a educação e acompanhamento da vida acadêmica, o crescimento e amadurecimento na fé em Jesus Cristo, o cultivo de valores como o respeito, a partilha, o diálogo, a acolhida, a solidariedade, o cultivo da paz, entre outros.

O Papa Francisco, grande incentivador do amor entre as famílias, em seus inúmeros discursos abordou temas práticos. "Mas ouvi este conselho: Não acabeis o dia sem fazer as pazes. A paz faz-se de novo cada dia em família!" (Catequese, 2 de Abril de 2014). Outros apontamentos (Koller: 2016) que nos fazem refletir:

- A importância de sonhar: Não é possível uma família sem o sonho. Numa família, quando se perde a capacidade de sonhar, os filhos não crescem e o amor não cresce; a vida debilita-se e apaga-se. (Encontro das Famílias, Manila, Filipinas, 15 de janeiro de 2015)
- Abertura ao outro: As relações baseadas no amor fiel (...) aprendem-se e vivem-se no núcleo familiar. Quando estas relações formam o tecido básico de uma sociedade humana, conferem-lhe coesão e consistência. (Mensagem por ocasião do I Congresso Latino-Americano de Pastoral Familiar, 5 de agosto de 2014)
- A sobrevivência da humanidade: Se não existe a família, a sobrevivência cultural da humanidade corre perigo. (Entrevista na Rádio Catedral, Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013)
- A cultura do efêmero e a falta de abertura à vida: Existem colonizações ideológicas que procuram destruir a família. Não nascem do sonho, da oração, do encontro com Deus, da missão que Deus nos dá. Provêm de fora; por isso, digo que são colonizações. (Encontro das Famílias, Manila, Filipinas, 15 de janeiro de 2015)
- Cada filho é um milagre: Um filho muda a vida! Todos nós vimos — homens, mulheres, que quando chega um filho a vida muda, é outra coisa. Vós, meninas e meninos, sois precisamente isto: cada um de vós é fruto único do amor, vindes do amor e cresceis no amor. Sois únicos, mas não sozinhos! (Discurso à Associação Nacional das Famílias Numerosas, Vaticano, 28 de dezembro de 2014)

- - Cuidar das raízes: Há a gratuidade do pai e da mãe em relação aos filhos, e isto é muito importante, "perder tempo" com os filhos, brincar com os filhos. Uma sociedade que abandona as crianças e marginaliza os idosos corta as suas raízes e ofusca o seu porvir. (Discurso aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Família, Vaticano, 25 de outubro de 2013)
- O amor supera a dificuldade: Na família há dificuldades, mas essas dificuldades são superadas com amor. O ódio não supera nenhuma dificuldade. A divisão dos corações não supera nenhuma dificuldade. Só o amor é capaz de superar a dificuldade. Amor é festa, o amor é a alegria, o amor é seguir em frente. (Vigília de oração com as famílias, Filadélfia, Estados Unidos, 26 de setembro de 2015)
- A harmonia que vem de Deus: Como bem sabeis a verdadeira alegria que se experimenta na família não é algo superficial, não vem das coisas, das circunstâncias favoráveis. Na base deste sentimento de alegria profunda está à presença de Deus, a presença de Deus na família, está o seu amor acolhedor, misericordioso, cheio de respeito por todos. […] Só Deus sabe criar a harmonia a partir das diferenças. Se falta o amor de Deus, a família também perde a harmonia, prevalecem os individualismos, se apaga a alegria. Pelo contrário, a família que vive a alegria da fé, comunica-a espontaneamente, é sal da terra e luz do mundo, é fermento para toda a sociedade. (Homilia na Jornada da Família por ocasião do Ano da Fé, Vaticano, 27 de outubro de 2013)

Conforme o Documento de Aparecida (2007: 50-51) "a avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos". Obedecer ao mercado faz parte da felicidade porque se diz que "legitima-se que os desejos se tornem felicidade". Na mesma linha vai a cultura do consumo: "as novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais mais profundas". Para as novas gerações "o futuro é incerto", sobretudo quando a vida é encarada pelos jovens como um espetáculo, onde vale a aparência e onde o corpo (e não a relação com o outro) está em primeiro lugar. "Assim, as novas gerações participam da lógica da vida como espetáculo, considerando o corpo como ponto de referência de sua

realidade presente". Esta cultura não é somente algo que vem de fora. Eles, os jovens, "são produtores e atores da nova cultura".

De acordo com Costa (2004:190) o cuidado do sujeito, antes "voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se, agora, para a longevidade, a saúde, a beleza, a boa forma". Formas de vida, antes com referência em "valores religiosos, éticos ou políticos, passaram a se legitimar no plano do debate científico".

Por sua vez, a Escola Católica e a missão da Pastoral Escolar também têm os seus desafios para estabelecer atividades focadas no desenvolvimento de competências, que envolvem os conhecimentos (saber), as habilidades (saber fazer) e os valores/atitudes (saber ser), a vivência religiosa (saber crer), com padrões de excelência educacional muito mais importantes que uma grade disciplinar preestabelecida e centrada em conteúdos a serem cumpridos (Cf. PPP).

A proposta curricular do Plano Pedagógico de Pastoral da Sagrado Rede de Educação considera todas as aprendizagens que acontecem na escola a partir da interação entre os conhecimentos específicos, pedagógicos e o eixo da formação humana e espiritual. "Segundo os princípios e diretrizes da Igreja Católica, a Escola é um ambiente privilegiado para a formação integral dos cristãos e é um serviço de suma importância para todas as pessoas" (PPP, p. 16).

Por sua natureza, a Escola em Pastoral, fiel ao princípio que "Educar é obra de amor", acolhe o dom da caridade como indicativo e imperativo do amor, tornado-se ela mesma, o grande projeto da Escola Católica a serviço da pessoa. Desse modo, podemos dizer que a concepção curricular de Pastoral define os objetivos e conteúdos da Escola em Pastoral, "compreendidos como um conjunto integrado e articulado de situações-contextos, pedagogicamente concebidas e organizados para promover aprendizagens significativas, focadas no desenvolvimento de competências, que envolvem os conhecimentos, as habilidades e os valores/atitudes.

Corrobora esta proposta curricular de pastoral um projeto que exige fundamentação na verdade do homem, isto é, no respeito integral pela sua origem e pelo seu destino transcendente, e pela defesa da sua dignidade inalienável e inviolável ao longo do percurso do seu desenvolvimento desde a sua concepção. "O valor da vida é primordial dentre todos os outros valores humanos, consequentemente, a tarefa essencial da escola é a promoção da vida, condição

primeira do desenvolvimento da pessoa e do progresso social, que dependem desse" (PPP, p.17-18).

Sabendo que o currículo é um exercício cotidiano de construção dos saberes, conceitos, teorias e métodos que deverão ser mobilizados no enfrentamento de situações-problemas desafiadores à inteligência e à consciência cultural, social e política dos educandos, a Pastoral Escolar tem a missão de contribuir para a articulação destes aspectos aos saberes acadêmicos, em vista do desenvolvimento da autonomia e dos valores que dão sentido à vida.

Requer-se, pois, que a educação tenha a ousadia de voltar-se à inteireza do ser humano e de aceitar o desafio de conduzir as novas gerações a uma nova compreensão do mundo cada vez mais globalizado, tecnológico e a abertura a uma nova perspectiva para o presente e o futuro da humanidade.

Família e pastoral escolar enfrentam seus próprios dilemas e desafios sociais. Neste quesito é importante pensar que as questões relacionadas a cada criança, adolescente ou jovem poderão ser tratadas num âmbito interdisciplinar, sob a ótica das diversas ciências. Uma situação problema sobre o respeito pelas diferenças entre as pessoas se dialoga também como conteúdo pelas ciências da natureza, das humanas, passando pela matemática e até das linguagens. Este é um processo gradual que toca a vida.

Segundo Zabala (1998:40), "todo conteúdo, por mais específico que seja sempre está associado e, portanto, será aprendido junto com conteúdos de outra natureza".

Pensar a questão da interdisciplinaridade, de acordo com Nogueira (1998:26), é um "trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento. Um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento".

Japiassu (1976:65-66), também postula:

> "[...] do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador".

Desse modo, além do processo integrador das disciplinas, se faz necessário pensar a interdisciplinaridade como atitude interdisciplinar.

A questão interdisciplinar das diretrizes para as atividades pastorais implicará uma metodologia de pastoral que abra caminho de convergência entre o pensar e o agir.

Aprendemos com o Catecismo da Igreja Católica que

> o coração é a casa em que estou, onde moro (segundo a expressão semítica ou bíblica: aonde eu 'desço'). Ele é o nosso centro escondido, inatingível pela razão e por outra pessoa; só o Espírito de Deus pode sondá-lo e conhecê-lo. Ele é o lugar da decisão, no mais profundo de nossas tendências psíquicas. É o lugar da verdade, onde escolhemos a vida ou a morte. É o lugar do encontro, pois, à imagem de Deus, vivemos em relação; é o lugar da Aliança (CIC, n.2593).

Talvez esta citação do catecismo nos faça escutar o palpitar do próprio coração e dos que estão à nossa volta. Buscamos, em estilos diferentes, o sentido para a própria vida e nas relações interpessoais, vamos descobrindo o mundo que nos cerca e do qual fazemos parte e, juntos, percebemos que somos responsáveis também pelo seu cuidado, pois é a nossa casa comum.

"A ação educativa, como toda ação humana, é movida por crenças, valores e princípios que dão referência e direção, definem opções, decisões e atitudes" (PPP: 2016). Para a escola, o espaço-tempo "aula" é um dos ambientes privilegiados para a aprendizagem. Podemos recordar de inúmeros projetos escolares que nos apresentam o tema anteriormente citado.

As atividades pastorais integradas no Plano Curricular de Pastoral ora provocam a vivência entre pais e filhos e ora remetem para a prática e a análise do impacto que "tais ações exercem sobre os objetivos de evangelização definidos pela Escola" (PPP, p. 18). Outras nos remetem para uma experiência que conduz "ao encontro com Jesus Cristo vivo, Filho do Pai, irmão e amigo, Mestre e Pastor misericordioso, esperança, caminho e vida" (V CELAM, 2007:336).

Os avanços científicos e tantos outros acontecimentos da atualidade podem aumentar as possibilidades de anúncio do Evangelho no âmbito escolar. Porém, se não tivermos a atenção e o cuidado de captar subsídios adequados, de atualizar as propostas de atividades e de rever os modos de comunicação para atingir o ser humano nessa aldeia global, engessaremos nossa ação pastoral e permaneceremos com visão restrita da realidade e, consequentemente, da ação evangelizadora.

Numa disciplina específica, por exemplo, no conteúdo de Língua Portuguesa, há o desafio da construção de sentido(s) no texto. Koch (2011:121) compara tal processo ao trabalho em tricô, ou seja, há dois grandes movimentos, um de retroação e outro de prospecção (movimentos de avanço e recuo). Nesta tarefa, há um entrelace de fios passados por agulha, o que permite a execução de pontos que servem de base à grande variedade de padrões que constituem uma peça (tessitura).

Esta imagem de "*tricotear*" parece distante da era digital do "zapear", perdoem-me os '*neologismos*', mas carrega em si uma dose ímpar de sabedoria. Ponto por ponto, movimentos tecidos com paixão e atenção, destreza e paciência, com o recuo para ouvir, para perdoar e o avanço do incentivo e da coragem para aprender, respeitando a diversidade de cada peça.

No processo de pensar o texto no seu contexto, é importante também verificar que para além do processo da busca de sentido de um texto, o processo de escrita envolve vários fatores. As autoras Kock e Elias (2012:77-78) concebem a escrita como:

> [...] um processo que exige do sujeito escritor atenção a uma série de fatores: tema, objetivo, sujeito leitor, gênero textual, seleção e organização das ideias de acordo com o tema e objetivo determinados. Além disso, destacam-se aspectos composicionais e estilísticos do gênero textual a ser produzido, pressuposição de conhecimentos partilhados com o leitor, a fim de garantir o equilíbrio entre informações novas e dadas, revisão da escrita durante e após a sua constituição para cortes, ajustes ou complementações, visto que o texto escrito, uma vez finalizado, ganha "independência" do seu autor/escritor. A escrita assim concebida demanda, por parte do escritor, a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos (conhecimentos de mundo, de uso da língua, de práticas comunicativas). Em outras palavras, não se pode desenvolver bem uma produção escrita sem dar especial atenção aos aspectos contextuais.

E a leitura? Solé (1998:117) discorre sobre algumas das estratégias de leitura, as chamadas tarefas compartilhadas, uma vez que a responsabilidade de organizar é do professor e do aluno. Para ela ler é um procedimento que envolve selecionar etapas e levantar questões.

Com a compreensão de que nem todos os erros são iguais, nem todos têm mesmo significado e não cabe reagir do mesmo modo, Solé defende que é preciso focar sobre o que se aprendeu, o

que é possível fazer quando identificar um obstáculo e como tomar decisões importantes durante esse processo.

No que foi exposto, ressalta-se a importância de se olhar para diferentes problemas com diferentes soluções, ou seja:

- discutir com os alunos os objetivos da leitura;
- trabalhar com materiais de dificuldade moderada;
- proporcionar e ajudar a ativar conhecimentos prévios;
- ensinar-lhes a inferir, a fazer conjeturas, a se arriscar, a buscar a verificação para suas hipóteses;
- explicar o que pode ser feito quando se deparar com problemas no texto.

Para a autora, ensino de leitura é questão compartilhada, de projeto curricular da escola, é questão de equipe. Eis uma constatação ímpar para se pensar os desafios e possibilidades de um itinerário formativo.

O ato de usar a palavra implica sempre uma postura discursiva criada numa determinada situação retórica específica, permeada por valores. Instaurando-se o "lugar retórico", o que se focaliza é a capacidade de persuadir. Todo esse processo de raciocínio engloba duas posturas verbais definidas: querer ou dever.

Questões do cotidiano permeiam nossa vivência pessoal, em grupo e em sociedade e sugerem que de formas e intensidades diferentes, afetamos e somos afetados. A palavra escrita ou falada, a imagem e as paixões se entrelaçam nas mais distintas situações que exigem de nós respostas e novas posturas, leitura e novas leituras, eis um contexto desafiador.

Aprendemos que a palavra tem poder, seja ela falada ou escrita. Portanto, é possível fazer um link do assunto com a questão política. Van Dijk (2012:197) explicita que nosso conhecimento e opiniões sobre políticos, partidos ou presidentes são adquiridos, mudados ou confirmados pelas várias formas de fala e escrita durante nossa socialização, pela educação formal, pelo uso midiático e pela conversação. Boa parte da ação e da participação política é realizada pelo discurso e pela comunicação.

Neste ponto devemos nos perguntar: sobre o que mais dialogamos? Qual o tempo dedicado aos filhos? Aos nossos alunos? Como podemos integrar os diversos saberes que rodeiam as crianças, adolescentes e jovens? Sabemos dialogar?

Podemos elencar outras possíveis combinações que denotam competência, sejam culturais, sociais e situacionais, que precisam ser reconhecidas pelos envolvidos no processo de diálogo. Brait aponta alguns aspectos nesse evento conversacional (1999:195):

- quem é o outro a que o projeto de fala se dirige?
- quais são as intenções do falante com a sua fala, com a maneira de organizar as sequências dessa fala?
- que estratégias utilizar para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma mais adequada?
- como levar o outro a cooperar no processo?
- Podemos nos colocar no papel de um professor ou coordenador/diretor e nos indagar:
- Onde acontece o processo de aprendizagem e formação profissional?
- Como identifico que meu aluno aprendeu?
- Que recursos utilizo?
- Quais são os relatos de experiências de sucesso?

Imaginemos o processo de maturação necessário para chegarmos a tais considerações. Esta é uma postura de autoavaliação que se aprende tanto na escola quanto no convívio familiar.

E mencionando o contexto, recordamos um aspecto de fundamental importância na formação integral: os valores, as habilidades e os novos conhecimentos que transformam o indivíduo e o humaniza. Não vivemos isolados, não fomos feitos simplesmente para a solidão. Esta simples e profunda constatação nos coloca sempre em relação conosco mesmo, com os outros, com a natureza e com o próprio Deus.

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* assevera que "é uma experiência espiritual profunda contemplar cada ente querido com os olhos de Deus e reconhecer Cristo nele. Isto exige uma disponibilidade gratuita que permita apreciar a sua dignidade" (*Amoris Laetitia*: 323).

Que bom seria se assim conseguíssemos olhar para quem está diante de nós, não importando a estatura ou idade, mas, simplesmente, com a consciência de que assumimos, por amor, uma missão maior: educar no amor e com amor!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez ao final deste artigo, tenhamos mais questionamentos do que repostas. Se você assim se considerar, está no caminho certo.

Ao longo dos anos aprendemos que há sons no silêncio e em voz alta. As leituras de pontos de vistas diferentes ampliam os horizontes. Uns optam pela visão que alcança os próprios olhos; outros se desafiam para enxergar novos horizontes.

Teorias e práticas permeiam e tecem o mundo, outros dizem que as ideias propagadas no papel permanecem e por intermédio do pensamento humano se ressignificam e nos ressignificamos ao seu compasso.

Uma formação de personalidades sadias, responsáveis e capazes de opções livres e assertivas implicam um processo educacional de gradualidade. Para um itinerário curricular pastoral optar pela pedagogia que tem como referência as atitudes de Jesus de Nazaré provoca uma ação educativa capaz de responder aos dilemas da própria pessoa humana?

Não é simplesmente a transmissão de saberes que está no centro das práticas pedagógicas, mas é preciso que os mesmos se tornem significativos. Como as famílias e a pastoral escolar poderão propiciarem vivências para que os diversos saberes sejam aplicados no contexto da vida?

Faz-se necessário uma nova epistemologia iluminada pela ética e pelo respeito à pessoa num diálogo que harmoniza todos os discursos: o científico, o cultural e o religioso. Será que pensamos como sujeitos educacionais? Quem protagoniza o itinerário formativo e qual o estilo desse caminhar?

Ninguém está pronto, pois a proficiência da vida é o caminho que se conquista, não somente com a experiência pessoal, mas num evento social e coletivo. O desafio neste contexto é falar à existência de cada criança, adolescente e jovem.

Devemos ter a coragem e audácia, pais e educadores, de deixar um processo linear e sequencial apenas de transmissão de valores humanos, acadêmicos e cristãos, para uma comunicação interativa e vivencial destes valores que de fato constituem a pessoa humana e a fazem optar pela vida e pela alteridade. Isto requer ainda mais, vivência, testemunho e diálogo, muito além do que já se ensina.

Para nós que existimos neste tempo da história, chegou o momento de reescrever com muita alegria, paixão e esperança uma nova página: descobrir o sentido de uma vida com "V" maiúsculo, num contexto mutável, flexível, de múltiplos significados; comprometer-se consigo mesmo e com os outros, mediante a vivência de uma cidadania ativa e responsável; construir uma síntese entre vida, cultura, ciência e fé.

Importa também sabermos valorizar as conquistas do ciberespaço. Hoje não dá para trabalhar com a dicotomia, desde que estabeleçamos vínculos reais com as pessoas que convivem conosco, que estão ao nosso lado e necessitam de escuta e atenção. Talvez seja este um primeiro exercício de tantos outros ao longo da vida.

Falar desta proposta de itinerário formativo implica reconhecer a vastidão do universo de "saber" que é constantemente gestado, discutido e partilhado. Reconhecemos que se trata de um ambiente privilegiado, plural, com inúmeras possibilidades para ações sócio-transformadoras.

Ao reiteramos que inúmeros peritos estão constantemente atentos às mudanças presentes em nossa sociedade, que há um labor científico rigoroso e uma ação efetiva para a comunidade, estamos atribuindo que Família e Escola tem seu papel social muito demarcado e toda a comunidade escolar é envolvida pela intersecção de saberes e inter-relação de pessoas.

Com a convicção e humildade de que estas linhas apenas despertam o muito que cada um dos leitores já tem como saber adquirido e transformado, ouso citar que o Mestre dos mestres, Jesus Cristo, nos ensinou: a motivação mais poderosa para a vida é o AMOR.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: *Análise de Textos Orais*. PRETI, D. (Org.). 4ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. (Projetos Paralelos: v.1)

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Paulus, 2001.

CELAM. *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* – Aparecida, 13-31/05/2007.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOLLER, Felipe Sérgio. *10 ensinamentos do Papa Francisco para as famílias*. 2016. Disponível em http://www.semprefamilia.com.br/10-ensinamentos--do-papa-francisco-para-as-familias/. Acesso em 25/05/2017.

MARTINEZ SISTACH, Lluís. *Como aplicar a Amoris Laetitia*. Trad. Hugo C. da S. Cavalcante. 1ª ed. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2017.

MILLEN, Maria Inês de Castro. Educar para os valores. In: PESSINI, Leo, ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Ser e Educar: teologia moral, tempo de incertezas e urgência educativa*. Aparecida – SP: Editora Santuário; São Paulo – SP: Centro Universitário São Camilo, p. 225-235. 2011.

NOGUEIRA, N. R. *Interdisciplinaridade aplicada*. São Paulo: Érica, 1998.

PPP. Projeto *Político Pedagógico da Sagrado Rede de Educação*. 2016.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura.* Porto Alegre: Art Média, 1998.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e Poder*. (Orgs.) HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karina. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ZABALA, Antoni. *A Prática Educativa: como ensinar.* 1ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

O ORIENTADOR EDUCACIONAL E O PROCESSO DE GESTÃO DE CONFLITOS

Hosana Auxiliadora T. Caetano[1] – Secretaria Mun. de Educação SME
Marisa Claudia Jacometo Durante[2] – Faculdade La Salle – La Salle
Paulo Renato Foletto[3] – Faculdade La Salle – La Salle

RESUMO

A ação do Orientador Educacional (OE) envolve um conjunto específico de atividades, como incentivar os alunos no processo de sua aprendizagem; orientá-los para as temáticas sociais e afetivas; auxiliá-los na sua escolha profissional, entre outras ações, que são organizadas em cada instituição de ensino. O objetivo geral do estudo foi identificar como o OE pode contribuir na gestão de conflitos existentes entre o corpo docente. Buscou-se especificamente: a) Identificar quais são os conflitos existentes entre o corpo docente; b) Investigar as causas dos conflitos entre o corpo docente; e c) Compreender a atuação do OE no processo de gestão de conflitos. Essa pesquisa realizou-se a partir de um estudo de caso com 321 professores que atuam em uma escola da rede municipal de ensino de Lucas do Rio Verde – MT, feita através de um questionário. As principais bases teóricas foram (GRINSPUN, 2011); (FRIEDRICH e WEBER, 2014). A pesquisa possibilitou evidenciar que a escola não possui um plano de ação para gestão de conflitos bem definido, o que acaba influenciando os gestores a ignorá-los em vez de gerenciá-los. Assim, entende-se que a gestão de conflitos deve ser pautada no processo de mediação, pois é um processo transparente, imparcial

1 Especialista em Orientação Educacional. Assessora Pedagógica do Município de Lucas do Rio Verde – MT. E-mail: hosanacaetano12@gmail.com

2 Doutora em Educação. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão. E-mail: marisa@faculdadelasalle.edu.br

3 Mestre em Administração. Diretor Administrativo. E-mail: foletto@faculdadelasalle.edu.br

e pautado no diálogo, onde as partes são conduzidas a encontrarem o melhor caminho para a resolução do conflito com o mínimo de sequelas possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Orientador Educacional. Gestão de conflitos. Mediação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação é a essência para o desenvolvimento social. Com ela é possível transformar realidades e construir uma sociedade que sabe e exerce seus direitos e deveres, oferecendo a todos a possibilidade de ver seus sonhos e planos realizados independentemente de cor, raça, credo, classe social, entre outras situações de diferença encontradas na sociedade.

A escola, portanto, é de fato esse ambiente de envolvimento e desenvolvimento social entre alunos, pais e profissionais em pleno desenvolvimento de suas funções. É nesse espaço, rico em relacionamentos interpessoais, onde é possível observar os primeiros contatos do indivíduo em um ambiente social que não o convívio familiar e as relações no ambiente de trabalho na vida profissional dos colaboradores de cada instituição de ensino.

E, como se trata de relacionamento humano, há com bastante frequência divergências de ideias, opiniões, entre outras questões que muitas vezes levam a situações conflituosas entre os atores da determinada situação.

Esses conflitos ocorrem de forma corriqueira dentro do ambiente escolar e, muitas vezes, desafiam professores e equipe gestora a buscarem constantemente estratégias que os auxiliem nesse processo de gerenciamento de conflitos.

Embora os docentes lidem diretamente com esse processo no desenvolvimento de suas funções diárias, eles também são vítimas e motivadores de situações geradoras de conflitos dentro das unidades de ensino. E esses são, de fato, os processos mais complexos a serem gerenciados dentro das escolas, pois, muitas vezes, atinge até mesmo quem deveria ser responsável pela qualidade da gestão de pessoas, a equipe gestora desse ambiente.

Nessa perspectiva, não cabe analisar somente a relação profes-

sor-aluno ou aluno-aluno, mas também a relação educador-educador, escola-família, a fim de compreender a importância das relações interpessoais no ambiente de trabalho dentro das unidades de ensino, importante espaço de constante construção do conhecimento e formação humana.

Muitas escolas apresentam-se com uma equipe docente desmotivada, sem entusiasmo para o desenvolvimento de suas funções e com índice de qualidade por atingir, em virtude de trazer consigo seus conflitos a resolver-se; contudo, para que realmente ocorra o trabalho em equipe, esta precisa estar plenamente engajada com seus pares em busca de um só objetivo.

Diante disso, busca-se compreender o papel do Orientador Educacional, doravante chamado de (OE), neste processo de gestão da equipe docente dentro das unidades de ensino. Sabe-se que o OE tem a função de "[...] ajudar na solução dos problemas dos alunos e de toda a comunidade escolar, numa perspectiva de melhor compreensão do sujeito e de suas relações dentro e fora da escola" (GRINSPUN, 2011:176), e, para tanto, "possui caráter mediador junto aos demais educadores, atuando com todos os protagonistas da escola no resgate de uma ação mais efetiva e de uma educação de qualidade nas escolas" (GRINSPUN, 2011:35).

No bojo da mediação do OE, Durante e Yanagu (2017), em sua pesquisa sobre as relações familiares e aprendizagens, ressaltam que a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humanos que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele. Estudar as relações em cada contexto e entre eles constitui fonte importante de informação, na medida em que permite identificar aspectos ou condições que geram conflitos e ruídos nas comunicações e, consequentemente, nos padrões de colaboração entre eles. Nessa direção, é importante observar como a escola e, especificamente, os professores empregam as experiências que os alunos têm em casa.

As autoras ainda ponderam que os laços afetivos estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas desses vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada. Nesse processo, os estágios diferenciados de desenvolvimento, característicos dos membros da família e também dos segmentos distintos da escola, constituem fatores essenciais na

direção de promover mudanças nos papéis da pessoa em desenvolvimento, com repercussões diretas na sua experiência acadêmica e psicológica.

Nessa perspectiva de que quando atuante nas unidades escolares o OE contribui na resolução dos problemas, com ações mais efetivas junto a toda a comunidade escolar, desponta o seguinte questionamento: Como o OE pode contribuir na gestão de conflitos existentes entre o corpo docente? Com o objetivo geral de identificar como o OE pode contribuir na gestão de conflitos existentes entre o corpo docente.

Busca-se especificamente: a) Identificar quais são os conflitos existentes entre o corpo docente; b) Investigar as causas dos conflitos entre o corpo docente; e c) Compreender a atuação do OE no processo de gestão de conflitos.

A relevância do tema se dá mediante a possibilidade de encontrar caminhos que possam contribuir com as equipes gestoras e a escola em geral no processo de gerenciamento de gestão de conflitos em meio ao corpo docente, identificando quais os principais desafios e como o OE pode contribuir nesse processo. Propicia, ainda, uma análise a respeito dos desafios que as escolas enfrentam com a ausência do OE inserido, contribuindo de forma eficaz para o processo de ensino e aprendizagem de qualidade nesse ambiente. Leva a refletir, também, sobre as atribuições do OE discutidas atualmente e quem de fato estaria mais capacitado profissionalmente para gerenciar o clima organizacional dentro das unidades escolares, levando em consideração que uma equipe bem gerenciada é capaz de apresentar melhores resultados.

ORENTAÇÃO EDUCACIONAL

Em Boston, nos Estados Unidos, em 1908, em meio a evoluções tecnológicas, Frank Parsons criou um sistema de orientação para adolescentes que ainda não optaram por uma carreira, dando início à Orientação Vocacional. "Ela surgiu no contexto mundial como fruto de movimentos existentes na época, que fizeram eclodir tal prática" (GRINSPUN, 2011:25).

"No Brasil, a Orientação Educacional teve, em sua implantação, grande influência da orientação americana, em especial o *counselling* (aconselhamento), e da orientação educacional francesa"

(GRINSPUN, 2011:26). Então, na década de 1920, o Brasil dá início às primeiras experiências de OE com a criação de um serviço de seleção e orientação profissional para alunos do curso de Mecânica da Escola Politécnica de São Paulo.

Sendo o primeiro país no mundo a ter a Orientação Educacional proclamada obrigatória através de documento legal (GRINSPUN, 2011:26), surgem então, "leis com o objetivo de fortificar a implantação e esclarecer as funções destes profissionais".

O Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, trouxe, pela primeira vez, a expressão Orientação Educacional à legislação federal brasileira. Sempre apoiada na fundamentação psicológica de conhecer melhor o aluno, visando seu ajustamento, a OE "foi caminhando em sua trajetória no Brasil, agora fortificada por ser legalmente instituída" (GRINSPUN, 2011:28).

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, o foco agora volta-se para a formação do OE para os cursos primários e secundários. Sendo, em seguida, regulamentado o exercício da profissão de OE por meio da Lei nº 5.564/68, uma vez que surge a profissionalização na área.

Neste curso, a história da OE e seus significados vão sendo construídos levando em consideração a evolução e o desenvolvimento histórico, com o qual mantêm estreita relações. A multiplicidade de sentidos do que é orientar, a diversidade de interpretação dessa área com os domínios dos campos, como a orientação vocacional, escolar e outras, tornam seu conhecimento complexo e instigante (GRINSPUN, 2011).

Em virtude de desafios, fracassos e descrenças ocorridos no decorrer da história, o papel do OE já passou por muitas reflexões e mudanças, sendo ainda motivo de discussão e dúvidas aos olhos dos profissionais da educação, principalmente dentro das unidades escolares que ainda não têm bem claro qual é o papel e a importância desse profissional no dia a dia da escola.

Sendo visto como o profissional que vem para resolver, de forma imediata, todos os problemas das escolas, o OE é muito esperado e solicitado pelos professores que, ao desenvolver suas funções com esse profissional, evidentemente se frustram em suas expectativas, que ultrapassam os objetivos e funções do trabalho de orientação educacional. Grinspun (2011:226) explica que "o orientador trabalha com a subjetividade, com a cultura, com a ética, com a formação

das identidades, com o imaginário, com as representações sociais. Campo amplo e extenso formado por redes de conhecimentos, teias de sentimentos e valores".

Nessa ótica, fica evidente que o trabalho do OE requer tempo para obter os resultados esperados, pois dependem da reflexão, da determinação e dos interesses dos envolvidos. Sendo este um trabalho imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo de forma integral, é de fato fundamental que todos os envolvidos no processo compreendam como ocorre o trabalho desse profissional, a fim de evitar frustrações que levem a comunidade escolar ao desinteresse pela a atuação do mesmo.

Nessa perspectiva, o trabalho do OE é fundamentado por legislações que determinam, de forma ampla, quais as funções desse profissional nas unidades de ensino. Porém, para que seu trabalho não se perca a inúmeras ações e funções existentes no ambiente escolar, faz-se necessário que haja um planejamento, como explicam Giacaglia e Penteado (1996:8):

> [...] ele precisa estar consciente de que tem um plano a executar e de que deve desempenhar suas funções precípuas, não assumindo tarefas que não sejam de sua competência e/ou alçada. Assim procedendo, estará contribuindo para que seu papel seja percebido cada vez mais claramente.

Portanto, a garantia do sucesso do trabalho desse profissional depende de um plano bem elaborado e de conhecimento de toda a comunidade escolar, onde se garanta que sua atuação venha a contribuir no processo de ensino e aprendizagem das unidades de ensino.

CONFLITOS

Berg (2012 apud FRIEDRICH e WEBER, 2014) esclarece que a palavra conflito vem do latim *conflictus*, que significa choque entre duas coisas, embate de pessoas, ou grupos opostos que lutam entre si, ou seja, é um embate entre duas forças contrárias.

Aplicando à realidade, conflito é um estado antagônico de ideias, pessoas ou interesses e não passa, basicamente, da existência de opiniões e de situações divergentes ou incompatíveis (BERG, 2012 apud FRIEDRICH e WEBER, 2014).

Berg (2012:18 apud FRIEDRICH e WEBER, 2014:38) afirma ainda que "o conflito nos tempos atuais é inevitável e sempre

evidente. Entretanto, compreendê-lo, e saber lidar com ele, é fundamental para o seu sucesso pessoal e profissional".

Dreu (2007 apud FRIEDRICH e WEBER, 2014:55) explica que "conflito é um processo que começa quando um indivíduo ou um grupo sente que os atos ou as intenções de outro indivíduo ou grupo podem prejudicar os próprios interesses, convicções, normas, valores". Assim, é uma parte normal da vida organizacional, já que as pessoas têm ideias diferentes sobre todos os tipos de situações. "Não é bom ou mau em si mesmo: o que é bom ou mau é o impacto que terá na organização" (OWENS, 2004:328 apud FRIEDRICH e WEBER, 2014:67).

Berg (2012 apud FRIEDRICH e WEBER, 2014) explica que os principais conflitos existentes em meio ao grupo de trabalho são os pessoais e interpessoais. O conflito pessoal está ligado em como a pessoa lida consigo mesma, são inquietações, discrepâncias pessoais do indivíduo, e reflete em uma lacuna entre o que se diz e faz, ou contrasta entre o que se pensa e como age. Esse tipo de conflito pode levar a altos níveis de estresse e atrito. Já conflito interpessoal é evidenciado como o que ocorre entre indivíduos, quando duas ou mais pessoas encaram uma situação de forma diferente.

Portanto, quando se trata de relações humanas, é impossível não haver situações de conflito. E a escola está diretamente ligada a essa lógica, pois pode-se observar facilmente que em cada segmento que compõe o corpo da escola há inúmeros conflitos ocorrendo a cada instante, o que resulta em um grande desafio a ser gerido diariamente.

Robbins (2005:326) explica que "os conflitos podem ser considerados um problema grave nas organizações, sendo capazes de criar situações difíceis e que impossibilitam o trabalho em conjunto ou vir de encontro com os objetivos do grupo e elevar o seu desempenho". Com uma visão interacionista, Robbins (2005:327) argumenta que "[...] um grupo harmonioso, pacífico, tranquilo e cooperativo está na iminência de tornar-se estático, apático e insensível [...]". Afirma ainda que "[...] dizer que todos os conflitos são bons ou ruins é ingênuo e inapropriado. O que torna um conflito bom ou ruim é a sua natureza".

Nessa ótica, observa-se que os conflitos se dividem em duas vertentes: os funcionais, observados como formas construtivas de conflitos, e os disfuncionais, aqueles que se apresentam como formas

destrutivas. Porém, para diferenciar um conflito funcional de um disfuncional faz-se necessário observar os três tipos de conflitos existentes: conflitos de tarefas, de relacionamento e de processo. Robbins (2005:327) explica que "o conflito de tarefas está relacionado ao conteúdo e aos objetivos do trabalho. O conflito de relacionamento se refere às relações interpessoais. O conflito de processo relaciona-se à maneira como o trabalho é realizado".

Por meio dos tipos de conflitos apresentados constroem-se os critérios que diferenciam os conflitos funcionais dos disfuncionais. Nessa perspectiva, de acordo com Robbins (2005:327),

> [...] os conflitos de relacionamentos são quase sempre disfuncionais. [...] aparentemente, o atrito e as hostilidades interpessoais inerentes aos conflitos de relacionamento aumentam os choques de personalidades e reduzem a compreensão mútua, o que impede a realização das tarefas organizacionais. Por outro lado, níveis reduzidos de conflitos de processos e níveis de baixos a moderados de conflitos de tarefas são funcionais. Para que o conflito de processo seja produtivo, seu nível tem de ser baixo. A discussão intensa sobre quem deve fazer o que se torna disfuncional quando gera incertezas sobre os papéis de cada um, aumenta o tempo de realização das tarefas e leva os membros a trabalhar com propósitos difusos. Um nível baixo a moderado de conflito de tarefa demonstra consistentemente um efeito positivo no desempenho do grupo por estimular a discussão de ideias que ajudam o trabalho em equipe.

Nesse sentido, o grande desafio para os líderes está em gerenciar os três tipos de conflitos de forma a garantir que esses estimulem positivamente toda sua equipe, garantindo que haja crescimento profissional e das organizações/escolas onde atuam.

METODOLOGIA

Esse estudo utilizou o método indutivo, com estudo de caso qualitativo e descritivo. Foram entregues 400 questionários, nos quais retornaram 321 respondidos pelos professores, isso corresponde a 80,25% de retorno.

Desse universo de respondentes, 90% exerce a função de docente e 10% exerce a função de coordenador pedagógico. 1% possui idades entre 18 a 25 anos; 62%, de 26 a 40 anos; e 33%, de 41 a 60 anos. A maioria dos participantes respondentes da pesquisa é do sexo feminino, correspondendo a 81% do dos entrevistados, enquanto apenas 19% são do sexo masculino. 52% são casados, 5%,

solteiros, 5%, divorciados e 38% dos participantes não responderam. Com relação ao número de filhos, 76% possuem filhos, destes, 13% têm 1 filho; 50% têm 2 filhos, 31% têm 3 ou mais e 24% dos entrevistados não possuem filhos.

Quanto ao nível de escolarização, o percentual de profissionais com especializações foi de 24% de professores graduados e 71% são pós-graduados, o que chamou a atenção para a qualidade dos profissionais dessa unidade de ensino. Ainda, 5% desses profissionais não responderam a essa questão.

Dos docentes que participaram da pesquisa foi constatado que apenas 5% dos profissionais atuam como docente há 1 ano ou menos; 43% atuam de 2 a 6 anos e o maior grupo de respondentes, 57%, atuam como docentes há 7 anos ou mais

Do grupo envolvido na pesquisa foram observados que 24% dos profissionais atuam com carga horária maior que 40 horas semanais, sendo que somente 28% atuam com 40 horas semanais, 43%, com 30 horas semanais e 5% dos profissionais atuam com carga horária de 20 horas semanais.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Preservando a identidade dos respondentes, os mesmos serão identificados no texto pela letra P seguido de número, como P1, P2 [...] P21.

IDENTIFICAR QUAIS SÃO OS CONFLITOS EXISTENTES EM MEIO AO CORPO DOCENTE

Para atingir esse objetivo foi observada, a priori, qual a percepção do professor a respeito do conceito de conflito que traz definido consigo e em seguida buscou-se conhecer o ambiente e a cultura de relacionamento que se preza nessa instituição de ensino, para enfim, levantar os principais conflitos que ocorrem em meio a essa equipe.

Assim, quando questionados sobre o que cada docente entende por conflito, a pesquisa aponta que essa equipe possui um conceito de conflito bem definido e coeso entre a maioria dos docentes. De forma geral, as definições se complementam, seguindo uma linha onde o conflito é evidenciado apenas em situações em que envolvam duas ou mais pessoas ou grupo em busca de necessidades ou desejos diferentes; neste sentido, observa-se que o foco dos docentes envol-

vidos nessa pesquisa está nos conflitos interpessoais, com características de que há na rotina da escola um aproveitamento dos conflitos para fomentar debates democráticos para tomadas de decisão.

A fim de compreender e classificar os conflitos existentes em meio ao corpo docente, também foi questionado a respeito da definição de conflitos entre positivo e negativo. Ao responder a essa questão, foram disponibilizadas as opções positiva e negativa, e 19% dos docentes assinalaram as duas opções. Já 48% desses profissionais consideram os conflitos positivos.

Dessa forma, evidencia-se que esses profissionais carregam inseridos em sua cultura de trabalho, em sua maioria (quase 50%), o lado positivo do conflito. Realizando uma conexão entre essa questão e a anterior, é possível observar que um número considerável dos conflitos que surgem nessa equipe é abordado com base na razão e na mobilização de esforços entre os pares, que promovem a busca criativa de soluções, elevando a habilidade das pessoas para o trabalho em equipe, mostrando que os professores sabem fazer o bom uso dos conflitos que surgem em seu meio para alcançar bons resultados.

Ao conhecer a definição e a classificação de conflito para os entrevistados, foi investigado se ocorrem conflitos no ambiente de trabalho dos mesmos. A pesquisa aponta que 90% dos participantes relataram que existe algum tipo de conflito em seu ambiente de trabalho. Os outros 10% relatam não existir ou que às vezes ocorrem conflitos em seu ambiente de trabalho. Evidencia-se que entre os profissionais da educação existem conflitos a serem analisados, discutidos e superados, para então haver a completa evolução da educação.

Em seguida, foi solicitada aos respondentes a identificação dos tipos de conflitos que surgem em meio ao corpo docente – essa pergunta teve como objetivo identificar quais os conflitos que surgem em meio ao corpo docente. Pelas respostas obtidas foi identificado que os conflitos giram em torno de divergências de ideias e opiniões, ausência de orientações adequada ou talvez falha na comunicação, intolerância, desrespeito, entre outras situações que surgem em meio ao relacionamento interpessoal.

Foi possível observar que os tipos de conflitos ocorridos não são de proporções graves e, se adequadamente gerenciados, tendem a se extinguir e proporcionar o crescimento da equipe, sendo evidenciado na maioria das respostas e fortemente esclarecido pelo respondente P12 quando relata: “Os conflitos que surgem são sempre em

relação à opinião e ao entendimento do que está sendo trabalhado para a melhoria do processo". Portanto, é possível evidenciar que os tipos de conflitos estão ligados, em sua maioria, ao desejo fazer com que o trabalho flua, atingindo bons resultados. Contudo, evidencia-se a dificuldade do grupo em aceitar a ideia do outro – por diversas vezes são citadas a intolerância, a dificuldade em ouvir, as divergências de ideias e opiniões, entre outros.

Para compreender um pouco mais a respeito dos conflitos elencados pelos docentes, foi questionado a respeito da frequência em que surgem esses conflitos, oferecendo alternativas que variaram entre várias vezes ao dia a situações esporádicas. A pesquisa demonstra que 48% dos docentes responderam que os conflitos ocorrem esporadicamente e 38%, entre três a quatro vezes durante a semana – evidenciando, então, índices altos de ocorrências de situações que giram em torno de divergências de ideias, opiniões, ausência de orientações adequada ou talvez falha na comunicação, intolerância, desrespeito entre outras situações que surgem em meio ao relacionamento interpessoal, conforme diagnosticada na questão anterior. Fato que preocupa quando ocorrem com tanta frequência, pois atravancam o trabalho, criam conflitos negativos e evidenciam uma falha na gestão que precisa ser diagnosticada e trabalhada com bastante intensidade. Ainda registra-se que 14% desses profissionais não responderam a esse questionamento.

Para esclarecer onde ocorrem esses conflitos foi solicitado aos docentes que apontassem onde está o maior desafio para uma gestão de conflitos. Como na questão a seguir, não houve esclarecimentos a respeito do número de alternativas que o participante poderia assinalar – foram respeitadas e consideradas as respostas que traziam somente uma, duas ou mais alternativas assinaladas pelo entrevistado. Dessa forma, o P5 assinalou duas alternativas, o P14 assinalou três e os demais registraram somente uma alternativa cada participante.

Observa-se, portanto, que não há evidências de conflitos entre professores e gestor, equipe de apoio e pais. Porém, traz a reflexão para os índices de conflitos envolvendo os próprios professores (entre os pares), 46% e entre professores e coordenação pedagógica, 25%. Além disso, pontua-se 29% de conflitos entre professor e alunos, índices que podem causar a ineficiência no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, para que haja aprendizagem,

se faz necessário um vínculo emocional afetivo. Há novamente uma evidência de fragilidade na gestão de forma geral dessa unidade de ensino, uma vez que a falta de gestão de pessoas é um dos principais fatores que alimenta o conflito de forma negativa entre os profissionais e, no caso dessa equipe, 71% dos conflitos estão ocorrendo entre a equipe pedagógica (professor x professor, professor x coordenador), conforme dados da pesquisa.

Portanto, os conflitos existentes no corpo docente, foco dessa pesquisa, são os de relacionamentos interpessoais, cujas evidências são de grandes níveis de insatisfação a respeito da incompatibilidade de ideias e opiniões frequentes do grupo docente, o desrespeito às diferenças existente entre estes, além de assuntos mal resolvidos e ausência de orientações adequada para o bom andamento do trabalho. É possível interpretar que "esses conflitos ocorrem como uma pequena diferença de opinião, chegando a níveis graves e até se tornando uma hostilidade franca, levando a um conflito negativo entre pessoas ou o grupo" (MARTINELLI e ALMEIDA, 1998:53), pois não houve registros de outros conflitos que não fossem os interpessoais.

INVESTIGAR AS CAUSAS DOS CONFLITOS ENTRE O CORPO DOCENTE

Essa etapa tem como objetivo o mapeamento das potenciais fontes geradoras de conflitos. Para tanto foi perguntado aos docentes, que já passaram por alguma situação de conflito, em que situação é possível classificar a maior parte dos conflitos entre o corpo docente. Classificados em conflitos funcionais e disfuncionais, os professores indicam que 62% desses conflitos são funcionais. Apesar de 62% dos docentes classificar que a maior parte dos conflitos existentes entre o corpo docente é de categoria funcional – e faz com que esses cresçam profissionalmente e como pessoas –, 28% ainda acreditam que esses conflitos que ocorrem dentro de sua equipe podem ser classificados, em grande parte, comoconflitos disfuncionais, afetando negativamente toda ou parte da equipe. Esses fatos mostram que a equipe está vendo grande parte dos conflitos como algo que não vem auxiliando no processo de construção pedagógica.

Aqui foi solicitado que os participantes da pesquisa justificassem sua resposta, o que esclareceu as razões pelas quais a equipe acredita que ocorrem em meio a sua equipe: são em maioria funcionais.

Com os relatos dos docentes, foi possível observar que dos 62% desses profissionais, que afirmaram que os conflitos são funcionais, reforçam suas observações mediante teses que permeiam o fato de grande parte dessa equipe fazer uso dos conflitos para levar a equipe a refletir e encontrar a solução aos seus desafios. Porém há também registros preocupantes que indicam uma intolerância, mesmo registrada de forma tímida, mas é possível observar conforme registra P12: "Por não saber ouvir e refletir sobre esse assunto, sendo egoísta ao ponto de preferir não crescer, não dando o braço a torcer, preferindo ficar preso em um casulo". Esse fato evidencia que pode haver uma guerra não abertamente declarada entre os docentes, de quem realmente está sempre com a razão, ou um conflito interno ou interpessoal ocorrendo com esse profissional.

Ao classificar os conflitos, foi solicitado aos partícipes da pesquisa que fizessem uma reflexão, a fim de apontar as principais causas dos conflitos ocorridos em meio ao corpo docente da instituição de ensino onde atuam. Alguns professores elencaram mais de uma causa. Aqui, fica evidente que os conflitos dessa equipe ocorrem principalmente por questões sobre pontos de vista, interesses, opiniões diferentes entre outros. Porém, é evidenciado que 18% dos conflitos ocorrem por ausência de regras e ações efetivas e bem definidas, o que abre espaço para conflitos disfuncionais que causam desgastes desnecessários na equipe. Martinelli (1998, p. 48) explica que "o conflito faz com que o fluxo de informações seja distorcido, com alguns participantes falando com apenas de quem gostam e com o que concordam com eles". Dessa forma, as regras, ações entre outras situações que envolvem a comunicação não alcancem mais a eficácia necessária. Também foram pontuadas em 18% as diferenças de personalidades entre indivíduos que, dependendo da forma que for gerenciado, pode se tornar um problema ou trazer crescimento para o grupo. "A falta de interação ou existência de interação inadequada contribui para que decisões desacertadas e não compartilhadas sejam tomadas" (MARTINELLI e ALMEIDA, 1998:50).

Portanto, analisando os resultados, observa-se que as causas dos conflitos no corpo docente são em grande parte motivadas pela emissão de pontos de vistas, interesses, opiniões diferentes em relação ao mesmo problema. Porém, esses são causadores de conflitos por talvez existir uma falha na forma de essa equipe se comunicar entre si, o que pode causar vários problemas, transformando-os mais

tarde em conflitos entre esses profissionais.

Outro fator causador de conflitos entre esses profissionais apontado nessa pesquisa foi a ausência de regra e ações efetivas e bem definidas. Do ponto de vista empresarial, hoje, para que uma organização, instituição ou empresa funcione de maneira eficiente, é fundamental que haja clareza e objetividade nas expectativas, metas e ações em relações aos seus colaboradores. Por esse motivo, faz-se necessário uma atenção especial às regras, normas e orientações pelas quais os profissionais serão regidos dentro desta instituição. De acordo com Robbins (2005), as normas controlam o comportamento dos membros do grupo, estabelecendo o padrão do que é certo e errado. E, dessa maneira, eles terão conhecimento da conduta que se é esperada no ambiente de trabalho, evitando situações que impeçam o desenvolvimento das ações da instituição de ensino.

Apesar da formação acadêmica dos profissionais entrevistados, ainda há evidência de conflitos causados por diferenças de personalidades entre indivíduos. Martinelli e Almeida (1998) explicam que diferenças de personalidades são sempre invocadas como explicação para as desavenças entre pessoas no trabalho. As partes em conflito normalmente alegam que são reveladas no relacionamento alguma característica indesejada da outra parte. Portanto, cabe ao gestor gerenciar e proporcionar aos docentes crescimento profissional para superar o processo.

Os conflitos intrapessoais também se fazem presentes em meio ao corpo docente. Quando percebido que há conflitos de valores, ideias, atitudes, emoções do indivíduo com as regras aplicadas no local de trabalho, como a pesquisa evidencia, isso também interfere no desempenho do indivíduo e do grupo.

Contudo, é possível observar que há diversas causas de conflitos existentes em meio ao corpo docente, mas todas elas permeiam pelo mesmo espaço: a estrutura de gestão desta unidade escolar. Como a principal causa de conflito está ligado a ponto de vistas e opiniões diferentes de forma contínua, está evidente que esse corpo docente está fragilizado, pois não está conseguindo construir uma estrutura sólida entre todos da equipe. Observa-se, então, a importância da figura do coordenador pedagógico dessa equipe, que na verdade no decorrer da pesquisa também foi citado como fonte de conflitos negativos entre esses profissionais.

COMPREENDER A ATUAÇÃO DO OE NO PROCESSO DE GESTÃO DE CONFLITOS

Para compreender a atuação do OE no processo de gestão de conflito em meio ao corpo docente foram aplicadas seis questões que vieram a esclarecer, a priori, como ocorre o processo de gestão de conflito nessa unidade de ensino e como poderia ocorre a atuação do OE nesse processo.

Neste sentido a primeira questão analisouas políticas existentes para lidar com a gestão de conflitos, onde foi possível evidenciar também a clareza e o envolvimento do grupo com essas políticas. Na pesquisa, 57% dos professores afirmam que há políticas para lidar com gestão de conflitos em todos os segmentos da escola. 9% afirmam que essas políticas existem, mas não as conhece. 24% apontam que a escola adota medidas para lidar com os conflitos, porém não abrange todos os âmbitos da escola. 5% afirmam que não há políticas para lidar com conflitos; e esse mesmo percentual optou em não responder a essa pergunta. Nesse sentido, os fatos apontam que a gestão da escola se preocupa com os conflitos existentes em seu ambiente, porém faz-se necessário avançar com relação a sua divulgação e aplicação, pois ainda há um número significativo de profissionais que alegam desconhecimento ou inexistência dessas políticas. Portanto, ações que não são de conhecimento de todos possuem falhas, pois desde sua elaboração não considerou fatores importantes como o envolvimento de todas as partes em todo o processo. Assim, a equipe conhece, apropria e faz cumprir todas as políticas sem quaisquer conflitos.

Foi questionado também a respeito de quem está responsável pela gestão de conflitos hoje na escola. O resultado apontou que 51% dos professores acreditam que o responsável pela gestão de conflitos na escola é o gestor. Porém, 27% também indicam o coordenador como responsável e desses 51%, dos professores, 16% deles acresceram o professor como também responsável pela gestão de conflitos na escola. Essa ausência de clareza e definição pode dar abertura para posteriores conflitos a serem gerenciados.

Após compreender os conflitos e os processos de gestão de conflitos desenvolvidos na escola, foco desta pesquisa, procurou-se mapear o conhecimento desses docentes a respeito do papel do OE dentro das unidades de ensino. 58% dos professores compreendem

qual é o papel do OE nas unidades de ensino, porém, destes, somente 48% dos professores apontaram somente a opção que melhor descreve o papel desse profissional dentro da escola, que se caracteriza por ser um mediador frente aos conflitos existentes na escola. Os outros 10% dos 14, que assinalaram a opção correta demonstraram em suas segundas opções que ainda há grandes dúvidas com relação a essa função dentro do ambiente escolar.

O OE "é um especialista da educação – mas que tem compromisso com toda a educação que ocorre na escola, em uma perspectiva de educador; é um profissional que se insere no campo do magistério [...]" (GRINSPUN, 2011:78), porém, não cabe ao OE fornecer condições para que o professor realize seu trabalho; para tanto há a figura do gestor, que é especificamente responsável por todas as gestões da escola, e ainda o coordenador pedagógico, responsável pela parte pedagógica da escola. E, assim, gestor e o coordenador são os responsáveis por dar os subsídios necessários para que o professor realize seu trabalho.

Outro fato errôneo é acreditar que o OE é um fiscalizador de situações erradas; o trabalho é conjunto e todos estão comprometidos com o processo e os resultados (GRINSPUN, 2011). Assim como acredita que cabe a outro, se não ao próprio professor, cuidar das questões de indisciplina em sala de aula. A gestão de sala de aula é única e exclusivamente de responsabilidade do professor, que ao necessitar de orientações recorrerá, em primeira instância, ao seu coordenador pedagógico.

Essa pesquisa também buscou conhecer a percepção e opinião dos professores com relação ao OE contribuir no processo de gestão de conflitos na escola. Percebe-se que os docentes acreditam no trabalho do profissional de orientação educacional, onde 95% relatam que o OE pode contribuir no processo de gerenciamento de conflitos na escola.

Em seguida é perguntado para os entrevistados como poderia ocorrer essa atuação do OE no processo de gestão de conflitos. Foram disponibilizadas sete alternativas em que o docente poderia escolher quantas opções julgasse necessárias. De forma interessante e positiva, houve um equilíbrio com relação à seleção das alternativas, sendo as opções: Desenvolvendo formações/capacitações à equipe docente; diagnosticando o problema e encaminhando para outras instâncias; elaborando projetos que norteie os responsáveis pela

gestão de conflitos. Foram escolhidas por 24% dos docentes para explicar de que forma pode ocorrer esse trabalho do OE referente à gestão de conflitos na escola. 26% apontaram como uma de suas alternativas a seguinte opção: Responsabilizando-se pelo processo de mediação de conflitos. Contudo, houve 2% dos docentes que pontuaram que o OE deve usar de alguns recursos para que os conflitos nunca apareçam. Essa alternativa foi registrada de forma intencional, pois traz consigo uma visão tradicional do conflito.

A esse respeito (ROBBINS, 2005:374) pondera que:

> [...] Essa conceituação certamente oferece uma abordagem simples de observação do comportamento das pessoas que criam o conflito. Como todo conflito deve ser evitado, precisamos apenas prestar atenção às causas dele e corrigir o mal funcionamento, para melhorar o desempenho do grupo, muitos de nós ainda avaliamos as situações de conflitos utilizando este modelo ultrapassado.

Nesse sentido, com exceção dos 2% dos docentes, os professores não detêm uma visão tradicionalista para o conflito.

A opinião dos docentes partícipes dessa pesquisa, referente ao OE aplicar o processo de gerenciamento de conflitos, demonstra que 81% dos respondentes acreditam que o OE pode aplicar o processo de gestão de conflitos em todos os seguimentos que forem necessários a sua atuação. Sendo que 19% desses docentes acreditam que o OE deve atuar somente entre alunos, pais e comunidade, deixando assim de atuar junto ao corpo docente.

Observa-se um avanço com relação ao papel do OE estar estritamente relacionado ao aluno. É possível evidenciar uma evolução, onde os profissionais da educação começam a perceber que essa função pode e deve contribuir muito mais dentro das unidades escolares, sem perder seu foco principal, o aluno.

Contudo, foi solicitado aos docentes que deixassem comentários que julgassem necessários, cujo questionário não contemplou. Dessa forma, a professora P4 registra que "toda escola deveria ter um profissional OE". Sendo essa uma das maiores necessidades encontradas pelas unidades de ensino, pois existe um número muito pequeno de escolas que podem contar com esse profissional em sua equipe. A entrevistada P5 reforça: "Acredito que a função do OE na escola é de extrema importância, visto que quem está desenvolvendo essa função é a equipe gestora da escola, a qual acabam se sobrecarregando".

> Penso que contemplou sim, somente só gostaria de contribuir acrescentando que na minha opinião as funções e/atribuições desse profissional (a, b, c, d, e) podem ser um plano em consonância com a equipe gestora da escola, com todos desenvolvendo uma ação conjunta com o mesmo objetivo (P6, 2015).

Nesse sentido, busca-se no OE uma parceria com a equipe gestora já existente na escola. Sendo possível agregar conhecimentos para solucionar os desafios de forma eficiente e eficaz.

Todos os profissionais de uma escola devem saber lidar com conflitos. No entanto, quando se trata de conflitos em meio ao corpo docente, esse profissional precisa possuir capacitações específicas para que a escola não sofra as sequelas de conflitos mal resolvidos. Nesse sentido, observa-se que a capacitação profissional do OE é indiscutível para trabalhar o processo de gestão de conflitos com esses profissionais. Porém, para que esse fato ocorra a escola e todos os profissionais envolvidos precisam compreender a importância e a seriedade do trabalho para que este realmente ocorra, uma vez que é preciso compreender que o trabalho também estará sendo pensado para benefício do educando.

Nesse sentido, onde o OE estiver atuando com um profissional docente estará refletindo diretamente em cada aluno que esse profissional tiver contato para desenvolver um trabalho na unidade de ensino.

Visando contribuir com esse processo de gestão de conflitos, o OE terá domínio do conhecimento para aplicar técnicas que ajudem a equipe no processo do autoconhecimento, assim como a equipe gestora a mapear situações que necessitem intervenções. Terá como implantar na escola técnicas de mediação de conflitos realmente eficazes no cotidiano escolar, sendo assim o OE é responsável direto pela gestão de conflito na escola, em parceria com a equipe gestora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados levantados foram observados que a maioria das pessoas tem ou teve um conflito no ambiente de trabalho e a parcela que não teve já presenciou conflitos entre os colegas. Sendo que a maior causa de conflito identificado foram atitudes e ações do outro.

Contudo, essas causas de conflitos são esperadas e inevitáveis. Podem ser justificadas pelo relacionamento de diferentes personalidades, referências, interesses e valores de cada pessoa. É importante

que essa relação ocorra devido à necessidade de diversificação de conhecimentos para o crescimento e desenvolvimento de todos os envolvidos, assim como maneiras diferentes de agir e pensar enriquece e colabora para que as instituições de ensino possam encarar os desafios e problemas atuais.

A pesquisa possibilitou evidenciar que a escola não possui um plano de ação para gestão de conflitos bem definido, o que acaba influenciando os gestores a ignorar os conflitos em vez de gerenciá-los.

Foi possível observar também que há uma expectativa em relação à figura do OE nas instituições de ensino, pois há o entendimento de que esse profissional colaborará muito com os processos de ensino e aprendizagem.

Com relação à atuação do OE, ficou bastante clara a coerência na definição do papel, onde deve atuar e, principalmente, de que forma esse profissional deve atuar frente à gestão de conflitos em meio ao corpo docente. Cabe ressaltar que a pesquisa mostrou que é possível que o OE atue no gerenciamento de conflito junto ao corpo docente, pois foi grande o nível de confiança demonstrado pelos docentes no trabalho do OE. Grinspun (2011:54) explica que "a Orientação Educacional procura compreender a teoria e a prática de uma relação de mutualidade de dependência e de reciprocidade. Busca, a Orientação, ajudar na construção de uma prática emancipatória, tendo, a função de mediação".

Portanto, o OE tem todas as ferramentas para contribuir no processo de gestão de conflitos existentes em meio ao corpo docente da instituição de ensino em que desenvolve seu trabalho. "A Orientação deve, portanto, buscar os meios necessários para que a escola cumpra o seu papel de ensinar/educar, promovendo as condições básicas para a formação da cidadania de nossos alunos" (GRINSPUN, 2011:77).

Nesse sentido, a gestão de conflito deve ser pautada no processo de mediação, pois é um processo transparente, imparcial e pautado no diálogo, onde as partes são conduzidas a encontrarem o melhor caminho para a resolução do conflito com o mínimo de sequelas possíveis.

Para que a unidade de ensino consiga implantar esse processo, sugere-se o contato com um OE, uma vez que a escola não pode contar com esse profissional em seu quadro funcional, para que esse

possa realizar um mapeamento minucioso dos conflitos existentes em meio a essa equipe docente e, a partir daí, a equipe gestora possa envolver toda sua comunidade na construção de um projeto de mediação de conflitos. Além disso, sugere-se que a escola registre em seu Projeto Político Pedagógico e Regimento Interno a visão que a equipe docente tem com relação à atuação do OE junto aos conflitos em geral.

Considera-se, portanto, que esse trabalho atingiu o objetivo de identificar e compreender os principais motivos dos conflitos existentes no corpo docente e de que forma o OE pode contribuir no gerenciamento desses conflitos. Contudo observa-se a necessidade de se aprofundar as pesquisas sobre o tema, para que a complexidade do indivíduo e seu comportamento no ambiente escolar continuem sendo estudados rumo à eficácia do conhecimento das melhores práticas de gerenciamento que permitam às unidades de ensino um eficiente gerenciamento deste fenômeno.

REFERÊNCIAS

DURANTE, M. C. J; YANAGU, A. R. Relaciones familiares versus aprendizaje: un análisis con niños de 5 y 6 años. Alteridad. *Revista de Educación* p-ISSN:1390-325X / e-ISSN:1390-8642 http://doi.org/10.17163/alt.v12n1.2017.06 Vol. 12, No. 1, enero-junio 2017 pp. 66-77.

FRIEDRICH, T. L; WEBER, M. A. L. Gestão de *Conflitos*: Transformando Conflitos Organizacionais em oportunidades. Rio Grande do Sul: CRA, 2014.

GIACAGLIA, L. R. A; PENTEADO, W. M. A. *Orientação Educacional na prática*: princípios, técnicas, instrumentos. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

GRINSPUN, M. P. S. Z. *A Orientação educacional*: conflitos de paradigmas e alternativas para a escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINELLI, D. P; ALMEIDA, A. P. *Negociação e solução de conflitos*: do impasse ao ganha-ganha através do melhor estilo. São Paulo: Atlas, 1998.

ROBBINS, S. P. *Comportamento organizacional*. 11 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

Elizeli Faustinoni de Souza[1]

RESUMO

Nos dias atuais percebe-se um expressivo aumento nas denúncias de casos de violências ocorridas no ambiente familiar. Diante disso, busca-se com o presente artigo trazer uma breve reflexão sobre as relações familiares entre pais e filhos e quais as implicações dessas relações para o desenvolvimento infantil, com destaque para as situações de violência adotadas na disciplina dos filhos. Inicialmente, apresenta-se de forma resumida a história das relações familiares desde a Idade Medieval até os dias atuais. Descreve-se sinteticamente os quatro estilos parentais que são: o autoritativo, o autoritário, o indulgente e o negligente. Afirma-se a hipótese de que as relações familiares exercem significativa influência para o desenvolvimento humano, utilizando-se da teoria do pesquisador Urie Bronfenbrenner. Essa teoria cita que as relações interpessoais e as interações do indivíduo com o meio se dão nos seguintes sistemas: microssistemas, mesossistemas, macrossistemas e exossistemas. Esse autor trata também das implicações dessas relações para o desenvolvimento das crianças, enfatizando a importância do afeto no contexto familiar para que os sujeitos se desenvolvam de forma integral e saudável. Por último, conceitua-se os fatores de risco e de proteção propondo estratégias e ações para a superação das situações de risco que algumas crianças vivenciam em seu contexto familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Desenvolvimento. Fatores de risco.

1 Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Padre João Bagozzi, Curitiba – PR. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: elizsouza@fas.curitiba.pr.gov.br

"A gente olha, mas não vê;
A gente vê, mas não percebe;
A gente percebe, mas não sente;
A gente sente, mas não ama;
E, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa,
As infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz,
A gente não investe nessa vida, e se a gente não investe nessa vida,
A gente não educa, e se a gente não educa no espaço/tempo de educar,
A gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida;
A gente educa para a morte das infinitas possibilidades.
A gente educa (se é que se pode dizer assim) para uma morte em vida: a invisibilidade."

Azoilda Loretto da Trindade

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante do expressivo aumento de denúncias de violências ocorridas no ambiente familiar, o presente artigo tem como objetivo trazer uma breve reflexão sobre as relações familiares entre pais e filhos e quais as implicações dessas relações para o desenvolvimento infantil, com destaque para as situações de violência adotadas na disciplina dos filhos. Foram utilizadas referências da área da Psicologia e Saúde tomando como base a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano do pesquisador Urie Bronfenbrenner. Com isso, pretende-se buscar alternativas e estratégias de superação a fim de minimizar os danos causados no desenvolvimento das crianças e adolescentes, enfatizando também a importância da prevenção para essas situações. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica em livros, artigos, *sites* e legislações pertinentes ao tema.

A HISTÓRIA DA INFÂNCIA E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO FAMILIAR

As crianças sempre estiveram presentes na sociedade, porém as relações foram se diferenciando em cada época e cultura. Segundo historiadores, na sociedade medieval não existia o sentimento de infância, o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. Sentimento da infância, nesse contexto, significa a consciência da particularidade infantil, o que a distingue do adulto. Assim que as crianças passavam a ser indepen-

dentes dos cuidados de sua mãe ou ama, ingressavam na sociedade dos adultos e não se distinguiam mais destes. Outro fator decisivo na passagem da infância para a vida adulta era a sobrevivência dessa fase de alto nível de mortalidade, devido à falta de condições higiênicas e a consequente proliferação de doenças (ARIÈS, 1981).

Foi somente a partir do século XVI que surgiu o primeiro sentimento de infância, caracterizado pela "paparicação" no meio familiar. Na sequência foram surgindo de outros meios, como os homens da lei ou os eclesiásticos, que se preocupavam com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Viam nas crianças frágeis criaturas de Deus que precisavam ser conservadas e disciplinadas. Com isso, a preocupação centrou-se na higiene e saúde física. E a partir daí a criança passou a assumir um lugar central dentro da família (ARIÈS, 1981).

No Brasil, após a Proclamação da República, pairava um espírito de esperança para novos rumos, com forte tendência nacionalista. Porém, nesse período a realidade para as crianças brasileiras se mostrou bastante dura pois:

> Veio um século no qual muitas crianças e jovens experimentaram crueldades inimagináveis. Crueldades geradas no próprio núcleo familiar, nas escolas, nas fábricas e escritórios, nos confrontos entre gangues, nos internatos ou nas ruas entre traficantes e policiais. A dureza da vida levou os pais a abandonarem cada vez mais os filhos e com isso surgiu uma nova ordem de prioridades no atendimento social que ultrapassou o nível da filantropia privada e seus orfanatos, para elevá-la às dimensões de problema de Estado com políticas sociais e legislações específicas (PASSETTI, 2013, p. 347).

Dessa forma, percebe-se que ao longo da história, em diferentes culturas, a relação entre adultos e crianças foi marcada por situação de abuso e violação de direitos. Sendo somente no século XX a elaboração de tratados e legislações que previssem a defesa dos direitos de crianças e adolescentes, a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente, vigente no Brasil desde1990. Aliado à defesa dos direitos, também é recente a preocupação com os cuidados necessários para um bom desenvolvimento ao longo da vida.

Sobre a influência da relação familiar no desenvolvimento infantil, estudos na área de Psicologia mostram que nos dias atuais têm sido identificados alguns tipos de relações parentais, ou seja, a forma como os pais utilizam o poder sobre os filhos para discipli-

ná-los. Entre eles estão o estilo autoritativo, o autoritário, o indulgente e o negligente. No estilo autoritativo, a disciplina é imposta de forma indutiva e a comunicação entre pais e filhos é baseada no respeito mútuo. No estilo autoritário, as regras são impostas pelos pais de forma rígida sem qualquer participação da criança. Frequentemente utilizam a punição como forma de controlar o comportamento dos filhos, ao contrário dos pais indulgentes, que não estabelecem nenhuma regra nem limites para a criança, porém são afetivos e comunicativos com os filhos. E, no estilo negligente, os pais não são afetivos nem exigentes e não monitoram o comportamento dos filhos (CECCONELLO, 2003).

Desses, o estilo autoritativo é considerado o mais positivo para o desenvolvimento das crianças, pois fortalece a autonomia e a autoestima, trazendo bons resultados para a fase da adolescência. Porém, quanto ao estilo autoritário, este pode trazer muitos prejuízos ao desenvolvimento, já que frequentemente utiliza do controle como forma de punição. Cecconello (2003, p. 47) destaca que:

> As sanções punitivas tendem a eliciar sentimentos negativos nas crianças, inibindo a produção dos comportamentos, devido à ansiedade gerada por ela mesma ou por sua ameaça. Os autores distinguem duas formas de punição: a coerção e a ameaça de rompimento do vínculo afetivo entre a criança e os pais. Esta segunda forma de punição perturba o sentimento de segurança da criança com relação aos sentimentos parentais, gerando ansiedade. A utilização indiscriminada de ambas as formas de punição traz inúmeros prejuízos ao desenvolvimento psicológico da criança.

Assim, fica evidente que as relações familiares exercem um importante papel no desenvolvimento dos sujeitos e sobre isso iremos trazer algumas reflexões sobre a influência dessas relações a partir da teoria de Bronfenbrenner.

ABORDAGEM ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Com o intuito de aprofundar os estudos e entender melhor sobre o impacto das situações de risco no desenvolvimento infantil, tomamos como ponto de partida a abordagem ecológica do desenvolvimento humano proposta por Bronfenbrenner. Para esse autor (1989, p. 191), o desenvolvimento humano é definido como "o conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa

e do ambiente interagem para produzir constância e mudança nas características da pessoa no curso de sua vida" (apud ALVES, 1997). Porém ele nunca acreditou que o contexto determina o desenvolvimento, mas sempre usou a palavra "ecologia" para ressaltar a interdependência indivíduo-contexto.

Em seu livro A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados (1996), Bronfenbrenner defende a importância das relações interpessoais e a vivência em diferentes sistemas para o pleno desenvolvimento do indivíduo. Esses sistemas são definidos como microssistema (ambiente imediato no qual a pessoa passa boa parte do tempo engajada em atividades e interações, primeiros contatos da criança com o mundo externo, relações familiares, relações na sala de aula entre colegas e com os professores); mesossistema (representa as relações entre os diferentes microssistemas, relações entre a família e a escola, entre a família e os parentes etc.); macrossistema (refere-se à cultura, à estrutura social ampla, ao conjunto de crenças e valores e ideologias compartilhadas por uma comunidade); e exossistema (conjunto dos contextos sociais que exercem influência indireta no desenvolvimento dos indivíduos, meios de comunicação, serviços de saúde, conselhos escolares).

Figura 1 – Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano
Fonte: ANTONI & KOLLER, 2000.

Essa abordagem também chamada "modelo PPCT" do desenvolvimento considera os seguintes componentes: processo, pessoa, contexto e tempo. Segundo Koller (2004), aos processos proximais, descritos nos estudos de Bronfenbrenner, são atribuídos os primeiros mecanismos do desenvolvimento humano e diferentes caminhos através do tempo e espaço conduzem a diferentes resultados de acordo com o modelo bioecológico. São consideradas as engrenagens principais do desenvolvimento.

Essas interações do indivíduo com o meio são exemplificadas como atividades entre crianças, atividades conjuntas mãe-criança, pai-criança, brincadeiras em grupo ou individuais, ler, estudar, aprender novas habilidades, atividades esportivas, pois são nessas interações que o indivíduo se torna capaz de dar sentido ao seu mundo, entender o seu lugar neste mundo e transformá-lo (TUDGE, 2008).

Nesse contexto, a família tem um importante papel para o desenvolvimento dos sujeitos. Para Bronfenbrenner (1996), a família é definida como um sistema dinâmico e em interação, compreendida em um ambiente, próximo e imediato, da pessoa em desenvolvimento e envolve atividades, papéis e um complexo de relações interpessoais. Assim, a violência utilizada na educação dos filhos é prejudicial ao desenvolvimento das crianças, pois está baseada no abuso de poder que os pais têm sobre os filhos, contrariando a proposição da Teoria dos Sistemas Ecológicos, na qual as relações familiares deveriam ser um sistema de relações recíprocas, afetuosas e com equilíbrio de poder (CECCONELLO, 2003).

Sobre isso, destacamos ainda que os conflitos familiares, situações de pobreza e inadaptação social não são determinantes, mas podem interferir no processo de desenvolvimento dos indivíduos, prejudicando também a área cognitiva, ocasionando dificuldades de aprendizagem e pouco rendimento nos ambientes escolares. Antoni & Koller (2000) afirmam que "uma crise imprevisível na vida familiar, como rompimentos, mortes, empobrecimento súbito, exige força interna e apoio de sistemas externos, agravando as situações de risco". Estudos também mostram que alguns indivíduos são mais suscetíveis ou vulneráveis a esses eventos quando comparados a outros que vivem em situações de risco semelhantes, isto por causa das diferenças e estruturas emocionais.

Em síntese, por meio dessa teoria entendemos que a pessoa em desenvolvimento está em constante interação com o meio, com

os indivíduos e com os grupos que o cerca. E é a partir dessas interações que se dá o desenvolvimento. Se são experiências bem-sucedidas, sente-se acolhido no ambiente que frequenta e recebe estímulos adequados, desenvolve um sentimento de pertencimento e dessa forma suas necessidades são atendidas. Porém, se sofre situações de risco, pode ser prejudicado em seu pleno desenvolvimento.

FATORES DE PROTEÇÃO E DE RISCO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Apesar de a maioria dos pais serem preocupados com a educação e o bom desenvolvimento dos filhos, dedicando carinho e cuidados para esses, muitos ainda utilizam de violência e maus-tratos das mais variadas formas, presenciados ou vividos pelas crianças. Segundo Ferrari (2002, p. 83), "a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes mais frequente revela-se em situações de violência física, sexual, psicológica e negligência/abandono". A violência física caracteriza-se pela lesão corporal por meio de socos, surras, chutes ou queimaduras. O abuso sexual é qualquer atividade sexual envolvendo uma criança e uma pessoa mais velha. A violência psicológica ou maus-tratos emocionais inclui rejeitar, aterrorizar, isolar, explorar, degradar, ridicularizar ou deixar de prover apoio emocional, amor e afeição. E a negligência é quando os pais não atendem as necessidades básicas de uma criança, como alimentação, vestuário, assistência médica, educação, proteção e supervisão (MARTORELL, 2014).

Segundo relatório elaborado pela Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba, em 2014 foram registrados 4.465 casos notificados por situações de violência cometidas contra crianças e adolescentes na cidade de Curitiba, sendo que 89,3% dos casos foram de violência intrafamiliar, ou seja, no âmbito das relações familiares. Ao analisar o tipo de violência, observou-se que prevalece a negligência com 66,5% dos casos (de educação, de proteção, de saúde e estrutural), seguidos de violência psicológica (13,7%) e da física (10,5%). A violência sexual representou 6,7% das notificações e o trabalho infantil com 2,5%. Também foi constatado que a violência física e psicológica é cometida em sua grande maioria pelas mães, seguida dos pais e na sequência por padrastos (CURITIBA, 2014).

Além disso, segundo estudos realizados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2001), nos últimos anos,

a concepção de desenvolvimento humano deixou de destacar apenas os indicadores de natureza econômica, como vulnerabilidade financeira, mas incorporou uma visão holística, passando a considerar o ser humano integral, segundo a doutrina da proteção integral da Convenção sobre os Direitos da Criança e do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Os fatores de risco, também chamados eventos negativos e estressores, são aqueles que aumentam a probabilidade de a criança apresentar problemas de comportamento e podem causar distúrbios à saúde e ao desenvolvimento infantil. Santos e Pacheco destacam que "os efeitos perversos decorrentes do abuso e da negligência influenciam no curso de vida da criança, visto que as sequelas deixadas atingem os domínios do desenvolvimento, sobretudo nas áreas da cognição, linguagem, desempenho escolar e desenvolvimento socioemocional" (2012). Podem ser de natureza biológica e psicossocial e são classificados como: riscos psicossociais (desvantagens socioeconômicas, famílias desorganizadas) e riscos genéticos (esquizofrenia, hiperatividade, déficit de atenção, desordem afetiva).

Koller (2004, p. 100-101) também conceitua fatores de risco como:

> Os fatores de risco estão relacionados a toda sorte de eventos negativos de vida que, quando presentes no seu contexto, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, psicológicos e sociais. Apesar de alguns aspectos virem sendo tomados como experiências estressoras no desenvolvimento das crianças (divórcio dos pais, perdas de entes próximos, abuso sexual/físico, pobreza etc.), é importante destacar que o risco não deve ser visto como uma categoria a priori, mas como um processo. Ou seja, as situações de pobreza ou de divórcio dos pais não podem ser vistas como um risco a priori, sem que antes sejam entendidos os processos ou mecanismos que influenciam e ligam os riscos às suas consequências. A resiliência, por sua vez, refere-se a processos que operam na presença do risco para produzir características saudáveis, e não na prevenção ou eliminação dos fatores de risco.

Assim, dependendo das condições de vida e do apoio social recebido por essas famílias, esses eventos estressantes antes apresentados como riscos podem servir de superação e fortalecimento dos laços e relações familiares. E, como alternativa de superação da condição de vulnerabilidade, propomos que sejam trabalhados os fatores de proteção com esses indivíduos e famílias. Esses fatores

referem-se a influências que podem modificar, melhorar ou alterar respostas pessoais aos fatores de risco. São divididos em três classes: os atributos disposicionais das pessoas (nível de atividade e sociabilidade, autoestima, autonomia); laços afetivos no sistema familiar e/ou em outros conceitos que ofereçam suporte emocional em momentos de estresse; e sistemas de suporte social (na escola, no trabalho, na igreja, no serviço de saúde) que propiciem competência e determinação individual e um sistema de crenças para a vida (KOLLER, 2004). Desses fatores Cecconello (2003) destaca o afeto, pois considera que esse fator desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento. Quanto mais positivas e calorosas forem as relações entre pais e filhos, maior a probabilidade de que os processos evolutivos ocorram de forma adaptada.

A prevenção a situações de violência e maus-tratos também se configura como uma estratégia, como anúncio em serviços públicos visando aumento à consciência da população, também a oferta de aulas de cuidado dos filhos para mães adolescentes e às que pertencem a famílias de alto risco são muito válidas (MARTORELL, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o presente artigo apresentou uma síntese da história das crianças em seu contexto familiar, a fim de situar sobre as mudanças ocorridas na forma de os pais educarem seus filhos. Na sequência realizou uma breve reflexão sobre a influência negativa ou positiva dessas relações familiares no desenvolvimento infantil a partir da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano do pesquisador Urie Bronfenbrenner. Essa teoria confirmou que é a partir da interação do indivíduo com o meio, seja familiar, escolar ou social, que se dá o desenvolvimento. E, dependendo dessas relações, se forem positivas, vão contribuir para o bom desenvolvimento, mas se forem permeadas por situações de risco, como a violência e violações de direitos, a criança poderá ser prejudicada. Também foram apresentados dados obtidos em uma pesquisa da Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba confirmando que a maior parte dos casos de violência se dá no meio familiar. Mas, apesar da complexidade do tema, foi possível constatar que se os fatores de risco forem identificados, as famílias receberem apoio social por meio dos fatores de

proteção e ainda contarem com o auxílio de políticas públicas, poderão enfrentar e superar essa situação, promovendo, assim o desenvolvimento saudável e integral das crianças e dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paola Biasoli. A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados (resenha). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, vol. 10, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200013>. ISSN 1678-7153. Acesso em: 21 dez. 2015.

ANTONI, Clarissa de. KOLLER, Silvia Helena. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, Natal, vol. 5, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000200004>. Acesso em: 21 dez. 2015.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Infância e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRONFENBRENNER, Urie. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano*: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)

CECCONELLO, Alessandra M., ANTONI, Clarissa de. KOLLER, Silvia Helena. Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 8, 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa07>. Acesso em 20 dez. 2015.

FERRARI, Dalka C. A., VECINA, Teresa C. C. *O fim do silêncio na violência familiar*: Teoria e Prática. São Paulo: Ágora, 2002.

MARTORELL, Gabriela. *O desenvolvimento da criança do nascimento à adolescência*. Porto Alegre: AMGH, 2014.

PASSETI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das crianças no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal da Saúde. CORTIANO, Simone. ROSA, Telma Elaine Alves. OLIVEIRA,

Vera Lídia Alves de. *Violência contra Crianças e Adolescentes*. Perfil dos casos notificados em 2014. Curitiba, 2015.

SANTOS, Heloisa V., PACHECO, Marcia Maria D. R. *Fatores de Risco ao Desenvolvimento da Criança*: da visão biomédica à visão psicossocial. The 4th International Congress on University-Industry Cooperation, Dec. Taubaté, São Paulo, 2012.

TUDGE, Jonathan. *A teoria de Urie Bronfenbrenner*: Um teoria contextualista? Universidade da Carolina do Norte em Greensboro, EUA, 2008. Disponível em: <https://www.uncg.edu/hdf/facultystaff/Tudge/Tudge,%202008.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2015.

UNICEF. *Situação da Infância Brasileira*. 2001. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/>. Acesso em 19 dez. 2015

OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS NA MODERNIDADE SOB A ÓTICA DE ZIGMUNT BAUMAN E A PEDAGOGIA DOS VÍNCULOS[1]

Eliza Mariana A. Silva[2]
Vanessa Silva Fonseca [3]
Sandra Maieski[4]

RESUMO

O presente artigo reflete a experiência do/a agente de pastoral escolar que, à luz do Evangelho de Jesus Cristo e da Carta do Papa Francisco Laudato Si, busca promover uma espiritualidade ecológica, que integra as dimensões do ser humano como um ser espiritual e interdependente de tudo e de todos, chamado a cuidar da Casa Comum. Nesta perspectiva, quer provocar um diálogo da Escola Confessional Católica com a Igreja, como instituições distintas, mas com um objetivo comum: evangelizar, tornar Cristo visível pelo ser e fazer. Para isso, a Pastoral tem sua dinamicidade e, dentro de sua especificidade, precisa ser "orgânica", dialogar e criar parcerias e comunhão com o outro, e com as diferentes instâncias, e realidades humanas, institucionais e da sociedade. Como cristão e cristãs, no mundo, o caminho se faz numa relação de alteridade, assim, podemos testemunhar a unidade na diversidade, num mundo dividido, sedento de vida e de sentido a esta vida.

1 Trabalho acadêmico orientado pelo Prof. Humberto Silvano Herrera Contreras na disciplina de Projeto Integrador nº V, no Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Padre João Bagozzi.

2 Acadêmica do Curso de Licenciatura Pedagogia na Faculdade Padre João Bagozzi.

3 Acadêmica do Curso de Licenciatura Pedagogia na Faculdade Padre João Bagozzi.

4 Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina.

PALAVRAS-CHAVE: Laudado Si'; Agente de Pastoral; Educação; Diálogo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As novas tecnologias, em constante desenvolvimento, estabeleceram uma nova face à humanidade. Isso se revela na praticidade que proporcionaram à vida dos seres humanos e na nova visão de mundo que determinaram: uma visão que produziu mudanças na maneira de pensar, alterando valores e produzindo mudanças de paradigma.

Zigmunt Bauman, filósofo e sociólogo polonês, considerado o "Pai" da modernidade líquida, refere-se ao tempo atual como sendo um tempo líquido. Fluidez é a qualidade de líquidos e gases, pois esses não ficam presos a formas preestabelecidas, pelo contrário, estão sempre propensos a mudanças. O autor aplica essa expressão porque os líquidos, diferentemente dos sólidos, facilmente perdem sua forma (WEBER, 2010, p. 30). Para o sociólogo, no contexto desse panorama líquido, a individualização ganha destaque em relação à coletividade. Uma das características peculiares da sociedade líquida é que ela apresenta dificuldades em estabelecer vínculos a longo prazo. Nas formas líquidas de relacionar-se, o autor aponta que as relações interpessoais são dilaceradas e o outro é visto apenas como um bem de consumo. Constata-se que, diante de uma sociedade líquida, os vínculos também se tornam líquidos.

O vínculo, denominação para o elo que une as pessoas em comunidade, caracteriza uma necessidade humana, considerando que o indivíduo, de uma maneira ou outra, necessita compartilhar uma vida comunitária, seja no trabalho, na escola ou na família. Esse vínculo, denominado vínculo social, pode ser entendido como parte de uma comunidade sustentada em determinado ambiente e surge a partir de alguma crença, etnia, tradição ou outra característica comum que una os que compartilham o mesmo ideal. De uma forma diferente e talvez distante, tem-se uma ânsia pelos vínculos, pois é notória a busca de uma satisfação pessoal nas relações em grupo.

Diante de uma sociedade com características e vinculações "líquidas", o viver em comunidade torna-se desafiador. Aqui, a pala-

vra "comunidade" pode ser entendida para descrever os vários tipos de grupo. Ante esse cenário descrito por Bauman, surge a reflexão: como, diante de uma sociedade líquida, se pode desenvolver e manter os vínculos em comunidade?

Para responder a essa pergunta, o presente estudo apresenta uma reflexão teórica de caráter bibliográfico e fundamenta suas afirmações na argumentação e no diálogo com dois diferentes autores: Bauman e Kentenich. Ambos discutem as transformações da sociedade contemporânea e suas implicações quanto à identidade e aos desafios que essa realidade apresenta na vida comunitária, seja no ambiente empresarial, escolar, social ou familiar. Dessa forma, apresenta-se, no primeiro capítulo, uma síntese da leitura da atualidade sob a ótica de Zigmunt Bauman e suas considerações sobre a Modernidade Líquida. No segundo capítulo, aborda-se a pedagogia dos vínculos com base na teoria de Kentenich; e, no terceiro capítulo, após uma análise sistemática da definição das duas teorias discutidas, aborda-se o trabalho com a família: espaço primário e originário das vinculações.

DA MODERNIDADE SÓLIDA PARA A MODERNIDADE LÍQUIDA: UMA LEITURA DA ATUALIDADE SOB A ÓTICA DE ZIGMUNT BAUMAN

O que significa modernidade? O termo "moderno", em geral, se apresenta como uma oposição ao "antigo" ou ao tradicional. De modo resumido, é possível pensar no conceito modernidade como um projeto em andamento, uma transição do antigo para o atual, considerando, entretanto, mudanças e permanências. Muitos são os autores que discutem a modernidade ou as versões em que ela se apresenta. Entre eles, destacamos Zigmunt Bauman.

Bauman (2001) define a sociedade contemporânea com a metáfora de modernidade líquida. A expressão líquida é usada de forma muito acelerada, pois tudo muda, e sob a menor pressão. O autor afirma que os líquidos são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo, impedidos de se solidificarem.

Em sua obra intitulada *Modernidade líquida*, Bauman (2001) expõe uma síntese da mudança de uma sociedade sólida para uma sociedade líquida. Na modernidade sólida, pesada, a conquista do espaço era o objetivo supremo. Quanto mais terras, mais espaço, mais

peso, melhor era para a modernidade pesada. O progresso significava tamanho crescente e expansão espacial. Os nômades eram a expressão da exclusão nessa sociedade, pois se valorizava a estabilidade, pois estar fixo significava garantia de poder e segurança.

O impressionante desenvolvimento das técnicas de comunicação e transporte, na pós-modernidade, alterou esse quadro. O espaço tornou-se irrelevante, sendo atravessado em tempo nenhum. O curto prazo substituiu o longo prazo e fez da instantaneidade seu fim último. Se na modernidade sólida buscava-se durabilidade, a modernidade líquida se apresenta como a capacidade de encurtar o espaço do tempo e da durabilidade, deixando de lado o "longo prazo" e focando o transitório (BAUMAN, 2001).

Segundo Lopes (2015), a vida contemporânea está caracterizada por incertezas e por uma humanidade cada vez mais individualizada e privatizada. Os indivíduos perderam a noção da amplitude do tecido social ao qual pertencem, tentando, assim, soluções individuais para problemas coletivos. Em tempos líquidos, a crise de confiança acarreta sérias consequências para o estabelecimento e a manutenção de vínculos. Estamos em rede, mas isolados dentro de uma estrutura que nos protege e, ao mesmo tempo, nos expõe, afirma Bauman (2001).

Nesse contexto de incertezas em que prevalece a individualidade, o relacionamento humano se mostra instável e é mantido como troca comercial, cuja meta é a obtenção de lucros e vantagens. De acordo com Bauman (2001apud LOPES,2015), transformamos as pessoas em mercadoria. Para o autor (2001), vivemos em uma sociedade de "descartabilidades", uma humanidade que, gradativamente, perde o significado da essência da vida, ou seja, a busca da felicidade. Não se possui mais a consciência do amor, pois com muita facilidade se conecta e se desconecta ao outro. Os relacionamentos longos, os compromissos coletivos, são objetos que não existem mais e as pessoas apresentam-se apenas como um bem de consumo. Diante dessa realidade, Bauman (2006) ressalta que "estamos fragilizando nossas relações e, diante disso, nos conectamos inúmeras vezes, seja qual for a ferramenta digital que usamos, acreditando que a quantidade vai superar a qualidade que gostaríamos de ter".

Lopes (2015) destaca que Bauman apresenta três elementos para a compreensão da contemporaneidade. Primeiro: a dissolução de pontos de referência (família, governo, religião), que traziam na

modernidade uma estabilidade ou solidez para construção da vida individual e coletiva. Segundo: o desaparecimento de vivências coletivas e a busca frenética pelo eu e pela autossatisfação; e, terceiro: a busca da liberdade, entendida como "liberdade consumidora", que proporciona ao indivíduo o sonho de felicidade.

Essas ideologias resultam, segundo Bauman (2006), na produção de uma sociedade onde as coisas e as mercadorias são mais importantes do que as pessoas e suas vidas. O autor ressalta:

> As relações humanas não são mais espaços de certeza, tranquilidade e conforto espiritual. Em vez disso, transformaram-se numa fonte prolífica de ansiedade. Em lugar de oferecerem o ambicionado repouso, prometem uma ansiedade perpétua e uma vida em estado de alerta. Os sinais de aflição nunca vão parar de piscar, os toques de alarme nunca vão parar de soar (BAUMAN 2006, p. 94).

Outro aspecto apresentado por Bauman é a dificuldade de comunicação afetiva. O sociólogo afirma que todos querem se relacionar, entretanto, não conseguem, seja por medo ou insegurança. Para exemplificar sua afirmação, Bauman alude a um vaso de cristal que se quebra, na primeira queda. As relações terminam tão rápido quanto começam, porque as pessoas pensam que terminam com um problema cortando seus vínculos. Qual é o impacto desse procedimento para a vida em comunidade do homem atual, um ser social por essência? Esse tema será discutido na sequência.

O impacto da modernidade sobre as comunidades

A sociedade é moldada de acordo com os parâmetros da vida que nela é gestada. Se no século passado os valores e as relações nas famílias e nas empresas poderiam ser chamados "sólidos", hoje, o virtual, as relações superficiais, a globalização, as redes sociais e todos os meios inovadores da atualidade caracterizam o comportamento da sociedade, configurando-a em base de valores cada vez mais individualistas, superficiais e efêmeros.

Segundo Bauman (2011, p. 79),

> Em nenhum momento crucial da história da humanidade, os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que, antes, nunca estivemos nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver, num mundo saturado de informações.

A individualização é uma fatalidade, não uma escolha. É a época da individualização: um fenômeno se dá em diversos âmbitos da vida humana. O quebra-cabeça da sociedade foi desfeito e o que vale, o importante, é cada peça em particular. As comunidades se tornaram apenas "artefatos efêmeros da peça da individualidade em curso, e não mais as forças determinantes e definidoras das identidades" (BAUMAN, 2001, p. 30).

Silva Bianchi (2012, p. 14), que em sua tese de Doutorado discute o tema das amizades na sociedade líquida, alude à obra de Bauman, apontando que, em decorrência da perda de referência de um projeto coletivo, os vínculos sociais passam a ser constituídos pela noção de "comunidade" e os laços humanos, que se constituíam como rede de segurança, se transformam a partir dos desdobramentos da questão comunitária em razão de medo e incerteza. "A exposição dos indivíduos aos caprichos dos mercados de mão de obra e de mercadorias inspira e promove a divisão e não a unidade", afirma Bauman (2007, p. 9). Essa divisão é camuflada pela "comunidade".

Silva Bianchi (2012, p. 14) destaca que Bauman, em uma obra inteiramente dedicada ao tema, discute que todos desejam um espaço sem conflitos, no qual possam se sentir em casa, sem riscos ou perigos. O grande problema, ressalta a autora, é que existe uma diferença entre a comunidade real e aquela desejada.

A ânsia de buscar uma comunidade revela, no diagnóstico realizado por Bauman, que os laços humanos não refletem a segurança de tempos antigos. Para isso, valeria a pena realizar sacrifícios pessoais em prol da sensação de leveza que os rumos comunitários podem fornecer. Por outro lado, a formação dos grupos comunitários também fornece as bases para a construção de "guetos", afirma Silva Bianchi (2012, p. 14).

Por essa razão, Bauman (2001, p.100) aponta que a comunidade é "[...] a última relíquia das antigas utopias da boa sociedade; denota o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada por vizinhos melhores, todos seguindo as melhores regras de convívio [...]" e para assegurá-la, ainda que enquanto ideia, concepção ou fantasia, será necessário o desenvolvimento de uma série de dispositivos de segurança e vigilância 24 horas "[...] para manter os estranhos fora dos muros e para caçar os 'vira-casacas' em seu próprio meio" (BAUMAN, 2003, p. 22).

Na era da modernidade líquida, todos anseiam, de uma ou outra maneira, pelos vínculos, sejam eles digitais ou caracterizados pelo contato pessoal. No entanto, por inúmeros fatores, as pessoas tornam-se ausentes umas para as outras, seja pela insegurança nos relacionamentos e pela facilidade de desconectar, quando a ocasião lhes permitir. Dessa forma, os relacionamentos líquidos tornam-se mais evidentes do que os relacionamentos sólidos.

É possível mudar esse panorama? É possível educar o ser humano para que possa gestar uma nova sociedade, na qual ele readquira o próprio valor, na qual os vínculos sejam perduráveis e ele se torne mais seguro e feliz?

PEDAGOGIA DOS VÍNCULOS, SEGUNDO A TEORIA DE KENTENICH

No início do século XIX surgem grandes e significativas mudanças no campo pedagógico. Conforme afirma Francisco Cambi (1999), esse é o século da pedagogia, em cujo cenário surgem nomes de referência, entre os quais se destacam, por exemplo, Henri Wallon, Lev Semenovitch Vygotsky e Jean Piaget.

Uma personalidade, ainda desconhecida no campo acadêmico, também surge neste cenário. Considerado o "Pai" da Pedagogia de Schoenstatt está José Kentenich, nascido em Gymnich (Alemanha) em 16 de novembro de 1885. Kentenich iniciou seu trabalho pedagógico na época do Império Prussiano, um regime imperial que reinou na Alemanha de 1871 a 1918. No contexto em questão, a prática pedagógica era pautada pelas virtudes da obediência, da disciplina e da ordem e não havia compreensão para o crescimento da criança nem a preocupação de adequar a educação à realidade infantil e juvenil (SCHLICKMANN, 2012, p. 35).

Anterior à discussão da pedagogia dos vínculos, propósito deste capítulo, faz-se necessária uma observação preliminar: o que há de inovador e de novo na concepção de Kentenich? Schlickmann (2012) fundamenta sua proposta pedagógica da seguinte forma:

> Kentenich pensou, ao mesmo tempo, teologia, psicologia e pedagogia. Isso o torna singular. Ele via o ser humano, como "microcosmo", como um todo. Não o contemplava, apenas, sob determinados aspectos da natureza humana [...] Ele não rejeitava categoricamente, como os teólogos do seu tempo, a novidade das correntes da filosofia moderna, já surgidas há 200 anos, que hoje encontram

> sua expressão, na forma de vida das pessoas; pelo contrário, ele via nas novas ideias filosóficas, da nova época histórica, um chamado de Deus, sem renunciar aos valores tradicionais da filosofia medieval e da filosofia antiga que consideravam o homem, como um todo (SCHLICKMANN, 2012, p. 95).

No período em que Kentenich (1885-1968) começou a projetar sua concepção pedagógica, não só em teoria, mas especialmente na prática, acontecia na Europa o início da assim chamada "pedagogia da reforma", cuja meta era desligar-se de uma forma de educação autoritária da "escola antiga". Em sua atividade, como sacerdote, educador e diretor espiritual, como fundador e organizador, Kentenich visou sempre a grande meta: educar o homem novo, na nova comunidade (STRADA e PONTES, 1998, p. 18).

Movido por esse objetivo, presente desde o início de suas atividades educadoras, Kentenich empenhou todas as suas forças e capacidades na formação de personalidades livres, autônomas e comunitárias. Para tanto, despertou em seus educandos o interesse por um trabalho sério de autoeducação, orientado em um sistema pedagógico próprio e original (STRADA e PONTES, 1998, p. 39).

A história da pedagogia de Schoenstatt comprova que, desde o início, a educação se orienta para fins claros. Kentenich (1984) procurou ver o macrocosmo no microcosmo, ou seja, o grande mundo no pequeno mundo que é cada ser humano, integrando organicamente os princípios objetivos e processos vitais da educação, por meio das, assim chamadas, estrelas condutoras de sua pedagogia própria: Pedagogia do Ideal, Pedagogia da Confiança, Pedagogia da Aliança, Pedagogia do Movimento e Pedagogia dos Vínculos. No presente estudo, considerando o tema abordado, discute-se exclusivamente a Pedagogia dos Vínculos e sua relação com e na sociedade atual.

O desafio da pedagogia dos vínculos na sociedade líquida

Desde o início, a linha pedagógica de Kentenich visa desenvolver vínculos, sem os quais não é possível atingir nem viver o ideal da personalidade livre e firme. Kentenich viu o fenômeno da vinculação como uma realidade primária e universal do ser humano. Espontânea e necessariamente, o indivíduo tende a formar um "ninho" para si, em um conjunto de relações e vínculos que se enraízam em seu ambiente natural. Para o pedagogo suíço João Henrique Pestalozzi, o ser humano é comparável a uma aranha, que tece sua teia com a qual

cria seu "hábitat" e sem a qual não é capaz de existir adequadamente (FERNANDEZ, 1992, p. 3). O conceito de ninho corresponde ao conceito de lar. É o terreno apto e fecundo para o desenvolvimento natural.

Se a uma criança for oferecida a experiência satisfatória de um lar natural, se suas vinculações familiares forem ricas, cálidas e profundas quando puder saboreá-las tranquilamente, de modo que essas se calaram em seu psiquismo, essa mesma forma de vinculações, fruto da experiência de lar, lhe servirá de fundamento para continuar ampliando suas vinculações e assimilando novos objetivos (FERNANDEZ, 1992, p. 4).

A cultura moderna é uma cultura sem lar, sem vínculos. Trata-se de uma cultura que foi se desenvolvendo no ambiente urbano industrial e, portanto, não oferece condições à formação de vinculações profundas no campo pessoal. Essa realidade acarreta sérios problemas para o desenvolvimento humano no campo, dito literalmente, humano, pois é por meio dos vínculos profundos que estabelecemos com o meio ambiente, com as pessoas, com as ideias, com as coisas, com os lugares, com os costumes e princípios que se alimentam e desenvolvem as potencialidades humanas. Kentenich menciona a importância da vinculação da vida humana, em três âmbitos: o psicológico, o metafísico e o teológico. Esses três âmbitos serão discutidos na sequência.

- **Importância psicológica da vinculação**

Fernandez (1992, p. 11) afirma que, na perspectiva psicológica, pode-se definir a vinculação como o laço que liga uma pessoa a seu ambiente. É a raiz que a sustenta na realidade, que lhe dá, assim como a teia para a aranha, o âmbito ou hábitat adequado para sua experiência; é o fundamento que lhe permite se desenvolver sadiamente segundo a própria natureza, conclui o autor.

Na medida em que o ser humano vai adquirindo uma experiência imediata de seu ambiente, vai-se familiarizando com ele e cria para si um clima de confiança. Isso significa que, psicologicamente, encontra uma resposta adequada às necessidades primordiais de sua alma, encontra segurança e abrigo, sem os quais não pode se desenvolver sadiamente.

A experiência existencial de um mundo de vinculações pessoais, que constituem um autêntico lar, proporciona a alegria de viver.

A alegria se define como a satisfação do apetite no bem que lhe corresponde.

• Importância metafísica da vinculação

Na perspectiva metafísica pode-se definir a vinculação como a união do ser humano com as verdades e valores transcendentes. Kentenich explica essa realidade profunda do ser humano a partir do que ele denominava "instinto religioso". Segundo Fernandez (1992, p. 12), o autor destaca que, entre os instintos primários do ser humano, existe o instinto transcendente ou o instinto de Deus. Esse pode ser reprimido ou desviado, mas sempre reaparece por ser primeiro e fundamental.

• Importância teológica da vinculação:

Na perspectiva teológica, é o vínculo que une o indivíduo a um ser da natureza. O mundo sobrenatural é conquistado pelo indivíduo que, mediante uma crença, cultiva vinculações sadias com base nessa crença. Essa vinculação permite ao ser humano uma configuração de religiosidade que, por sua vez, auxilia o indivíduo em seu crescimento e amadurecimento como pessoa, destaca Fernandez (1992, p. 13).

Fernandez (1992, p. 14), como pesquisador da proposta pedagógica de Schoenstatt, cataloga a vinculação em três tipos: irracional, racional e sobrenatural.

- Vinculações irracionais são aquelas que se originam em tendências ou apetites inferiores. Escapam ao processo comandado diretamente pela razão, ou seja, podem desenvolver-se à margem da vontade. Na criança, os vínculos se criam sem que ela tenha consciência disso. Começa a ter experiência de seus pais, irmãos ou de seu lar e vai unindo tudo, afetivamente, sem que se tenha uma reflexão pessoal a respeito. O acúmulo de experiências vai deixando uma marca tão profunda que se apoia mais no subconsciente do que no inconsciente.
- Vinculações racionais: trata-se de vinculações originadas pelo impulso da inteligência e da vontade que percebem e valorizam uma realidade, colocando em movimento o coração. A vida instintiva também participa, mas sob o impulso da razão que, em última análise, abriu as portas ao processo de se arraigar e, por isso, é causa desse vínculo que surge.

- Vinculações sobrenaturais são aquelas que ajudam o indivíduo a se relacionar com algo ou alguém do mundo sobrenatural.

Kentenich (1998, p. 15) explica que o ser humano precisa lançar suas raízes em toda a realidade: pessoas, lugares, tempos, coisas, ideias, verdades e valores. Cada realidade deve ser acolhida em seu interior e nele aninhar-se, passando a constituir parte do seu mundo.

O processo de amadurecimento da personalidade se dá concomitantemente ao processo do desenvolvimento constante das vinculações pessoais. O processo de personalização do ser humano acontece por assimilação das realidades exteriores; para chegar a si mesmo, o homem precisa, incontestavelmente, da mediação do "outro", seja por meio das pessoas, coisas materiais ou realidades sobrenaturais. Nesse contexto, o filósofo Mandrioni (apud STRADA; PONTES, 1998, p. 41) afirma: "O ser humano é essencialmente dialogal e somente por diálogo, que mantém com outras realidades, ele chega à sua plenitude humana. Com razão podemos afirmar que nossa vida é filha dos nossos encontros".

O significado etimológico de vínculo é atar-se com um laço estável e seguro. Há vínculos em que ocorre uma relação profunda, carregada de afeto, livre e permanente, assumida no âmago da pessoa e que a toca profundamente.

O ser humano foi criado como um centro de relações, aberto para todas as direções: com pessoas, com coisas e com Deus. Tudo indica que o indivíduo se movimenta em um sistema formado por essas coordenadas e somente em harmonia com elas poderá se desenvolver. O vínculo faz com que o ser humano se integre na realidade e a incorpore em sua existência. Somente o homem é capaz de vincular-se.

Kentenich (apud FERNANDEZ, 1992, p. 27) comenta a esse respeito:

> Temos de capacitar novamente o homem para suas múltiplas vinculações, torná-lo capaz e disposto para uma profunda vinculação interior a lugares, coisas, ideias. Sobretudo temos de torná-lo capaz de desenvolver vínculos com a comunidade.

A pedagogia das vinculações assume esse programa e busca criar todas as condições, para o que o educando, em liberdade e criatividade, crie vínculos profundos.

Nas jornadas pedagógicas de 1931 e 1934, Kentenich (1998) expôs, sistematicamente, seu ponto de vista sobre o organismo das vinculações da pessoa e sua incidência na pedagogia. Ele orienta essa rede harmoniosa de vínculos, discernindo a vinculação a Deus (sobrenatural), a ideias, a pessoas e a lugares.

Vinculação às pessoas

Desenvolver vinculação a pessoas é decisivo, porque o indivíduo se projeta na força do encontro vivo, cálido e profundo, com o "Você" humano e o "Você" divino (STRADA e PONTES, 1998, p. 41).

O ser humano é constituído por um centro independente e livre, pelo seu "eu", mas esse centro é essencialmente relação, comunhão e diálogo. O eu se plenifica pela abertura ao "você". Receber amor da pessoa concreta é o meio privilegiado para o desenvolvimento do ser humano.

O conhecido pensador Emmanuel Mounier (apud STRADA e PONTES, 1998, p. 42) o expressou com grande ênfase:

> Assim como o filósofo que se fecha, inicialmente, no pensamento, nunca achará uma porta para o ser, igualmente aquele que se enclausura no "eu" não encontrará o caminho em direção ao "outro". Quando a comunicação decai ou se corrompe, eu mesmo me confundo profundamente; todas as doenças mentais se manifestam em fracassos da relação com o outro: "alter" torna-se "aliens" e eu me torno estranho a mim mesmo e alienado. Quase poderia dizer que somente existo, na medida em que existo para os outros, o que em última análise significa: ser é amar!

Entre as vinculações pessoais, são essenciais as ligadas com a própria família e com os educadores: pais, mestres etc., porque junto a eles se tecem múltiplos laços e por eles serem os primeiros portadores que gestam valores.

Vinculação a lugares

Os vínculos a lugares são importantes, porque o ser humano sempre vive em algum espaço. Sua vida se desenvolve em algum

lugar e em um tempo determinado. Os lugares são somente conformações materiais e começam a ter um significado, na medida em que começam a fazer parte da existência concreta da pessoa, por estar a seu serviço (KENTENICH, 1951, p. 180).

Cada lugar adquire uma linguagem própria: um campo de futebol não representa a mesma ideia ou sentimentos que o local de uma fábrica ou um cemitério. O ambiente físico "fala" ao homem e desperta nele valores, experiências e necessidades, como lugares que constituem centro de recordações e acumulação de vivências.

Quando determinado ambiente físico é o âmbito de encontro com pessoas e de contatos com coisas estimadas, esse lugar passa a ser possuído interiormente pelo homem. A casa paterna é talvez o exemplo mais claro, pois "fala" dos seres queridos, recorda vivências e evoca fatos, coisas e acontecimentos passados. Esses lugares nos oferecem a experiência de pátria, de pertencimento a uma terra, a um lar. Arraigam a pessoa, fixam-na em seu meio, impedem que o ambiente físico e humano seja hostil e o transforma em ninho que oferece segurança e abrigo (STRADA e PONTES, 1998, p. 43).

A razão mais profunda pleiteada por Kentenich, na pedagogia das vinculações, é de ordem teológica. As grandes religiões monoteístas, cristianismo, judaísmo e islamismo, acentuam a importância da vinculação a um lugar santificado pela especial presença de Deus.

Vinculação a ideias

A vinculação à ideia vem da necessidade que tem o indivíduo de interpretar o mundo, de conhecer e descobrir as coisas. A ideia que o homem tem de si e dos demais forma sua cosmovisão e guia sua conduta. E isso se deve à natureza espiritual do homem, à capacidade intelectual que lhe permite aprender e captar a realidade.

Kentenich (1992) acentua que, no aspecto da vinculação às ideias, não se trata de acumular conhecimentos, possuir grande capacidade intelectual ou saber racionalizar tudo, permanentemente. Importante é arraigar-se em um conhecimento claro e suficiente; que o conteúdo da verdade sustente a pessoa, a guie e a oriente para um fim verdadeiro, de forma que tanto a pessoa como a comunidade o assimilem e aceitem interiormente.

Uma reflexão do filósofo espanhol Ortega y Gasset (apud STRADA e PONTES, 1998, p. 44) nos auxiliará a esclarecer esse

ponto. Ele distingue ideia e crença, caracterizando-as da seguinte maneira:

> A ideia esgota seu papel e sua consistência ao ser pensada. Uma pessoa pode pensar quanto desejar e ainda assim, pensar muitas coisas contra a sua vontade. Na mente surgem espontaneamente pensamentos contrários à nossa vontade, sem que produzam efeito algum, em nosso comportamento. A crença não é simplesmente uma ideia que se concebe, mas sim, aquela em que, além disso, se crê. E, assim, crer não significa uma operação do mecanismo intelectual, mas uma função do ser vivo, como tal, que deve orientar sua conduta e ação.

Falando em sentido amplo e não estritamente religioso, Ortega y Gasset (apud STRADA e PONTES,1998, p. 44) refere-se ao sistema de crenças como o terreno vital para o ser humano e sua cultura. Com efeito, o filósofo espanhol nos diz que o sistema de crenças é o conjunto de convicções básicas e fundamentais sobre as quais se apoia toda a existência. Uma ideia é transformada em convicção quando se torna força impulsora e diretriz da vida, quando se acredita nela com tal intensidade que no indivíduo se produz a identificação com seu conteúdo.

A pedagogia das vinculações dá importância ao conhecimento de uma verdade encarnada, pela força da crença. Acredita-se que essas vinculações proporcionem às pessoas segurança, abrigo, visão ampla do mundo e possibilidade enriquecedora de contato com a realidade.

Pela força desses vínculos, cada pessoa se sente impulsionada a assumir sua fé, na consciência de missão, o que é o oposto ao fanatismo ou à obsessão religiosa. Desperta-se assim, na pessoa, a vontade de transmitir a outros os valores religiosos que a enriquecem, em um âmbito de respeito e diálogo.

Qualquer sistema pedagógico que pretenda responder às necessidades contemporâneas deve enfrentar a profunda crise dos vínculos pessoais que atinge a cultura. Kentenich (1992) defende a teoria de que a pedagogia dos vínculos oferece a base para o ser humano edificar sua personalidade. Na carência de vínculos, a pessoa se torna propensa a se deixar conduzir por valores e ideias efêmeras. Kentenich (1992) aponta os vínculos, como meio sadio, para que o ser humano desenvolva todas as suas potencialidades e, assim, a personalidade pode amadurecer de forma plena, a partir do seu interior.

O HOMEM MODERNO E AS FRAGILIDADES DOS VÍNCULOS: UMA SÍNTESE SOB OS CONCEITOS DE BAUMAN E KENTENICH

O pensamento de Bauman ressalta que a condição de liquidez da sociedade se reflete na construção da identidade das pessoas. A dificuldade de comunicação afetiva se torna problema, pois tudo é feito às pressas e de maneira passageira; a necessidade de solidificar relações é considerada supérflua, contribuindo para uma sociedade sem vínculos, uma sociedade que vive em rede, mas se torna desconectada e carente de relações humanas e afetivas.

Nesse cenário da modernidade líquida, a pedagogia dos vínculos surge como indicadora de caminho que o pedagogo ou o educador pode recorrer, como auxílio, no processo de educação que lhe é confiado.

Kentenich apresenta a pedagogia dos vínculos, como a base para a formação da personalidade humana. Assim expressa: "O vínculo faz com que o ser humano se integre na realidade e a incorpore em sua existência [...] Desenvolver a vinculação a pessoas é decisivo, porque o indivíduo se projeta na força do encontro vivo" (KENTENICH, 1950, p. 74).

Ambos, Kentenich (1992) e Bauman (2001), apresentam aspectos de uma sociedade de vínculos frágeis, por isso líquidos. Kentenich (1984) elucida que a humanidade atual se encontra na fase da puberdade. O jovem, na puberdade, geralmente sente um profundo desassossego, que afeta fortemente o corpo e a alma e gera confusão interior. Esse sentimento explica a intranquilidade do tempo atual. O homem moderno sente a forte necessidade de constantes mudanças para adaptar-se à sociedade e às suas "modas" passageiras.

Bauman (apud COSTA, 2015, p. 1), nesse aspecto, faz uma leitura do homem moderno, sob o ponto de vista de que a sociedade líquida vive em fase surreal, dentro da qual o homem está mergulhado; cria-se um mundo de aparência absoluta, de ameaças que quase nunca se configuram reais, mas nos são mostradas cotidianamente, principalmente pela mídia.

Ele expõe o medo como forma inconstante e resultado de uma instabilidade do homem moderno, causada pela falta de solidez das relações. Ele menciona que se pode ter medo por vários fatores,

como perder o emprego, medo do terrorismo, da exclusão. O homem vive em uma ansiedade constante, em um cemitério de esperanças frustradas, em uma era de temores (COSTA, 2015, p. 1). Assim o homem se torna desassossegado, como fruto de medos e incertezas.

Outra característica do homem moderno líquido, na visão de Kentenich seria a tendência extraordinária de criticar. Essa é uma doença de nossa época – sempre insatisfeitos, críticos, porém com argumentos superficiais que caracterizam suas decisões.

Sempre em constantes mudanças, em suas decisões e sem uma base sólida, o homem atual torna-se constantemente insatisfeito. Bauman (apud RUANO, 2015) faz uma colocação a esse respeito e caracteriza a sociedade atual como sociedade insatisfeita.

Segundo Bauman, as pessoas na sociedade líquida vivem em constante fantasia de que suas vidas devem ser uma obra de arte; por isso há sempre a comparação com a vida dos outros e a busca incessante por alcançar aquilo que não se tem.

> É uma vida de consumo. É uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. Significa constante autoexame, autocrítica e autocensura. Um tipo de vida que alimenta a insatisfação do eu consigo mesmo (BAUMAN apud RUANO, 2015, p. 13).

Kentenich (1984) continua descrevendo a situação e apresenta mais uma característica atual: o homem filme. Esse homem reage apenas às impressões sensitivas, sem juízo próprio. Aquele que é original se sobressai aos demais; sendo diferente dos outros, certamente será atacado e bombardeado por todos os lados. Antigamente, em geral, o homem era modesto e se dizia entendido apenas em seu ofício, quer fosse carpinteiro ou sapateiro. Hoje, externamente, o homem sabe de tudo, mas no fundo ignora a essência da vida. Conteúdos culturais e espirituais dificilmente atingem a massa.

O homem atual, com disposição sensitiva, se deixa atrair por coisas deslumbrantes e sensacionais. Nos dias de hoje, quem conquista o povo e, sobretudo, o jovem? Quem possui voz vigorosa e trabalha com todos os meios externos que causam sensação. Mas o que se consegue dessa forma? Apenas alguns segundos de atenção, uma impressão e nada mais, assim ele caracteriza o homem, como casca sem conteúdo!

Bauman complementa Kentenich, apresentando o homem das relações efêmeras. O autor afirma:

> Em uma sociedade marcada pela agitação, pela ansiedade e acima de tudo pela incapacidade de obter uma experiência profunda de felicidade e bem-estar, a disposição consumista desponta como uma forma compensatória de o indivíduo vir a obter um razoável nível de prazer em sua vida cotidiana (BAUMAN apud RUANO, 2015, p. 12).

Especialmente nessa era da liquidez, as pessoas estabelecem laços passageiros que facilmente podem ser desfeitos, o que torna conveniente a melhoria constante de sua imagem, como produto. Segue-se a lógica do "quanto menos profundidade, melhor" (BAUMAN apud RUANO, 2015, p. 18).

Outra característica do homem moderno apresentada por Kentenich (1984) é a desconfiança. Em quem se pode crer e confiar? Quando se observa o homem sem raízes e vacilante, é fácil entender a desconfiança do tempo atual. Vitorioso é o homem que se baseia em um único princípio, não olha à direita nem à esquerda, mas mantém o foco, em seu caminho. Passageiramente um jovem pode curvar-se frente àquele que busca e provoca simpatia, mas a situação não se sustenta. No fundo, o homem busca abrigo em algo que esteja ancorado e firme.

Nesse sentido, Bauman (2009) faz uma colocação que corresponde à desconfiança extrema do homem atual; de fato, o homem pós-moderno é consumido pela insegurança, sem vínculos de longo prazo e livre de compromissos.

> Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana (BAUMAN, 2009, p. 16).

Resumindo, podemos dizer que, na perspectiva de Bauman e Kentenich, o homem moderno marcha no vazio, onde a insegurança, o medo e as relações passageiras se tornam presentes e configuram a crise atual da modernidade, caracterizada por relações e vínculos líquidos.

Ambos os filósofos que estudamos nos chamam atenção para as falsas imagens do homem, que vêm se formando, ao longo dos tempos.

Nessa reflexão, partimos para uma resposta aos problemas do homem atual: a crise dos vínculos líquidos. A pedagogia dos víncu-

los, com base na teoria de Kentenich, se sustenta na base da família. Ele afirma que a família é a principal instituição para a formação e o desenvolvimento dos vínculos no ser humano. Esse é o motivo por que deixamos Kentenich apresentar-nos a importância da família para a formação da personalidade do homem atual que vive na crise da era líquida.

A família, base para a formação do homem, por meio dos vínculos

A família é a primeira e a menor das instituições, porém a mais importante, por ser a base de todas. A família natural define-se precisamente pelos vínculos que se criam; a própria substância da família consiste nas relações pessoais diferenciadas que ela cria no seu interior.

As primeiras impressões desempenham um papel importante na formação da pessoa. É a partir delas que o intelecto, por um processo de abstração, vai conceituando e relacionando, e assim, pouco a pouco, vai-se construindo o acervo de conhecimentos do indivíduo.

As qualidades das primeiras impressões nascidas no âmbito familiar nos predispõem a sermos abertos ou fechados, confiantes ou desconfiados, pacíficos ou agressivos, positivos ou negativos, alegres, otimistas ou pessimistas (DOTTO, 1994, p. 56).

Se quisermos, portanto, dar uma resposta para os tempos atuais com sua problemática designada modernidade líquida, precisamos começar pela família. Kentenich (1994) já dizia que a perda dos vínculos, a falta de lar e a desvinculação da família conduzem o homem à desumanidade, à despersonalização e à massificação.

A família constitui, pelo próprio ser, uma comunidade de vida e de amor, porém na prática diária essas pequenas comunidades nem sempre vivem uma comunhão de amor que oferece abrigo e lar para seus integrantes.

A educação da pessoa humana está essencialmente ligada à família. Por sua estrutura orgânica e global, ela oferece as melhores condições para o desenvolvimento integral e harmônico da personalidade. Como célula-base da sociedade, a família possui a maior força educativa e dela depende a construção de uma nova sociedade.

Em 1942, durante seu cativeiro no campo de concentração de Dachau (1942-1945), Kentenich fundou a Obra das Famílias como parte integrante do Movimento de Schoenstatt, pois acreditava que o novo homem na nova comunidade depende essencialmente da família. Ele acentuava a importância dos vínculos na família, vendo nela a questão existencial da sociedade hodierna.

Kentenich (1994) aponta que a essência da presente problemática reside no abalo das ideias referentes ao ideal da família e do matrimônio. Para fundamentar e alcançar uma renovação da sociedade por meio da família, ele estimulou a elaboração de uma pedagogia e espiritualidade familiares que se tornassem um suporte, para que família possa cultivar os valores humanos, respeitar a vida e conservar o amor e a fidelidade mútua do matrimônio.

Em um curso pedagógico de 1950, abordando o tema da família, ele expressa sua preocupação por ela e proclama o imperativo: "Protegei a família, custe o que custar!" (DOTTO, 1994, p. 72).

A potência vinculativa da família

A família possui uma estrutura vinculativa natural porque nasce do vínculo do amor. Da fidelidade mútua dos cônjuges deriva a força vinculativa necessária aos pais para a educação dos filhos.

O vínculo matrimonial é a base sobre o qual se constituiu a família. Sua força vinculativa depende, essencialmente, de que esse vínculo seja estável, que o amor conjugal seja total, exclusivo e recíproco. Esse vínculo é complementado e aperfeiçoado pela paternidade e pela maternidade. O filho é o fruto da profunda vinculação e doação dos pais. Desde o primeiro instante da vida cria-se um laço especial entre mãe e filho. É o vínculo que, desde o início, possui um valor educativo, pois a mãe não estrutura apenas o organismo do filho, mas, implicitamente, toda a sua personalidade moral. O vínculo da mãe produz um efeito educativo singular na formação do ser humano; determina a forma de relacionamento com o pai, com os irmãos e com todo o ambiente familiar. A partir dessa base, desenvolve-se a capacidade das relações, que se projetará no futuro, como ajustamento ou desajustamento social (DOTTO, 1994, p. 88).

As relações familiares são decisivas, pois o vínculo com os pais, com os irmãos, com o lar e os costumes familiares são os mais fortes e duradouros na vida do homem.

A família corresponde à necessidade básica de vinculação do homem: a vinculação às pessoas e às ideias. Essa rede das vinculações é fundamental para a educação do amor humano. A força vinculativa da família confirma que ela é a raiz da sociedade humana e tem a missão e o dever de lutar pela preservação dos valores com sua força educativa (DOTTO, 1994, p. 38).

Diante de um cenário em que se observa uma fragilidade em relação ao casamento e à estrutura familiar, vê-se claramente por que a sociedade se apresenta com uma cultura de vínculos líquidos, pois, segundo Kentenich (1994), a principal base da sociedade está abalada e os frutos não poderiam ser diferentes.

Os pais e mães possuem uma tarefa insubstituível na formação da personalidade dos filhos, que conquistam sua identidade pela dialética entre o princípio paterno e materno.

Segundo Bauman (2007), a modernidade líquida criou uma nova era nos relacionamentos, que estão cada vez mais fragilizados e desumanizados. Essa desumanidade, também apontada por Kentenich (1994), é fruto de uma sociedade que terceiriza a educação de seus filhos, tornando os relacionamentos no seio familiar cada vez mais distantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da sociedade atual a partir das teorias de Kentenich e Bauman possibilita afirmar que o contexto em que o indivíduo se encontra inserido caracteriza-se como um ambiente marcadamente líquido, com vínculos frágeis, no qual o medo e a insegurança se tornam salientes. Ao apresentar a pedagogia dos vínculos como diretriz condutora para a formação de homens novos para uma nova sociedade, Kentenich aponta um caminho seguro para a educação do homem do século XXI.

No contexto do cenário descrito por Bauman e Kentenich, surge o seguinte questionamento: é possível, ante uma sociedade líquida, desenvolver e manter os vínculos nas diversas formas de comunidade? Kentenich (1994) responde que, pelos vínculos desenvolvidos no seio familiar, é possível formar novos homens para uma nova sociedade, contribuindo, assim, para o desenvolvimento dos vínculos em comunidades mais amplas.

A força vinculativa da família confirma que ela é a raiz da sociedade e tem a missão e o dever de lutar, com sua força educativa, pela preservação dos valores. A família, como comunidade de vida, de amor e de destinos, possibilita a descoberta de si e do outro. Os vínculos familiares, especialmente o vínculo pessoal dos filhos com os pais, conferem segurança, equilíbrio afetivo, respeito aos valores e um desenvolvimento sadio do amor natural e sobrenatural.

Portanto, a família é a célula original, principal, pela qual devem ser despertados e fortalecidos vínculos que possibilitem a configuração de uma sociedade moderna, porém sólida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar 2001.

_____. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar 2011.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar 2007.

_____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar 2006.

_____. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar 2003.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar 2009.

BETSY, G. Zygmunt Bauman: vivemos tempos líquidos. Nada é para durar. Disponível em <http://lounge.obviousmag.org/de_dentro_da_cartola/2013/11/zygmunt-bauman-vivemos-tempos-liquidos-nada-e-para-durar.html>. Acesso em: 20 maio 2017.

CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

Costa, L. C. R. Medo líquido. Disponível em: <https://www.trabalhosgratuitos.com/profile/luizcarlosribeir.html>. Acesso em: 2 jun. 2017.

DOTTO, E. F. A *Educação do amor humano na perspectiva do P. Kentenich*. Santa Maria: Sociedade Mãe e Rainha,1994.

FERNANDEZ, J. P. *A estabilidade Psicológica!* Importância das vinculações na Educação, Santa Maria: Palloti, 1992.

KENTENICH, J. P. *Documentos de Schoenstatt*. Santa Maria: Palloti, 1984.

_____. P. *Linhas fundamentais de uma pedagogia moderna para o educador católico*. Santa Maria: Palloti, 1984.

LOPES, R. Pedagogia de Schoenstatt: abordagens e inovações educacionais para contextos escolares. Disponível em: <http://www.congressoeduschoenstatt.com.br/static/uploads/site/ckfinder/files/Pedagogia> Acesso em: 18 abr. 2017.

RUANO, E. A era da liquidez: parte IV (Consumo Líquido). Disponível em: <http://www.laparola.com.br/a-era-da-liquidez-consumo-liquido>. Acesso em: 1 jun. 2017.

SCHLICKMANN, D. M. *Tempestade de Outono 1912*: O início de uma revolução interior. Santa Maria: Sociedade Mãe e Rainha, 2012.

SILVA, R. B. Lugares para amizade na sociedade contemporânea – caminhos educativos a partir da obra de Zygmunt Bauman/2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos->. Acesso em: 21 maio 2017.

STRADA, A; PONTES, J. *Proposta pedagógica de Schoenstatt*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1998.

WEBER, E. Vínculos Comunitários na atualidade. *Revista eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia-EST*. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/34/66>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Ensaios

FAMÍLIA E ESCOLA PROMOVENDO A CIVILIZAÇÃO DO AMOR

Dom Antônio de Assis Ribeiro – SDB
Bispo Auxiliar de Belém do Pará

INTRODUÇÃO

A relação entre família e escola nem sempre é fácil! Há diversos tipos de relações entre esses dois sujeitos, como, por exemplo, relação de indiferença, comercial, clientelista, conflituosa, agressiva, intermitente, murmurante, alienante etc. Mas também há relações muito positivas: amigável, próxima, compreensiva, respeitosa, corresponsável, conciliadora, parceira, amistosa etc.

A qualidade das relações entre família e escola e vice-versa muito depende da consciência da corresponsabilidade dessas duas instituições. Está em jogo a compreensão mais profunda possível da vocação da família e da escola, mas não só: a qualidade dessa relação depende também da compreensão na natureza do "ser aluno" e do "ser filho". Trata-se do mesmo sujeito, da mesma pessoa, mas em contextos diferentes e com papéis diversos.

Ambas as instituições só poderão ter bom êxito quanto mais focarem suas atenções sobre o ser pessoa, na qual deve estar inserido o filho e o aluno. Da consciência da unidade e unicidade do mesmo sujeito depende a promoção de atitudes de parceria, corresponsabilidade e a visão de processos contínuos a serem cuidados por ambas. Uma visão fragmentada da promoção do mesmo ser humano gera graves prejuízos para os três.

A missão de gerar (geração), humanizar (humanização), personalizar (personalização) e a promoção de bons sujeitos protagonistas da própria história e construtores de um mundo melhor são desafios que competem a essas duas instituições básicas. Pais e educadores são, por vocação, chamados a aprofundar a necessidade dessa missão comum.

FAMÍLIA: UM TEMA DE PERMANENTE RELEVÂNCIA SOCIOPASTORAL

Nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 1980, aumentou fortemente no mundo ocidental a atenção para com o tema família. O assunto "família" tem sido objeto de inúmeras dissertações de mestrado e doutorado nas mais variadas universidades do mundo ocidental, sejam elas na esfera estatal ou privada, confessional ou laica.

Cresceu também a bibliografia sobre a família que aparece relacionada a uma vasta lista de subtemas relativos à política, educação, cultura, economia, religião, lazer etc. A família também tem sido objeto de reflexão no cinema, na televisão, nas novelas, nos programas de humor, nas obras literárias.

Com igual generosidade esse tema é estudado pelas mais variadas ciências humanas, como sociologia, direito, ciências sociais, medicina, filosofia, pedagogia, psicologia, economia, administração, engenharia, teologia etc.

Muito ampla e crescente tem sido a lista de cursos de especialização na área da família oferecida por instituições de ensino superior de todo o Brasil, dos países latino-americanos, Estados Unidos e Europa.

A família tem sido também foco de especial atenção por parte das instituições como o Estado (ou governos) nos níveis federal, estadual e municipal, da escola, das organizações não governamentais, dos movimentos sociais, das igrejas, da magistratura, das empresas etc.

Enfim, não podemos deixar de mencionar que a família não é só objeto de cuidado, de especial atenção, mas também sujeito cuidador e agente de transformação social, tendo em vista o crescimento das mais variadas formas de associações de famílias com finalidade de colaboração, preservação de seus valores, partilha de recursos e cuidado de seus interesses. Isso significa que a relação entre escola e família deve se pautar por esse pressuposto básico: a família é um sujeito dinâmico com a qual a escola deve dialogar e promover esforços para que ambas interajam como parceiras que acreditam que a base da civilização do amor passa por essas duas instituições.

A vasta fonte de referências à família dos nossos dias nos diz que estamos diante de um tema de fundamental importância para

a vida da sociedade. É um tema transversal que perpassa todas as dimensões da sociedade. Aliás, a família é a base da sociedade, da escola e da vida da Igreja. Por isso, o Papa Francisco, ao iniciar a Exortação Apostólica sobre a família, começa afirmando: "Alegria do amor vivido na família é também o júbilo da Igreja" (AL, 1). "A família é um bem de que a sociedade não pode prescindir, mas precisa de ser protegida" (AL, 44). "Ninguém pode pensar que o enfraquecimento da família como sociedade natural fundada no matrimônio seja algo que beneficia a sociedade" (AL, 52).

COMPROMISSOS COMUNS UNEM FAMÍLIA E ESCOLA

Não há como negarmos que a família precede a escola do ponto de vista institucional. Mas a família é escola, e a escola é chamada a ser família! A família é o ambiente natural no qual acontecem a geração, a humanização, a personalização e a formação para o protagonismo maduro do ser humano. Algo semelhante diga-se também para a escola.

A família é o natural ambiente da geração

Cada um de nós foi gerado em um útero materno, mas aquela que nos conduziu por nove meses estava inserida em um ambiente familiar, em um contexto de relações afetivas. O contexto existencial de quem gera é muito importante, pois repercute sobre a vida daquele que está sendo gerado. Assim também é a escola! Escola e família são geradoras de um novo ser, mas é preciso garantir a qualidade da gestação.

A escola que não "gera" é estéril! Mas para que possa gerar vida deve cuidar das relações sistêmicas e harmoniosas. Para que o feto possa se desenvolver no útero de sua mãe é preciso que todos os sistemas da vida da mãe estejam saudáveis.

A boa gestação não depende somente do espaço físico uterino da mãe, mas também do bom funcionamento do coração, do sistema circulatório, do aparelho respiratório, do sistema nervoso, da condição emocional etc. Estamos falando da necessidade da harmonização integral e convergência de todos os elementos estruturantes da vida da escola e da família para que sejam geradoras de sujeitos novos e saudáveis.

A família é o ambiente natural da nossa humanização

Nascemos da espécie humana, mas nos tornamos humanos mediante um processo de contínuos e positivos estímulos ao desenvolvimento das nossas potencialidades racionais, sociais, afetivas, intelectuais, religiosas, morais etc. A "humanização" não significa o puro desenvolvimento da aparência física.

Estamos nos referindo a atitudes saudáveis decorrentes da assimilação de valores mediante o esforço que gera virtudes. O ser humano verdadeiramente humanizado é virtuoso. Somente instruído, é culto! Mas o culto sem virtudes é uma ameaça à sociedade, por isso não basta o conhecimento técnico.

Aquele que ficou com seu processo de humanização entanguido não tem virtudes e é movido puramente pelos instintos e interesses pessoais. Assim também é a escola! A escola virtuosa tem paixão pela humanização do *Homo sapiens*. Quando a escola católica como instituição não tem em seu Projeto Político Pedagógico com clareza essa convicção, zela pelos próprios interesses financeiros e, em vez, de humanizar, vai gerar seres malformados, moralmente esquizofrênicos, desequilibrados, frios expectadores da realidade. Então, família e escola são parceiros da humanização do *Homo sapiens*.

A família é ambiente natural da personalização

A família é o primeiro ambiente no qual, aos poucos, vamos tomando consciência da nossa identidade. Percebemo-nos quando crianças como somos o centro da convergência da atenção dos outros; percebemos que nos identificam com um nome específico; lentamente tomamos consciência de uma especial relação afetiva com nossa mãe, pai e irmãos; cresce em nós o sentimento de pertencimento a um grupo; percebemos que somos da mesma espécie (que somos pessoas); que temos crenças e costumes comuns pertencendo a certa cultura; que temos características próprias (como indivíduos) e, ao mesmo tempo, somos todos diferentes; tomamos consciência de que somos sujeitos com liberdade e por vontade própria! Aos poucos na família aprendemos a dizer "eu", "tu", "ele", "nós", "eles"...

O processo de personalização implica também o desenvolvimento da própria vontade, liberdade e responsabilidade. A escola, espaço humanista, tem como missão o aprimoramento do ser pessoa

através da continuidade da educação moral começada na família. Por isso, deve dar atenção não somente às grandes características do ser humano (humanização genericamente), mas acolher a demanda da personalização dos indivíduos: aqui emerge a preocupação de como favorecer o desenvolvimento dos talentos pessoais, das potencialidades individuais, de como cuidar das carências e superar as fragilidades de cada um; estimular a elaboração de projeto de vida. A escola é o natural ambiente da personalização através do cuidado individualizado.

Esses três fenômenos humanos – geração, humanização e personalização – são dinâmicos e permanentes. Por isso família, escola, empresa, Igreja, clube, amigos são importantes, são espaços nos quais o ser humano se dinamiza através das mudanças, da autocompreensão, dos sonhos, da interação, das inquietudes e das lutas. A escola e família, por isso, não deveriam ser concebidas como espaços institucionais funcionalistas, mas compreendidos como ambientes do desabrochar do ser humano ativo, dinâmico, aberto, inacabado, transcendente, peregrino!

A família é ambiente da formação para o protagonismo

A consequência natural desses processos humanos é a maturidade. O dinamismo dos investimentos da família e da escola concorrem para a formação do ser humano maduro, adulto, livre, justo, responsável. A missão da família é a construção dos alicerces para a formação do ser humano capaz de ser protagonista da própria vida, construtor da sua história e capaz de assumir responsabilidades.

Quando na família não se faz ambiente adequado para a formação de pessoas adultas, ela contribuiu para um grande prejuízo social. Isso não é novidade; é o fato dramático que estamos vivenciando em todas as esferas da sociedade. Há uma forte conexão entre família, escola e criminalidade. Quem já teve a graça de participar da pastoral carcerária, ouvindo histórias de detentos, certamente não consegue negar essa relação.

O útero que não gera adequadamente um feto concorre para a promoção do nascimento de um ser, merecedor de acolhida e respeito sempre, mas será fator de compaixão e peso para os outros. Isso faz parte do mistério da vida, mas o que todos almejamos é

ver acontecer nas famílias e nas escolas aquilo que a Bíblia fala dos profetas Samuel, João Batista e Jesus.

Samuel crescia diante de Javé, era estimado pelo povo e Deus estava com ele (cf. 1Sam 2, 21.26; 3,19). O menino João Batista, aquele que batizou Jesus, também crescia, ficava forte, cheio de sabedoria e a graça de Deus estava com ele (cf. Lc 2,40). E de Jesus também o evangelista Lucas escreveu algo semelhante: "Ele crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens" (cf. Lc 2,52). Todos eles foram humanamente grandes personalidades e os textos nos acenam para a importância da promoção da educação como processo de desenvolvimento integral. Nenhum desses textos faz referência à escola nem às sinagogas, mas sim ao contexto familiar, a escola da vida.

FAMÍLIA E ESCOLA, PARCEIRAS DA CIVILIZAÇÃO AMOR

A família e a escola são as mais nobres instituições de promoção da educação que levam o ser humano ao bem-viver (Ser!)! A família é a escola da vida, do amor, da justiça, da paz... A vida da escola é a família que robustece a experiência de valores que constituem a base da sadia convivência social.

Não podemos, contudo, cair na ingenuidade de que a melhor escola do mundo e a mais santa família da Terra, em parceria, formariam pessoas perfeitas! Ilusão! O ser humano continuará sempre "improgramável"! Se isso acontecesse estariam sendo aniquiladas a vontade e a liberdade humanas!

Todavia, é certo que uma boa família, em parceria com uma instituição com virtuosos educadores, deixaria enormes estímulos positivos na vida de filhos e alunos. Juntas e em comunhão, família e escola podem prevenir os mais graves dramas humanos como, por exemplo, a carência afetiva, a agressividade, a solidão, a fragilidade psicológica, a ausência de sentido para a vida, a falta de projeto de vida, a cultura da desonestidade, a injustiça, a violência, o vazio existencial, o suicídio! Isso gera a cultura de morte! O contrário de todos esses fenômenos, se não é a vida em plenitude, é, ao menos, a vida vivida com exuberante dignidade.

Quando família e escola acreditam nos mesmos ideais e assumem metas em comum, juntas têm o mérito de contribuir para a promoção da cultura da vida! Isso significa, em todas as circunstâncias dentro da família e da escola, a promoção de nobres ideais, estimu-

lando a prática da honestidade, do respeito, da delicadeza, do perdão, da justiça, da acolhida da diversidade, da partilha, da responsabilidade, da solidariedade etc.

CONCLUSÃO: ATITUDES FUNDAMENTAIS

Diante da amplitude e da complexidade do tema família, somos chamados, como agentes de pastorais e educadores, a cultivar algumas atitudes muito importantes, como:

a) Evitar a alienação, a indiferença e a relação conflitiva diante dessa realidade tão importante para a vida da sociedade, da Igreja, das escolas, das empresas etc.;

b) Cultivar uma atitude de compaixão e discernimento, aproximando-se e conhecendo melhor os reais desafios da família, mas alimentando a virtude da serenidade, do otimismo e da esperança evitando sermos meros analistas e críticos;

c) Evitar, a todo custo, atitudes de exigências moralistas, idealistas e intolerantes que provocam a exclusão, alimentam a frieza e promovem a condenação gratuita das pessoas (filhos e alunos, pais e responsáveis);

d) Não ser partidário de tendências e teorias fundamentalistas, ideológicas, espiritualistas e psicologistas, desconfiando de quem tem soluções para tudo;

e) Exercitar-nos como educadores na arte da escuta, da reflexão crítica e do discernimento conjunto (escola e família), sobretudo em relação aos problemas do cotidiano familiar e escolar, bem como as propostas advindas das ideologias e de movimentos contrários aos valores da família cristã;

f) Evitar o integrismo doutrinal e moral sobre a família e o matrimônio, gerando confusão e caindo no relativismo; por respeito ao outro não podemos negar a nossa identidade doutrinal;

g) Diante da diversidade das configurações familiares, priorizar a pessoa, patrimônio comum e sempre digno de acolhida, respeito, escuta, caridade e compaixão;

h) Estimular entre os educadores a compreensão de que o tema família deve ser ponto de referência interdisciplinar a ser refletido cotidianamente;

i) Fazer caminho com a família, certo de que o Espírito de Deus caminha com a humanidade, seguindo a pedagogia que de Jesus fez com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24).

Dessa forma, escola e família serão parceiras da promoção da civilização do amor.

REFERÊNCIAS

ARTIME, Angel Fernandez. *Somos Família!* Cada casa, uma escola de Vida e de Amor. Brasília: Edebê, 2017.

BAUMAN, Zigmunt. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

_____. *Ética pós-moderna*. São Paulo, Paulus, 1997.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HAERING, Bernard. *Existe saída?* Uma pastoral para os divorciados: São Paulo: Loyola, 1990.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069, de 13/7/1990. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.* Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996.

CARTAS DOS DIREITOS DA FAMÍLIA. Disponível em: <http://diocesedecacador.org.br/site/download/Carta%20dos%20direitos%20da%20familia_23-07-2014%20(1).pdf>. Acesso em: 1º jul. 2017.

CARVALHO, Ana Maria; MOREIRA, Lucia Vaz. *Família e educação*: olhares da psicologia. São Paulo: Paulinas 2008.

_____. *Família, subjetividade, vínculos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CURY, Augusto Jorge. *Pais Brilhantes*. Professores Fascinantes. Rio de Janeiro. Sextante, 2003.

DONATI, Pierpaolo. *Família no século XXI* – Abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica, *Amoris Laetitia* sobre o Amor na Família. Roma, 2016.

GALIMBERTI, Umberto. *L'ospite inquietante. Il nichilismo e I giovani*. Milano: Feltrinelli, 2008;

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

HARARI, Yuval Noah. *Uma breve história da humanidade Sapiens*. 8. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*. Sobre a função da Família Cristã no mundo de hoje. Roma: Livraria Vaticana, 1981.

LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: lmago, 1983.

MARSHALL, Berman. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SZYMANSKI, Heloisa. *A relação família/escola*: desafios e perspectivas. Brasília: Plano, 2001.

TIBA, Içami. *Disciplina Limite na Medida Certa*. São Paulo: Integrare, 2006.

ZAGURY, Tânia. *Escola sem Conflito*: Parceria com os Pais. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CULTURA DE PAZ NAS ESCOLAS: POR UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ COM FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS[1]

Erica Cristina Lemes[2]
Nei Alberto Salles Filho[3]
Virginia Ostroski Salles[4]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Cultura de Paz é um dos grandes temas do século XXI. Ao mesmo em tempo em que o ser humano avançou em ciência e tecnologia durante as últimas décadas, as relações humanas, a solidariedade, a tolerância e o respeito passam por uma crise na qual sofrem mudanças e a vida acaba sendo desvalorizada. Isso se reflete no momento atual de nosso país, marcado por um dos maiores índices de homicídios do mundo, além de dezenas de milhares de mortes no trânsito, com milhares de assassinatos de mulheres e crianças, além

1 Este artigo é uma adaptação de material didático desenvolvido na parceria entre o Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências – www.uepg.br/nep – da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná) e o Instituto Mundo Melhor – www.insitutomm.com.br – Ponta Grossa (Paraná). O referido material é utilizado como recurso auxiliar em cursos e oficinas destinados à formação pedagógica de professores para processos de Educação para a Paz nas escolas.

2 Pedagoga. Especialista em Neuropsicopedagogia. Assessora Pedagógica do Instituto Mundo Melhor – Ponta Grossa, Paraná. Pesquisadora e docente do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências (NEP/UEPG). E-mail: ericalemes@gmail.com

3 Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Coordenador do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências (NEP/UEPG). E-mail: nsalles@uepg.br

4 Pedagoga. Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia. Professora da Educação Básica no Município de Ponta Grossa, Paraná. Pesquisadora e docente do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências (NEP/UEPG). E-mail: virginia.utfpr@gmail.com

de relações familiares violentas, muitas vezes geradas pelo abuso de poder e, também, das drogas lícitas e ilícitas.

As questões acima não são apenas números e estatísticas frias, mas sim o reflexo de uma cultura de violência, que é reproduzida e reforçada pelas relações cotidianas, pela mídia, pelas atitudes violentas das pessoas com as outras e com toda a forma de vida, além da própria natureza. Além disso, as questões estruturais, como a desigualdade e as injustiças sociais, compõem esse cenário complexo das violências em nosso tempo. Esse quadro aponta para a inevitabilidade da discussão e da estruturação da área de estudos da Paz, que nasce nos princípios da Cultura de Paz e é organizada pelas práticas pedagógicas que chamamos de Educação para a Paz, ou seja, pensar e planejar ações para realmente entender a Paz como possibilidade concreta de realização. **Definitivamente, se quisermos falar de Paz ou de Cultura de Paz na educação, é imprescindível falarmos de uma Educação para a Paz, devidamente orientada pedagogicamente.**

Portanto, cabe o entendimento inicial de que Cultura de Paz é um grande "guarda-chuva" de ações orientadas para o BEM, agregando as condições que promovem o ser humano e melhoram a vida em comunidade, sociedade e do planeta. Isso é oposto ao MAL, entendido como tudo o que impede o crescimento e a promoção desse bem. Logo, a Cultura de Paz estaria nas ruas, nas diversas religiões em tolerância mútua, na democracia de fato, na cidadania que considera o bem-estar das pessoas e, sobretudo, no repúdio a todas as formas de violência. Isso mesmo: repudiar a violência contra as crianças, as mulheres, os idosos. Repudiar a violência de gênero, a violência étnica e o preconceito contra qualquer forma de diversidade. Repudiar a violência da miséria, da pobreza e da corrupção em todos os níveis da sociedade. Repudiar a violência contra a natureza e todos os seres vivos.

Portanto, uma Educação para a Paz seria o ramo pedagógico da Cultura de Paz, ou seja, a organização pedagógica de temas como valores humanos, direitos humanos, cidadania, meio ambiente entre outros, que devem ser estruturados pedagogicamente, aplicados com atividades educacionais que provoquem a reflexão e a ação nessa busca do BEM, nessas condições de melhoria das pessoas, da vida e do planeta. É bom que se diga que a Educação para a Paz não é o somatório de projetos politicamente corretos, mas uma intenção

maior em utilizar os conhecimentos sobre as violências, a paz e os conflitos, como forma de ampliar a tolerância frente à diversidade, promover a solidariedade como um valor desejável e entender os conflitos como oportunidade de diálogo e resolução de impasses.

Por isso acreditamos que uma **Cultura de Paz se faz com Educação para a Paz**, ou seja, falar ou discursar sobre paz sem entender seus princípios pode criar uma imagem de ingenuidade. Precisamos estar atentos e críticos às diferentes violências cotidianas que impedem a concretização da paz e, ainda, acolher o conflito como um elemento importante para o crescimento das relações e instituições, desde que sejam tratados adequadamente, focando em resoluções não-violentas nas convivências positivas. É o que diz Jares (2002, p. 131): "A paz afeta todas as dimensões da vida: interpessoal, intergrupal, nacional, internacional". Ou seja, há necessidade de se aprofundar na compreensão sobre a paz, a violência, os conflitos, os valores e direitos humanos para compreender como organizá-las pedagogicamente.

Nesse contexto, levantamos argumentos que contribuam para apresentar elementos conceituais importantes para refletir e estabelecer caminhos de uma Educação para a Paz. Educar para a paz é uma construção diária, nos pequenos atos, de onde brotam as grandes transformações. Paz é para ser realizada, não só idealizada. A Paz se faz, não é dada. Para Diskin e Roizman, a Educação para a Paz deve ser um:

> [...] processo pelo qual se promovam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos a prevenir a violência (tanto em sua manifestação direta, como em sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que induzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupal; nacional e/ou internacional) (2008, p. 26).

A Educação para a Paz é um processo que permeia todas as idades, que pode ser inserida nas diversas instituições tanto da área educacional como assistenciais e também nas áreas da saúde e da justiça. Em todos os espaços onde existam grupos organizados, os conceitos e práticas da Educação para a Paz têm possibilidades pedagógicas. Além disso, a Educação para a Paz deve fazer parte do nosso dia a dia, das formas mais variadas, como nos meios de comunicação, nas relações pessoais, na organização das instituições, no meio da

família.

A partir dessas questões, não cabe mais o questionamento sobre se somos a favor ou contra a paz pois, ao menos no discurso, quem não seria? O que devemos fazer objetivamente é nos perguntar se repudiamos as violências físicas, psicológicas, de gênero, contra a infância, contra os direitos humanos, contra todas as formas de vida e contra o planeta. Como já afirmou Salles Filho, em outro momento:

> A Educação para a Paz está no entendimento das violências, na busca da compreensão das mesmas, na clareza dos conflitos geradores e, com o processo pedagógico de mediação destes, culminando com a não-violência, ou dito de outra forma, com convivências pacíficas (2009, p. 238).

Repetimos com ênfase que uma **Cultura de Paz só se faz com uma Educação para a Paz!** Nesse caminho, apresentamos alguns elementos necessários para fundamentar trabalhos efetivos na prevenção das violências em diversos espaços. Obviamente, são questões e fundamentos que precisam ser entendidos e adaptados de acordo com as diferentes realidades que são encontradas no cotidiano.

CULTURA PARA A PAZ E EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Ao estabelecer a relação entre Cultura de Paz (ampla) e Educação para a Paz (organizada pedagogicamente), apresentaremos alguns elementos que justifiquem essa relação. Para vivenciarmos uma Cultura de Paz, precisamos aprender a repudiar qualquer forma de violência, das diretas (contra pessoas) às indiretas (como a pobreza), e promover os princípios de liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular a compreensão entre os povos e as pessoas. Vivemos em uma cultura de violência fruto de construção histórica, das lutas, guerras, conquistas de competição. Da mesma forma, se a cultura de violência foi desenvolvida pelo ser humano, também podemos supor que a Cultura de Paz também possa ser construída pelo ser humano. Somos capazes de construir uma Cultura de Paz, evidenciando valores de cooperação, solidariedade, tolerância, respeito, liberdade e justiça! O mundo do século XXI precisa disso!

Um documento internacional fundamental para estabelecer a Cultura de Paz é o "Manifesto 2000: por uma Cultura de Paz e

Não-Violência" (2000), da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), esboçado por um grupo de ganhadores do Prêmio Nobel da Paz. Em suas discussões sugeriram seis pontos fundamentais a ser considerados para todos os povos – **respeitar a vida, rejeitar a violência, ser generoso, ouvir para compreender, preservar o planeta e redescobrir a solidariedade**. A partir desse documento, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) declarou o período de 2001 a 2010 a "Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo". Mesmo após esse período a ONU continua apoiando e divulgando essas perspectivas, uma vez que a violência precisa ser permanentemente enfrentada nos diversos cantos do mundo.

Os seis pontos do Manifesto 2000 precisam ser entendidos em seus elementos centrais, para que a Cultura de Paz seja mais palpável, mais concreta em discurso e prática. Passamos a elencar algumas pistas de cada item no manifesto:

Respeitar a vida: "Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito". Esta é a primeira discussão que o "Manifesto 2000 para uma Cultura de Paz" traz como compromisso. Será que somos capazes de fazer algo para construir um mundo com mais justiça social, com mais igualdade? As desigualdades e injustiças são tantas que acaba sendo mais cômodo nos sentirmos apenas revoltados e nada fazer? Mas, de alguma maneira, precisamos aprender que a paz está em nossas mãos: a sociedade do futuro depende de nós! E com isso cabe a cada um de nós contribuir e cuidar da vida, em seu aspecto pessoal, social e planetário. Respeitar a vida, em todas as suas formas é um princípio fundamental da Paz, onde estão em jogo as relações humanas, com os animas, com as plantas e com todo o planeta. Podemos dizer que a Paz é sinônimo de preservação de TODA vida. Logo, tudo que ameaça a vida das pessoas, animais e do meio ambiente é violência e precisa ser evitada!

Rejeitar a violência: "Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes". Mahatma Gandhi, um ícone universal da paz, afirmava que o primeiro princípio da ação não-violenta é a não-cooperação com tudo que é humilhante, tudo que desagrada, tudo que machuca. Assim vejamos: em princípio, quando indagadas, todas as pessoas se posicionam a

favor da paz. Porém, na prática da vida e das relações sociais isso não aparece concretamente. Portanto, ser da paz não está apenas no discurso e nas palavras, mas sim nas ações verdadeiras de nosso dia a dia. Repetimos que, mais do que ser a favor da paz, precisamos mesmo é REPUDIAR todas as formas de violência contra a vida e o planeta. Quando nos posicionamos contrários às violências de forma clara, estamos a favor da Paz como não-violência ativa!!! Com esse posicionamento procuramos que nossas ações sejam efetivamente não-violentas, ou, em uma palavra, pacíficas.

Ser generoso: "Ninguém é tão pobre que não tenha algo para dar; ninguém é tão rico que possa dispensar um sorriso amistoso". Compartilhar nosso tempo e nossos recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica. Quando falamos de generosidade sabemos que não é um direito, também não é um dever, tampouco é regida por leis. Generosidade é obra da grandeza de caráter, um valor que nos humaniza e nos faz ver que, no essencial, somos todos semelhantes. Ser generoso requer entender também que, além de doações materiais que são necessárias, podemos colaborar e compartilhar bons sentimentos, estabelecer boas relações, conviver em benefício com o crescimento coletivo, estimular o sentimento de empatia e criar laços de amizade e afeto com pessoas e grupos, criando vínculos fortes que evitarão muitos conflitos e violências. A Paz é tanto iniciativa individual quanto coletiva, entre grupos, entre seres humanos!

Ouvir para compreender: "Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, à difamação e à rejeição do outro". É fundamental entender que no diálogo não deve haver a tentativa de fazer prevalecer um ponto de vista em particular, mas, sim, ampliar a compreensão dos envolvidos sobre os fatos, as ideias e os conflitos que se dão pelas diferenças de percepção. O diálogo é o caminho para o entendimento e para a tolerância, pois nos faz compreender melhor as diferenças que temos com os demais. Por mais que tenhamos nossas opiniões e razões, essas não podem ser impostas aos outros, pois isso também é uma forma de violência.

Dialogamos, debatemos e até entramos em conflito a partir de nossos posicionamentos. Isso não é ruim, desde que feito com respeito, equilíbrio e responsabilidade. Quando tentamos "obrigar" os outros a concordar com nossas, ideias somos levados ao fanatismo

e à violência. Dessa forma, só há espaço para um "certo" ou "errado". Como sabemos, é no equilíbrio e no diálogo que encontramos um meio-termo para as convivências positivas e construtivas. A construção positiva na vida só será sustentável se for feita com base na escuta e no diálogo, caso contrário será sempre uma violência imposta por uma das partes. **Ouvir, mas compreender de fato é o caminho!** Lembramos que a arrogância originada da percepção estreita das coisas deu origem a atrocidades e barbáries como as formas de escravidão, das guerras e de grande parte das violências ao longo da história.

Preservar o planeta: "Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta". Esse é outro desafio de todos neste século XXI. Mas preservar o planeta é muito mais que "plantar árvores" ou "economizar água". Além disso, trata-se de mudar toda a perspectiva do consumo, do excesso de bens materiais que esgotam os recursos naturais e geram toneladas de resíduos e lixo a cada ano. A cultura do excesso passa pela alimentação, pelo vestuário, pelos produtos eletrônicos e automóveis, que são ícones de consumo da sociedade moderna. Uma mudança radical seria necessária, mas parece utópica. Portanto, precisamos procurar sentir mais a natureza, a vida e, especialmente, tudo aquilo que é prejudicial à vida e ao planeta.

Além disso, sensibilizar-se com os animais, não apenas os **"pets"**, que muitas vezes se tornam **"brinquedos"**, mas a diversidade da vida animal, em rios, mares, florestas. Como eles existirão se seu ecossistema está sendo destruído pela exploração humana? E, nós mesmos, será que se continuarmos sem nos importar com a natureza e o meio ambiente, teremos condições de sobreviver? Pensamos mesmo em nossos netos? Logo, preservar o planeta é um princípio ético e integrado à própria existência futura. Palavras como equilíbrio e sustentabilidade precisam ocupar nossas ações em relação à preservação do planeta. Equilíbrio no sentido de ver que a tecnologia e o desenvolvimento precisam encontrar pontos mais claros, pois não adianta tanta tecnologia sem condições de manutenção da vida. Sustentabilidade como a clareza que de o desenvolvimento precisa ser sustentável, ou seja, precisa ter condições de ser permanente, assim como esperamos da vida. O contrário disso seria cada vez mais os recursos naturais e a própria vida estarem em esgotamento. Vale

lembrar que inúmeros pontos do planeta já estão praticamente esgotados e gerando milhões de mortes a cada ano.

Redescobrir a solidariedade: "Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade". Ser solidário significa colaborar para o crescimento coletivo. Muitas pessoas confundem solidariedade como ajudar em campanhas ou fazer doações. É muito mais que isso. Solidária é a pessoa que caminha junto, que pensa junto, que se preocupa com os destinos da sociedade e do planeta. A solidariedade nos faz pertencer a uma sociedade e não a uma multidão de vidas desagregadas e perdidas. Queiramos ou não, caminhamos a mesma história, a história humana. A solidariedade é, também, o alicerce que nos sustenta para enfrentar os conflitos que sempre fizeram parte da vida. Aqui vale lembrar que a família e a comunidade são os espaços básicos e iniciais da solidariedade, onde podemos colaborar para melhorar. Nesse princípio também está expresso a valorização da mulher, perante uma cultura machista global que violenta milhões de mulheres ao redor do planeta. Além disso, os princípios democráticos, a possibilidade de voz a todas as pessoas também são fundamentais para aprofundar a cidadania e a solidariedade.

EDUCAÇÃO PARA A PAZ: PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

Como percebemos, a Educação para a Paz, a partir de ações planejadas sobre as relações entre violências, paz e conflitos, é fundamental para resolver conflitos de forma madura e saudável, visto que eles fazem parte do cotidiano de todas as pessoas, em todos os tempos e lugares. Conflitos são uma oportunidade de darmos suporte emocional aos envolvidos, demonstrando o valor da confiança nas pessoas e nos processos que levam à paz. Assim a Educação para a Paz está, em sua essência, comprometida com um futuro de bem-estar para a humanidade e com o meio ambiente. Não podemos mudar os erros do passado (as guerras e todas as violências), mas podemos construir um futuro melhor, com mais justiça social, menos miséria, com mais democracia, diálogo, generosidade, solidariedade, respeito e responsabilidade.

Já dissemos que a Cultura de Paz é uma mudança de comportamento social e cultural amplo, que demanda anos, décadas talvez. Já

a Educação para a Paz é o processo pedagógico do agora, na educação do presente, que contribui justamente para difusão, reflexão e desenvolvimento dessa cultura de não-violência! Para o educador espanhol José Díaz de Cerio (2004), alguns princípios servem para refletir a Educação para a Paz em vários espaços, como as instituições de ensino e assistenciais, além dos diversos grupos organizados e centros de convivências de diferentes faixas etárias. Seguem os princípios e uma breve análise de cada um:

Cultivar valores: a intenção é cultivar valores como justiça, cooperação, solidariedade, desenvolvimento da autonomia pessoal para a tomada de decisões etc. e, ao mesmo tempo, questionar os valores antitéticos da cultura da paz, como a discriminação, intolerância, obediência cega, indiferença, conformismo entre outras. Cabe aqui uma observação: trate criticamente os valores, fazendo a reflexão entre valores universais e valores cotidianos! Pense com seu grupo sobre os valores, faça-os conversar sobre eles, na busca de caminhos mais comuns e coletivos para encaminhar as situações sociais.

Aprender a viver com os demais: A educação para a paz é um processo contínuo e permanente de desenvolvimento da personalidade, baseado em uma forma positiva de aprender a viver consigo mesmo e com os outros na não-violência e na criação de espaços de justiça, respeito e harmonia. Vale uma observação: Educar para a Paz não é apenas "ser bonzinho" ou passivo diante das situações, mas antes de tudo é uma forma de desenvolvimento pessoal baseado no diálogo, respeito e não-violência. Lembre-se disso!

Facilitar experiências e vivências da paz: Educar para a Paz é facilitar experiências e vivências da Paz no ambiente escolar. Requer potencializar relações de Paz entre todos que compõe a comunidade escolar. A organização democrática da aula de acordo com a capacidade dos alunos e sua participação no contexto escolar facilita a resolução não violenta dos conflitos, a partir de um clima que provoque atitudes de confiança, igualdade, justiça, solidariedade e liberdade. Observação: Além da escola, podemos estender essas questões de convivência para as famílias, na forma de diálogo aberto. Não basta, apenas, "desenhar pombinhas" e promover "abraços de paz" na escola. É necessário olhar e falar sobre a violência nas atitudes diárias, entre as crianças, entre os adultos, além da violência estrutural, da desigualdade social e da pobreza no país.

Educar na resolução de conflitos: É necessário incluir uma "educação para o conflito", estimulando a utilização de formas de resolução não-violenta desses conflitos, desenvolvendo competência pessoal e coletiva sempre com respeito às pessoas e, especialmente, o respeito à dignidade e aos direitos do mais vulneráveis. Observação: A atenção aos conflitos como elementos importantes e renovadores das relações interpessoais e coletivas é fundamental. O conflito em si não é ruim, mas ele pode transformar-se em violência, caso não seja solucionado, ou pode ser paz, caso sua resolução seja não-violenta. Entender que o conflito é um traço definidor das relações humanas ajuda a entender o papel fundamental do diálogo e da comunicação não-violenta em nossa vida.

Desenvolver o pensamento crítico: Educadores devem perder os medos de manifestar seus pontos de vista e suas ideias diante dos problemas humanos mundiais, criticando o que for injusto. Observação: Paz como passividade precisa ser revista. Paz é protagonismo e proatividade pelo BEM, como justiça social, igualdade entre as pessoas e, especialmente, na crítica a todas as formas de violência que afetam a vida. Esse princípio deve ser discutido pela gestores, equipe pedagógica e educadores, para definir quais as melhores estratégias para tratar transversalmente as questões delicadas sobre a violência e direitos humanos, de forma a conscientizar (de fato) os alunos, para que exista uma formação integral sólida para os desafios pessoais e profissionais deste século.

Combater a violência nos meios de comunicação: Combater a violência visível (seja física, psicológica, estrutural) que aparece, direta ou indiretamente, nos espetáculos: cinema, televisão, quadrinhos, internet e em todas as formas de comunicação em mídias. Observação: Sabemos que combater esse tipo de violência requer criticá-los, contribuir e criar uma opinião contrária a determinados programas ou enfoques das mídias. Não podemos assistir passivamente a toda a violência manifesta pela mídia, mas, sim, analisá-las, entender os contextos e não cair no senso comum de acreditar em tudo o que mídia informa, especialmente se considerarmos a tecnologia e as redes sociais, com seu impacto avassalador na vida das pessoas.

Educação para a tolerância e a diversidade: Educar para a Paz é educar para a internacionalização, tolerância e diversidade. Nesse sentido, deve-se observar e tomar cuidado em relação aos

fanatismos e radicalismos de toda a ordem, pois são causadores de violência. As identidades culturais são válidas e positivas e atuam como fonte de crescimento e não como exclusão e violências. Observação: A diversidade é o caminho da tolerância, justamente por fazer entender a aceitar que existem diferentes formas de conceber a vida e a cultura. A violência surge justamente da falta de respeito às diferenças. No mundo cada vez mais globalizado e multicultural, por causa dos deslocamentos humanos crescentes entre cidades, regiões e países, aprender a respeitar e valorizar as diferenças é fundamental.

Educar para o diálogo e a argumentação racional: As violências são ligadas à linguagem, ao diálogo e à argumentação. O sistema com ênfase técnica e menos humanista não contribui para formar pessoas capazes de resolver suas diferenças, fazendo uso da palavra e, em consequência, da reflexão e do pensamento mais elaborado. Observação: A Educação para a Paz, para ser viável, prescinde da qualidade de diálogo e argumentação. Precisamos contribuir para que as pessoas reflitam sobre atitudes violentas no dia a dia, que possam perceber os conflitos como necessários à mediação de ideias e opiniões. Ao mesmo tempo, valorizar mais as informações e dados sobre as violências e argumentando sobre sua metamorfose para a paz.

Decorrentes desses princípios da Educação para a Paz, são delineados os objetivos da Educação para a Paz, segundo Díaz de Cerio (2004), que passamos a descrever: **1) Descobrir, sentir, valorizar e viver** com esperança as capacidades pessoais como realidades e como meios eficazes que podemos colocar a serviço dos demais e podem contribuir para um desenvolvimento positivo e harmônico da vida e do humanismo; **2) Reconhecer e valorizar** a própria combatividade e disposição como forma positiva de autoafirmação da personalidade e ser capaz de canalizá-la, permanentemente, em condutas e atividades que promovam e favoreçam o bem comum; **3) Desenvolver a sensibilidade**, a afetividade, a ternura, o descobrimento e o encontro com as pessoas que nos rodeiam, tanto em um nível mais próximo, como em um nível mais universal; **4) Sentir a alegria** que se produz do encontro interpessoal quando este se desenvolve em um clima de afetividade, de confiança, de respeito, de colaboração e de ajuda mútua; **5) Construir e potencializar** as relações de diálogo, de paz e harmonia no âmbito escolar e em geral em todas as nossas relações cotidianas; **6) Reconhecer e tomar cons-**

ciência das situações de conflito que se apresentam, descobrindo e refletindo sobre suas causas e sendo capaz de tomar decisões frente a elas, para solucioná-las de uma forma criativa fraterna e não violenta; **7) Desenvolver a atenção e o interesse ante a diversidade das pessoas e das culturas dos povos**, reconhecendo e potencializando essa diversidade como um grande valor. Entender, respeitar e discutir a diversidade em todas as formas, com uma atitude aberta, respeitosa, tolerante e construtiva; **8) Promover o conhecimento da autoestima**, o conhecimento de outras realidades sociais, culturais e pessoais, colaborando na autoafirmação da identidade pessoal/social e no desenvolvimento e o enriquecimento dos povos; **9) Conhecer e potencializar os direitos humanos e desenvolver a sensibilidade**, a solidariedade e o compromisso frente a situações próximas e distantes, além de estar atento em relação a elas; **10) Mostrar especial atenção e sensibilidade frente às situações de violências**, injustiças e subdesenvolvimento que existem no planeta; **11) Conhecer e colaborar ativamente com as organizações** governamentais e não governamentais que se comprometem na luta contra a miséria e a injustiça, especialmente com o desenvolvimento dos povos e das pessoas menos favorecidas.

Considerando os princípios e objetivos da Educação para a Paz, no contexto desta reflexão, oferecemos, a título de possibilidade, algumas estratégias que podem compor o trabalho pedagógico. Essas estratégias estão sintetizadas e adaptadas a partir das ideias propostas por Nunes (2011): criar coletivamente regras de convivências entre o grupo logo nos primeiros encontros; clareza de que as relações sejam sempre respeitosas e colaborativas, a partir das regras coletivas definidas; planejar atividades cognitivas (reflexões e debates) e vivenciais (dinâmicas de grupo, pequenos relaxamentos) como forma de provocar mais interações; utilizar, sempre que possível, formações circulares, pois favorecem a ligação visual entre as pessoas e as tranquiliza para os contatos mais afetivos; dicas: música de qualidade, poesia, teatro, dança e demais atividades lúdicas, filmes, músicas, palestras, cartazes, gincanas, jogos cooperativos; promover "semanas da paz" para agregar todo o trabalho desenvolvido durante um período; evitar palestras isoladas, mas valorizar debates com convidados sobre temas como preconceito, drogas, direitos humanos, violência, paz etc.

Além dessas possibilidades, elencamos mais um conjunto de possibilidades, ainda apoiados em Nunes (2011): criar hábito diário

nas reflexões e atitudes não violentas, para mudar aspectos culturais; apoiar jogos, festivais e gincanas cooperativas para favorecer as convivências e o respeito individual e coletivo nas comunidades e grupos; envolver as famílias nas atividades: os pais, ou filhos, avós etc. (o diálogo intergeracional é um dos maiores incentivos para fortalecer grupos comunitários e reorganizar as famílias); convidar pessoas com perspectivas diferentes para dialogar com os grupos, sejam educadores, padres, pastores, jornalistas, promotores, sindicalistas, psicólogos, assistentes sociais, pessoas da comunidade (valorizar as diferentes experiências positivas para contribuir com os grupos); aprofundar a atenção nas pessoas mais fragilizadas do grupo, que sofram maior grau de violência, como forma de trazê-las para o coletivo; criar mecanismos para avaliação contínua do trabalho, criando caixa de sugestões, fazendo assembleias, além de informar através de murais, informativos e jornais próprios; aprimorar as relações humanas através do diálogo e cooperação.

Considerando essas atividades como possibilidades pedagógicas concretas para a Educação para a Paz, apontamos outras alternativas para o fechamento desse conjunto de ações: dinâmicas de grupo em geral, *brainstorming* (tempestade mental), pesquisas individuais ou em grupo de temas como violência, paz conflitos, direitos humanos etc.; utilização de filmes (ou fragmentos de filmes), vídeos da internet, documentários, sempre com roteiros para debate; jogos dramáticos e simulações (relações reais e imaginárias sobre temas cotidianos); narrativas; leituras dirigidas; artes manuais etc. Além disso, relacionar-se com qualidade a partir de: expressar-se com serenidade e de forma clara; chamar as pessoas pelo nome; equilibrar as emoções em momentos de tensão ou conflito; evitar expressões de desinteresse ou hostilidade; ter postura de diálogo; atentar para a linguagem corporal; utilizar mais elogios, abraços e menos olhares e palavras destrutivas ou excessivamente críticas; utilizar linguagem e atitudes de empatia; e ouvir as pessoas com muita atenção, concentrar-se nos problemas e não nas pessoas.

Por fim, a escola, a partir do modelo de gestão, de sua equipe pedagógica, dos educadores e educadoras, precisa aproveitar todas as possibilidades de criação, reflexão e apropriação, tanto dos conceitos como das vivências indispensáveis para construir e paz e a não-violência e criar uma cultura que desvalorize formas de violência e promova um ambiente relacional humanizador e sintonizado com

as buscas humanas e demandas educacionais do século XXI. Para isso, alguns valores precisam ser enfatizados: participação, respeito, pertencimento, responsabilidade, honestidade, humildade, interconexão, empoderamento e solidariedade. Como vemos, são inúmeras possibilidades para o trabalho da Educação para a Paz nas escolas.

A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA SEGUNDA E NA TERCEIRA DÉCADAS DO SÉCULO XXI

Já estamos no meio da segunda década do século XXI. Muitas coisas previstas no fim do século XX para a educação e para a humanidade não saíram do papel. Muitas políticas sociais foram desenvolvidas e muitas pessoas se envolveram com os problemas da humanidade e do país. Mas a violência, para muitos, se constitui em algo "natural" entre as pessoas, as famílias e a sociedade. Isso deve ser enfrentado também pelas escolas. Precisamos tomar uma posição pedagógica a favor da PAZ, de uma Educação para a Paz nas escolas, que eduque para as convivências positivas. Se não fizermos isso, deixaremos que a violência continue destruindo as relações humanas já a partir da infância e dos espaços educacionais. Lembramos: são espaços EDUCACIONAIS!

Por isso, optamos em falar de cultura de paz e educação para a paz, com suas ideias fundamentais. Sobre essas perspectivas podemos acrescentar que a busca da Paz constitui uma tarefa seguramente inacabável, por isso deve-se estabelecer um ambiente interno e externo, onde se resolvam os conflitos de forma construtiva e não violenta, responsável e justa (ALENCAR; ALMEIDA, 2011, p. 242).

Não existe mais tempo para reclamar da violência que cresce na sociedade. Precisamos, sim, tornar a Educação para a Paz um objetivo e uma meta na sociedade, nas escolas e em todas as instituições sociais. Por isso, acreditamos com muito vigor, que uma **Cultura de paz se faz com Educação para a Paz!**

REFERÊNCIAS

CERIO, J.L.Z. D. *Bases de una Educación para la Paz y la Convivencia*. Edita: Gobierno de Navarra. Departamento de Educación y Cultura. I.S.B.N.: 84-235-1799-3. Gobierno de Navarra. Departamento de Educación y Cultura.

DISKIN, L.; ROIZMAN, L.G. *Paz, como se faz?* Semeando cultura de paz nas escolas; Coleção abrindo espaços: educação e cultura para a paz; 2008, Unesco Office Brasília; Fundação Vale (Brasil); Palas Athena Association (Brazil).

JARES, X.R. *Educação para a paz*: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NUNES, A.O. *Como restaurar a paz nas escolas*: um guia para educadores. São Paulo: Contexto, 2011.

SALLES FILHO, N. A. *Paulo Freire e Educação para a Paz*: O Mesmo Sentido. EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba: PUCPR, 2009.

A ESPERANÇA CRIATIVA DO PAPA FRANCISCO CONSTRUINDO ESCOLA EM PASTORAL

Marciel de Oliveira Rocha[1]

"¿Quién dijo que todo está perdido?
Yo vengo a ofrecer mi corazón." – Fito Páez

Qual é o diferencial de uma escola católica? No contraste das fantásticas possibilidades com as preocupantes injustiças que este novo milênio vive entre diversidade e intolerância, muitos pais e educadores buscam a resposta para iluminar o caminho da educação que almejam. Antes de mais nada, é preciso que a escola católica seja escola. Que nenhum conhecimento seja negado ao aluno em função da confissão religiosa da instituição. E seja uma escola de excelência acadêmica a ponto de ser lembrada pelas aprovações que tem nos vestibulares. Mas isso não responde à questão, ou melhor, não basta como diferencial. Talvez até não seja um diferencial desejado, mas sim consequência do que inspira a instituição.

Sempre quis tratar do tema, mas faltava algo para embasar a análise além de minha experiência pessoal como educador e pai de aluna em colégios católicos. Aí conheci os escritos sobre esse tema de um tal Francisco. Mas ele não se chamava assim. Ainda era Jorge e escreveu algumas cartas a educadores de sua arquidiocese. Fascinantes pela linguagem e mensagem. Fruto talvez do amor ao educar que ele desenvolveu enquanto professor de literatura em colégio católico nos anos finais de preparação de seu sacerdócio (PÉREZ, 2016). Então decidi ler as cartas e encontrei relevantes orientações que nelas

1 Cientista Social, Especialista em Evangelização da Juventude, Ensino Religioso, Informática e Inclusão Social (em andamento). Professor EFII, EM e Educador Social. marcielrocha@hotmail.com.

estão de como ser e fazer Escola em Pastoral, mesmo não utilizando essas palavras para tratar do tema. Ele colocou em outras palavras: Ser Criativos para uma Esperança Ativa, título de uma das cartas que utilizarei como guia de minhas considerações. Comecemos!

O ponto de partida dessa jornada não poderia ser outro: o próprio Jesus em todas as dimensões que a limitação humana é capaz de compreender. Desconsiderar qualquer aspecto de Jesus na construção da Escola em Pastoral compromete gravemente a ação. Jesus é o pastor. É quem cuida das ovelhas com o amor filial que aprendeu e tem do Pai. É quem aprendeu seu ofício de José e também de Maria no cuidado familiar diário. É quem desenvolveu a pedagogia das parábolas para pregar o Caminho. É o mestre que ensinou os discípulos a rezar. É a única Esperança. É o que se faz presente pelos sinais visíveis da graça de Deus, das artes, do respeito pela dignidade humana e tantas outras posturas que encontram plenas justificativas em seus ensinamentos. É assumir o segmento sem fórmulas prontas por entender que só se faz pastoral de forma encarnada e comprometida com o contexto específico (ALTEMEYER, 2015).

Uma escola católica se diferencia por assumir Jesus Cristo como inspirador de suas ações, em um real ato de esperança em um mundo paradoxal de oportunidades e privilégios. É missão institucional "criar coletivamente uma realidade melhor, com os limites e possibilidades da história" (BERGOGLIO, 2013:14), tendo totais condições de isso alcançar pelas crenças e virtudes que carrega. Entende-se por limites, "continuar fazendo o de sempre" ou "resistir diante de uma realidade extremamente adversa" (BERGOGLIO, 2013:14) e esperar que se chegue a algum resultado diferente do que se tem. A proposta de uma Escola em Pastoral é materializar a esperança através da criatividade, mas não sem um referencial historicamente construído e, consequentemente, respeitado como tal pela comunidade escolar. Para se chegar a isso, portanto, a Escola em Pastoral precisa ser uma criação coletiva sobre a realidade onde exerce sua missão e deixar-se guiar pelo carisma de sua fundação, promovendo então esse diálogo entre o sonhado e o possível. Isso se dá quando se coloca no centro do processo a "criatividade como característica de uma esperança ativa", que proporciona à instituição como um todo sair de um estado de inércia da conjuntura social para uma postura protagonista com a delicada e fundamental característica de "mover dentro da tensão entre a novidade e a continuidade" (BERGOGLIO, 2013:16).

Assim, a Escola em Pastoral vai "responsabilizar-se seriamente pelo que existe, em toda sua densidade, e encontrar o caminho pelo qual a partir dali se manifeste algo novo" (BERGOGLIO, 2013:16). E quais são as características desse algo novo? As limitações e possibilidades que o definem "são frutos da imaginação, são a projeção no futuro de uma constelação de desejos e aspirações" (BERGOGLIO, 2013:17). Em outras palavras, é a utopia que não se conforma com a realidade e tem convicção em outro mundo possível. E isso acontece em cada ambiente escolar, independentemente de caráter confessional ou laico. O respeito dos alunos pelos educadores, a parceria entre pais e mestres e o zelo do educador com suas turmas exemplificam bem esse movimento do possível para o desejado. Mas a singularidade do confessional católico é a graça de contar com o Plano da Salvação como meta última de todas as ações. Somam-se às situações da escola laica outras enriquecidas de religiosidade: o pedido sincero de proteção a Deus que uma mãe diz quando se despede do filho no "fica com Deus", a empolgação do educador em convidar seus alunos para uma ação na obra assistencial e aqueles cinco minutos que um pequeno grupo de estudantes decide ficar na capela estão apontando para algo maior em construção permanente. Assim, "a utopia é uma forma que a esperança assume em uma situação história específica" (BERGOGLIO, 2013:17), possibilitando uma crença no invisível. A sociedade moderna questiona o pensamento utópico como inalcançável e desestimula a crença nele por não compreender a força dele em criar "uma projeção no futuro que tende a voltar ao presente, buscando seus caminhos e possibilidades" (BERGOGLIO, 2013:18) e assim abrir um poderoso estímulo de trabalho compromissado com a realidade. Contudo, cabe um cuidado especial no agir, pois "é necessário projetar utopias e, ao mesmo tempo, é necessário responsabilizar-se pelo que existe. Não existe o 'começar do zero'" (BERGOGLIO, 2013:21). A verdade é que nunca se parte do nada. Cada aluno traz para sala de aula sua vivência familiar, seus conflitos e esperanças. Os educadores estão na iminência de colocar suas expectativas em prova, pois desejam que as pessoas em formação sob sua responsabilidade saiam desse processo melhores do que entraram e também esperam ficar melhores com isso. Então, quando se planeja fazer Escola em Pastoral, de onde começar? Qual referencial adotar para colocar em prática a inspiração

cristã? A resposta não poderia ser melhor: adotar o referencial de alguém que ama a educação e ousa sonhar, ou seja, uma pessoa que leva a esperança criativa.

Pense em alguém vivo que lhe inspire atitudes nobres. Quem são as pessoas que estão ao redor dela? Como ela cuida desses relacionamentos? Agora pense em alguém assim na história da sua escola. Imagine essa pessoa andando pelos corredores, conhecendo educadores, família e alunos do momento atual, inclusive você. Também conversando sobre as expectativas que ela tinha e a realidade que se acerca. É possível associar essa pessoa à frase "Fundar escolas é semear nas almas" (BERGOGLIO, 2013:26)? Se sim, adote como figura inspiradora para a Escola em Pastoral da mesma forma que a figura de Manuel Belgrano, autor da bandeira argentina, inspirou a Esperança Criativa do então cardeal Jorge. Se o mundo está precisando de figuras inspiradoras pelo seu compromisso por vezes de sangue com uma causa, imagine uma escola. O século XX foi marcado por grandes nomes na luta por Direitos Humanos que determinam a base para nossa luta pela Educação Libertadora: Mahatma Gandhi, reverendo Martim Luther King Jr. e Nelson Mandela são referências mundiais; Paulo Freire honra o Brasil nisso. Que nomes o século XXI já ofereceu além de Malala Yousafzai, primeira adolescente a receber o Prêmio Nobel da Paz pelo seu quase martírio pela Educação? É preciso valorizar os esforços dos nossos heróis mais próximos também. Outra característica da figura inspiradora é a já descrita "conjunção de continuidade realista e novidade magnânima", que oferece "a força e o equilíbrio que definem a verdadeira criatividade" (BERGOGLIO, 2013:24). Ou seja, a figura inspiradora sabe fazer a leitura de seu tempo, pois está inserida nele, para propor uma solução inovadora. Não se trata de uma receita pronta e impessoal, pois a riqueza de outras limitações e potencialidades de sua figura farão da Escola em Pastoral uma experiência inigualável e carismática. Qual é o segredo para que isso dê certo? Simplesmente a vocação da figura inspiradora "deriva diretamente da fé em Cristo Ressuscitado" (BERGOGLIO, 2013:32) na maior verdade apresentada no texto: "O que você vê não é tudo que há" (BERGOGLIO, 2013:31), pois sempre há mais no horizonte aberto da Salvação oferecido a todos e visível a quem é criativo. E a consciência histórica se faz muito necessária, pois o passado inspira o presente a construir o futuro. A caminhada pela trilha que leva a esse horizonte é árdua e compro-

metedora e, infelizmente, "mais resistida por aqueles que estão muito bem instalados e para quem as coisas vão muito bem...", reproduzindo assim, no ambiente escolar, o grande mal das relações humanas: "Lápides que podemos pôr sobre uma pessoa – um aluno, um companheiro – quando a enquadramos, etiquetamos e empacotamos sob um rótulo", fechando "caminhos de renovação e crescimento de uma pessoa ou de uma instituição educacional" (BERGOGLIO, 2013:32). Quantas boas iniciativas foram perdidas e pessoas afastadas pela falta de acolhida a uma visão diferente, mas não destoante, do plano maior de instituições educacionais? Uma Escola em Pastoral consegue superar isso pela sua esperança criativa, inspirada de forma carismática e utópica. Consegue colocar a serviço da comunidade os dons de família, educadores e estudantes e abre um abraço imenso para acolher suas angústias e frustrações. Consegue realizar a verdadeira práxis de ideias em conflito, tendo como síntese a união de sonhos. Em resumo, "nossas escolas (em pastoral) são chamadas a serem sinais reais, vivos, de que 'o que se vê não é tudo que há', que outro mundo, outro país, outra sociedade, outra escola, outra família é possível" (BERGOGLIO, 2013:33). O fato de essa frase terminar na família destaca a urgência de se olhar com muito cuidado para as relações mais básicas que, no fim, definem os relacionamentos na Escola em Pastoral. Que alegria divina foi, para mim, ouvir de um aluno, sabendo de sua devoção pela mãe e zelo pelo irmão, depois de um tempo na Pastoral da Juventude Estudantil, que a PJE é sua família.

E como conduzir essa comunidade escolar? "Nossas escolas devem ser regidas por um critério bem definido: o da fraternidade solidária", onde "a missão de todo educador cristão é apostar na inclusão" e "cada um é imprescindível" nessa missão (BERGOGLIO, 2013:37-38). A articulação animada pelo carisma vai dar corpo à Escola em Pastoral através de "capacitação, responsabilidade e profissionalismo" que se contrapõem à "técnica sem ética", lembrando que "a criatividade não é coisa de medíocres nem iluminados" (BERGOGLIO, 2013:42), pois é preciso ser eficaz através de diálogo e participação. Aqui é preciso destacar a diferença, não desejada, todavia perceptível, entre a Escola em Pastoral e a Animação Pastoral. Compete à Animação Pastoral criar mecanismos para envolver os mais distintos membros da escola na comunidade escolar; propor atividades que levem ao crescimento pessoal, comunitário, social e espiritual; zelar

pela pregação encarnada do Evangelho em cada comunicação acadêmica. Somente com essa tarefa realizada com sucesso é que existe uma Escola em Pastoral de fato, pois, como já destacado, ela é inclusiva por inspiração. Logo, uma Animação Pastoral se materializa em uma equipe que atende às demandas pastorais como catequese, batismo, grupo de jovens, grupos de oração, retiros e ações sociais ou mesmo esforça-se para nuclear essas atividades. É muito bom fazer valer a frase atribuída a São Francisco de Assis: *Pregue o Evangelho em todo tempo. Se necessário, use palavras em cada atitude de animação.* Já a Escola em Pastoral é a consciência, nem sempre plena, embora devesse ser, de todos que estão na escola de que eles são comunidade e estão a serviço do Reino naquilo que fazem. É a consciência individual de que você pode ser talvez a única Boa Nova que alguém vai encontrar hoje. Coletivamente, é a mudança significativa do nome ambiente escolar para comunidade escolar, com cada um compreendendo seu papel no Corpo de Cristo, que é a Igreja. E talvez o desafio maior aí seja acolher nessa comunidade, com tamanha fraternidade, quem não comunga da mesma crença a ponto de contar com o compromisso dessas pessoas em se fazerem testemunho do seu jeito de viver Deus na comunidade escolar. Frutos dessa intimidade, vivi episódios de despertar, em alunos ateus e de outras religiosidades, a vontade de fazer Crisma, não para receber o Sacramento, mas para dialogar e crescer em espiritualidade. Essa empolgante missão não pode se perder pela "tensão entre novidade e continuidade" e é importante atentar que "não podemos criar algo novo na história se não for a partir dos materiais que a mesma história nos proporciona" (BERGOGLIO, 2013:47-48). De uma forma mais simples e direta, é preciso combater a vaidade de querer ser dono de algo novo: "Se sempre, para construir, tendemos a jogar no chão e pisar sobre o que outros fizeram antes, como poderemos fundar algo sólido?" E a inclusão também precisa ser real: "Criar a partir do existente implica, também, ser capaz de reconhecer as diferenças, os saberes prévios, as expectativas e inclusive limites de nossas crianças e suas famílias" (BERGOGLIO, 2013:48-49). A contribuição de uma família enriquece substancialmente um trabalho pastoral. Muitas vezes, os pais foram alunos no colégio e trazem a força dessa história viva como alimento espiritual do voluntariado que exercem ao ajudar e mesmo propor e executar atividades não necessariamente de cunho religioso. O testemunho de um médico que recebeu valores de compaixão e

solidariedade nos bancos escolares e hoje exerce trabalho voluntário inspira a vocação dos estudantes muito mais do que as pretensões salariais da profissão. A comunhão comunitária se dará no encontro Eucarístico, preferencialmente semanal, e nos momentos de capacitação integral que precisam ser frequentes e significativos no carisma da figura inspiradora.

Uma última orientação descreve uma ação concreta: "Ousemos propor modelos de vida a nossos alunos" (BERGOGLIO, 2013:50). Que modelos de Escola em Pastoral seguir? O novo Pentecostes, que é o Concílio Vaticano II, também faz o Espírito Santo renovar a Educação e o jeito de ser e fazer pastoral com respeito à diversidade (*Gravissimum Educations*, 1965):

> Entre todos os meios de educação, tem especial importância a escola, que, em virtude da sua missão, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar retamente, introduz no patrimônio cultural adquirido pelas gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, e criando entre alunos de índole e condição diferentes um convívio amigável, favorece a disposição à compreensão mútua; além disso, constitui como que um centro em cuja operosidade e progresso devem tomar parte, juntamente, as famílias, os professores, os vários agrupamentos que promovem a vida cultural, cívica e religiosa, a sociedade civil e toda a comunidade humana.

Olhando para a história da Igreja na América Latina, o Documento de Medelín traz a proposta de uma Educação criadora que se antecipa ao novo construindo o senso comunitário. Orienta não deixar a família marginalizada do processo educativo, promovendo espaço e capacitação para a tomada de consciência de seus deveres e direitos, fazendo parte das associações de pais e mestres. Cobra valorização do educador enquanto agente transformador da sociedade, incentivando sua formação e permanente evolução, bem como defesa de seus direitos e remuneração digna. Mas a melhor dica, como a atitude de uma mãe preparando as malas de um filho adolescente prestes a fazer um intercâmbio, fica para os estudantes que devem ser considerados protagonistas de sua formação integral e tenham na escola audiência quanto à própria formação. Mais ainda. A Escola em Pastoral, para que acolha o estudante, precisa construir e manter características bem específicas (CELAM, 1968):

> Dentro da comunidade educacional ocupam hoje lugar prioritário os grupos juvenis, que vencem a distância crescente entre o

> mundo adulto e o mundo dos jovens. Por isso, a Conferência Episcopal recomenda a formação de movimentos juvenis que realizem toda sorte de atividades, de acordo com seus próprios interesses e com uma direção suficiente, gradual e cada vez maior dos próprios jovens. Além disso, aos que tiverem qualidades humanas apropriadas devem ser dadas oportunidades de se formarem como líderes.

Em outras palavras, qualquer escola, não somente a católica, deve ter:

- Grupo de jovens preferencialmente para cada faixa etária;
- Jovens protagonistas na busca dos próprios interesses;
- Envolvimento em uma estrutura ampla para articulação;
- Assessoria especializada para os jovens que gere autonomia neles;
- Capacitação para as jovens lideranças.

Essas são as raízes fundantes de uma Pastoral Juvenil Estudantil cuja eficácia pude vivenciar através de um trabalho desenvolvido na Arquidiocese de Campinas-SP com grupos de PJE no Ensino Fundamental II e Ensino Médio (ROCHA e SOARES, 2015).

E a missão de qualquer Escola em Pastoral, respeitando suas especificidades, assume esses sinais de Esperança Criativa (CELAM, 1968):

a) Ser uma verdadeira comunidade formada por todos os elementos que a integram;

b) Integrar-se na comunidade local e estar aberta à comunidade nacional e latino-americana;

c) Ser dinâmica, viva e estar em contínua experimentação franca e leal;

d) Estar aberta ao diálogo ecumênico;

e) Partir da escola para a comunidade, transformando a mesma escola em centro cultural, social e espiritual da comunidade; partir dos filhos para chegar aos pais e à família; partir da educação escolar para chegar aos demais ambientes educacionais.

Voltadas para a realidade brasileira, as premissas para a construção da Escola em Pastoral dos Bispos do Brasil nas orientações para ação evangelizadora ressaltam os fundamentos em Cristo e forte sentido missionário (CNBB, 2008):

> A escola católica empenhe-se no resgate de sua identidade, enquanto autêntica comunidade eclesial e centro de evangelização, inserindo nela verdadeiros processos de iniciação cristã, assumindo seu papel de formadora de discípulos missionários em todos os seus extratos.

Olhar para o passado deveria bastar para inspirar, mas não basta. É preciso reavivá-lo com entusiasmo! E assim o faz agora o mesmo cardeal Jorge, hoje Papa Francisco, que se deixava chamar padre com toda força que essa palavra tem em espanhol e escreveu textos formativos a educadores da Arquidiocese de Buenos Aires. E não faz sozinho, pois sabe que sozinho não se faz Igreja. Como uma verdadeira comunidade educativa em pastoral, a Igreja acolheu com empolgação as orientações para o sínodo dos bispos 2018 sobre "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional" (SINODO, 2017), que também pode contribuir para a construção de uma Escola em Pastoral: Os educadores atuantes como testemunhos de vocações humanas e cristãs acolhidas e vividas com fidelidade e compromisso. A família reconhecida como o maior educador pela ação contínua de cuidado. E aos jovens uma atenção especial própria ao lidar com sua fase formativa (SINODO, 2017):

Acompanhar os jovens exige sair dos próprios esquemas pré-fabricados, encontrando-os lá onde eles estão, adaptando-se aos seus tempos e aos seus ritmos; significa também levá-los a sério na dificuldade que têm de decifrar a realidade em que vivem e de transformar um anúncio recebido em gestos e palavras, no esforço quotidiano de construir a própria história e na busca mais ou menos consciente de um sentido para as suas vidas.

CONCLUSÃO

A Escola em Pastoral, o principal diferencial de uma escola católica, não pode ser uma missão de uns poucos no ambiente escolar. Seu objetivo é transformar o ambiente em comunidade através da Esperança Criativa, envolvendo família, estudantes e educadores. Perdoem-me se esqueci de alguém, pois entendo como educadores todos os envolvidos com a escola que não são nem estudantes, pois

afinal, na prática, exercem esse papel mesmo sem querer. O sínodo da juventude marca 60 anos de uma efetiva proposta de Escola em Pastoral, que se renova como opção afetiva de acolhida dos jovens estudantes feita no II CELAM em 1968. E essa renovação estava em gestão criativa pelo Papa Francisco durante sua jornada episcopal e hoje se coloca à frente do povo de Deus. É imprescindível saber gestar a Escola em Pastoral nas bases que esse rico momento está criando, priorizando mais a participação dos jovens e adolescente. A esperança criativa que constrói a Escola em Pastoral está nesse protagonismo juvenil. E isso ganha força de acontecer através de um compromisso claro de formação integral assegurado através de um planejamento estratégico construído pela comunidade escolar e iluminado pelo carisma inspirador.

Respondendo à bela canção tradicional argentina que abre este ensaio, ousemos crer que tudo que foi vivido nesse tempo não se perdeu e, como o Santo Padre nos convida, ofereçamos nosso coração na esperança criativa para construção da Civilização do Amor, plantando a Semente do Novo sempre e em todo lugar.

REFERÊNCIAS

ALTEMEYER JR., Fernando. Fundamentos Cristológicos para a Escola em Pastoral: seguir o mestre Jesus Cristo. In BOEING, Antonio (Org.) *Coleção Trilhas do Saber*: Pastoral. Brasília: Edebe do Brasil, 1. edição, 250 p. 47-61, 2015.

BERGOGLIO, Jorge M. Ser Criativos para uma esperança ativa. In BERGOGLIO, Jorge M. *Educar*: escolher a vida. Propostas para tempos difíceis. /tradução de Sandra Martha Dolinski. São Paulo: Ave-Maria, 168 p. 11-54. 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Declaração sobre a educação cristã *Gravissimum educationis*, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html >. Acesso em: 29 jul. 2017.

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medelín* – 1968. São Paulo: Paulinas, 6. ed. Disponível em: < http://www.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/03/Medellin-II-CELAM-1968-POR.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

PÉREZ, Cristina. La curiosa historia de la foto del papa Francisco y Jorge Luis Borges que parece salida de uno de sus cuentos. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/mundo/noticias/2016/02/160224_papa_francisco_borges_encuentro_literario_buenos_aires_amv>. Acesso em: 28 jul. 2017.

ROCHA, Marciel de Oliveira; SOARES, Rogério de Freitas. Pastoral da Juventude Estudantil na Articulação da Consciência Juvenil em Colégios Católicos. In: *III Congresso Nacional de Educação Católica*, 2015, Curitiba. Disponível em: <http://anec.org.br/congresso/wp-content/uploads/sites/14/2015/07/ANAIS_CONGRESSO_2015_N1.pdf>. Acesso em 24 jul. 2017.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* 2008-2010. São Paulo: Paulinas, 2008. Documentos da CNBB, 102). Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183323.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2017.

SÍNODO DOS BISPOS. XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento Preparatório: Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html>. Acesso em: 24 jul. 2017.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O TRABALHO MISSIONÁRIO DO COLÉGIO MARISTA PIO X NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

Alan Coelho Soares[1] - Colégio Marista Pio X
Jeverson de Sousa Barbosa Lima[2] - Colégio Marista Pio X

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O documento, da V Conferência em Aparecida, nos motiva e desafia ao compromisso de uma grande missão, em uma profunda renovação, resgatando nossa identidade, convertendo cada cristão em missionário, saindo de nossa comodidade e indo à margem do sofrimento dos mais necessitados.

A Missão Marista de Solidariedade (MMS)[3] é alicerçada nessa proposta e acontece nas unidades socioeducacionais das Províncias Maristas do Brasil, como projeto pastoral/pedagógico. Ela é voltada para os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio. Além disso, contempla ex-alunos e é dinamizada por uma equipe composta por colaboradores dos diversos setores das unidades. Sua principal meta é unir fé e vida, levando solidariedade, esperança e protagonismo às comunidades empobrecidas do Brasil. "Ver o mundo através dos olhos das crianças pobres" (XXI CG, p. 14).

O principal objetivo desse movimento é proporcionar a transformação social, semeando a cultura da solidariedade, tornando

1 Formado em Serviço Social pela UEPB. Assistente Social. E-mail: acsoares@marista.edu.br

2 Formado em Filosofia pela UFT. Coordenador de Pastoral. E-mail: jsbarbosa@marista.edu.br

3 Nas próximas menções usaremos MMS quando nos referirmos a Missão Marista de Solidariedade.

Jesus Cristo conhecido e amado. Por esse motivo, a Missão tem duas dimensões cardeais, a primeira razão do Instituto na dimensão evangelizadora, que envolve o ato de evangelizar.

> "Na educação marista, tal missão se reveste de um significado ainda mais profundo, pois nos inspiramos em Marcelino Champagnat[4], para quem o núcleo de nossa ação é tornar Jesus Cristo conhecido e amado" (Projeto Educativo Marista, p. 36).

E, também, a dimensão solidária, que nos coloca a servir ao próximo, rompendo com nossa visão limitada e segundo João Paulo II:

> "[...] o missionário é o homem da caridade: para poder anunciar a todo irmão que Deus é amor, ele terá de usar de caridade para com todo o irmão que Deus o ama e que ele próprio pode amar, ele terá de usar de caridade para com todos, gastando sua vida ao serviço do próximo (RMi 89).

O Colégio Marista Pio X, em João Pessoa, unidade pertencente à Província Marista do Brasil Centro-Norte, foi um dos pioneiros a implementar a Missão Marista de Solidariedade como ação pastoral/pedagógica. Entre os anos de 2015 e 2017, realizamos nossa MMS na cidade de Juazeirinho, localizada no Semiárido Paraibano, distante 223 km da capital João Pessoa, com população de 17.654 habitantes e IDH de 0,581 (Censo 2010). A escolha da cidade se deu pela carência de direitos básicos da população e notória ausência de políticas públicas efetivas que assistissem os seus moradores.

DESENVOLVIMENTO

A MMS segue três etapas distintas (Pré-Missão/Missão/Pós-Missão), que acontecem a cada ano de realização na localidade escolhida. A pré-missão lida com a descoberta das possibilidades que a cidade pode oferecer, enquanto ação pastoral, cultural e solidária. A MMS acontece no período de três dias, começando na sexta-feira e terminando no domingo, na cidade escolhida. A pós-missão acontece depois da realização dos diagnósticos e avaliações sobre o trabalho missionário e aponta ações que devem acontecer em seguida.

Nossa primeira pré-missão aconteceu em 2015, na sonda-

4 Presbítero da Sociedade de Maria, Fundador do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, Irmãos Maristas das Escolas.

Província Marista do Brasil Centro-Norte, foi um dos pioneiros a implementar a Missão Marista de Solidariedade como ação pastoral/pedagógica.

gem das potencialidades da cidade de Juazeirinho. Acolhidos pelo pároco da Igreja São Francisco, entramos em contato com as autoridades locais dos diversos setores de representatividade e apresentamos as propostas da MMS para aquela comunidade. No mês de junho, realizamos a MMS com 100 estudantes, levando-os a conviver com os moradores, conhecendo a cidade e realizando visitas solidárias. Na pós-missão, identificamos a necessidade de ampliar o trabalho missionário a outras comunidades da cidade e, também, estabelecer uma ação que fomente projetos que visem ajudar aos moradores das comunidades afastadas do centro.

Em 2016, realizamos três visitas como pré-missão, no sentido de aparar arestas do ano anterior, redefinir prazos e ações. Sensibilizados com as necessidades desse território, entramos em contato com a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), visando concretizar uma parceria para empoderar a agricultura familiar e fomentar a autonomia socioeconômica desses sujeitos. Além disso, ciente de um projeto social que o pároco da localidade estava começando a executar, decidimos que também iríamos colaborar na sua concretização. A ideia era contribuir com o levantamento de recursos para

Foram realizadas visitas missionárias aos enfermos das comunidades de Antônio Ferreira e Mendonça

criar um Fundo Rotativo Solidário, que sustentaria o que compreendemos por Economia Solidária, metodologia trabalhada pelo Instituto Marista de Solidariedade – IMS há mais de duas décadas:

> Modo de organizar a economia em que se valoriza o ser humano, suas relações e o meio ambiente, combatendo a desigualdade social por meio de práticas econômicas que pressupõem participação coletiva, autogestão, democracia, cooperação e intercooperação, autossustentação, responsabilidade social e preservação do equilíbrio dos ecossistemas (BRASIL, 2007, p. 23).

Queríamos, em 2016, marcar presença, levando nosso carisma e deixando nossa solidariedade, indo além dos imediatismos e transpondo concepções assistencialistas. Nesse sentido, atrelamos nossa Festa Junina à mobilização dos estudantes do Colégio em uma grande arrecadação de roupas, panos de pratos, toalhas de banho e de rosto. No final, mais de dez mil peças foram destinadas para a Paróquia São José com o propósito de realizar vários brechós e juntar dinheiro para compor o referido fundo. Depois de alcançar pouco mais de R$ 16.000 (dezesseis mil reais), resolvemos que iríamos começar a operacionalizar o recurso em sintonia com as propostas da ASA com o projeto da Paróquia.

A ASA deliberou coletivamente que o momento era oportuno para a compra de arame e confecção das cercas, tendo em vista

O trabalho teve a duração de três anos e contou com a participação de estudantes, colaboradores e ex-alunos

que a seca perdurava e o baixo custo da matéria-prima iria atender um número maior de famílias. Quanto ao projeto da Paróquia, que consistia na fabricação de círios e velas ornamentais, o padre responsável conhecia o passo a passo dessa produção e possuía, em uma comunidade chamada Ipueiras, um grupo de pessoas com potencialidades de desenvolver alguma atividade que iria mobilizar os moradores. O recurso foi repartido na metade, a ASA adquiriu uma quantidade de arame galvanizado que daria para atender 20 famílias. O projeto da Paróquia comprou insumos e matéria-prima para incrementar a fabricação dos círios e velas.

A MMS aconteceu em dezembro com 64 missionários. Ficamos alojados no Colégio Municipal e atendemos à comunidade com a expansão das visitas, oficinas e também visita solidária à comunidade de Ipueiras, onde entendemos a dimensão da importância de trabalhos como a Missão, em uma troca de experiências com a comunidade. Fechamos os trabalhos com uma noite cultural por meio de apresentações locais e de nosso colégio, encerrando com uma missa e um café da manhã para a comunidade. Como pós-missão, realizamos a implantação do Fundo Rotativo Solidário.

Em 2017, nossa MMS aconteceu em maio e contou com 94 missionários e, como parte da programação, realizamos visitas, oficinas sobre o Enem, redes sociais, protagonismo juvenil, canto

litúrgico, economia solidária, pintura em gesso, pano de prato, brincadeiras infantis e atividades esportivas. Realizamos visitas missionárias aos enfermos das comunidades de Antônio Ferreira e Mendonça, onde pudemos compartilhar experiências e aprender com as duas realidades. Como parte da finalização dos projetos, foi realizada uma noite cultural e missa para toda a comunidade. Como pós-missão, acompanhamos a efetividade do Fundo Rotativo Solidário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato exposto apresenta nosso olhar avaliativo, enquanto experiência de missionariedade na cidade de Juazeirinho/PB e suas comunidades. O trabalho teve a duração de três anos e contou com a participação de estudantes, colaboradores e ex-alunos, sendo fonte de vivência da solidariedade e espiritualidade dos maristas para com a sociedade local.

Viajamos vários quilômetros realizando diversas visitas para acompanhamento do trabalho missionário. Efetivamos diversas atividades pastorais, solidárias e culturais, envolvendo cerca de 350 missionários maristas com atividades planejadas para a mesma. Colaboramos com mais de 20 oficinas em várias áreas que a comunidade necessitava.

Impactamos cerca de 3.400 pessoas na cidade e no campo com ações missionárias, oficinas, atividades culturais e de conhecimento. Criamos um Fundo Rotativo Solidário que fomentará projetos na comunidade. Os recursos são advindos de doações que se transformaram em soluções financeiras, que hoje ajudam dois projetos que atendem mais de 40 famílias.

Enfim, certamente, a Missão atingiu diretamente aos estudantes maristas, proporcionando mudanças significativas em suas vidas e no modo de agir como cidadão.

REFERÊNCIAS

Sites e textos eletrônicos:IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Jornais, revistas, órgãos e instituições

BRASIL. *Economia solidária, outra economia acontece*: Cartilha de Rádio da Campanha Nacional de Mobilização Social. Brasília: MTE, SENAES, FBES, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2. ed., 2007, 285 pp.

COMIDI. *Igreja em Missão*: 7. ed. Diocese de Cachoeiro do Itapemirim – ES, 1998.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris missio* (Sobre a validade permanente do mandato missionário). São Paulo: Loyola, 1991.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE. *Missão Marista de Solidariedade*. Brasília (DF), 2011.

PROJETO DE VOLUNTARIADO: "AGOSTINIANO EM AÇÃO"

Wanderlei Faria[1] – Colégio Agostiniano Nossa Senhora de Fátima
Alexandra de Marchi[2] – Colégio Agostiniano Nossa Senhora de Fátima
Rafael Barrozo de Carvalho[3] – Colégio Agostiniano Nossa Senhora de Fátima

"Senhor, tu nos fizestes pra ti.
E nosso coração está inquieto até que descanse em ti."
(Santo Agostinho)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Colégio Agostiniano Nossa Senhora de Fátima tem como tema do seu Projeto Político Pedagógico: "Integrando Cultura e Formação" e visa, como linha mestra em sua ação pedagógica, a construção de valores humanos, cristãos e universais; nesse sentido, privilegia, como método de construção do conhecimento, uma pedagogia centrada no SER. Converge assim para o objetivo da Educação Católica: formação integral da pessoa, tanto no aspecto científico como moral. Além de articular com a missão da Igreja, promover ações pastorais que testemunhem nossa identidade Cristã.

Seguindo essa orientação de vertente agostiniana, temos consciência que devemos educar para a formação científica cultural e religiosa, portanto, faz-se necessário criar momentos que levem os nossos educandos à compreensão dos valores cristão-agostinianos: interioridade, vida em comunidade e o serviço.

Assim, o trabalho voluntário reforça o papel da escola como um centro de cidadania, cultura e encontro, local em que se exercita a convivência e o cuidado com o Outro. Nesse sentimento e impul-

1 Graduado em Filosofia, professor do ensino médio do Colégio Agostiniano e coordenador da Pastoral escolar.

2 Graduada em Sociologia, professora do ensino fundamental do Colégio Agostiniano de Ensino Religioso.

3 Graduado em Letras e mestre em Estudos Literários, professor do ensino fundamental do Colégio Agostiniano.

sionados pelo desejo de formar homens e mulheres que se dediquem à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, surgiu, no início de 2017, o projeto de voluntariado "Agostinianos em Ação", que está em constante transformação, visto que, a cada dia, nos aparecem novos desafios e ser voluntário é colocar-se a serviço e enfrentar os desafios que nos são apresentados.

Logo, a proposta afasta-se da noção de gesto assistencialista isolado; o conceito de voluntário aproxima-se do sentido de solidariedade e responsabilidade social, resultando em um trabalho de qualidade e feito com amor. Nosso projeto pauta suas ações em três fundamentos: formação humana e cristã, exercício da solidariedade e consciência ecológica. O foco é perseguir objetivos como:

- Desenvolver momentos de formação, com a finalidade de preparar nossos alunos para as atividades de voluntariado;
- Promover, em conjunto com a Pastoral Escolar, ações caritativas junto às instituições filantrópicas, favorecendo aos alunos um contato com os problemas sociais, motivando-os a gestos de generosidade;
- Buscar em todas as nossas ações os valores e espiritualidade agostinianos

DESENVOLVIMENTO

Após a construção do grupo de voluntários, esclarecidos do que era o trabalho e devidamente autorizados pelos pais ou responsáveis, seguimos para as ações. No primeiro semestre de 2017, realizamos diversas atividades, como campanhas de arrecadação de alimentos e produtos de limpeza e arrecadação de chocolates para a promoção da festa de Páscoa para crianças carentes de cinco instituições filantrópicas e duas escolas públicas.

A arrecadação de chocolates envolveu os alunos inscritos como voluntariados e a primeira tarefa foi a mobilização dos demais estudantes da escola para doação daquilo que seria utilizado, a fim de formar os kits para crianças carentes. Para tanto, em cada sala, do Fundamental I ao Ensino Médio, os voluntariados colocaram uma caixa para que os alunos deixassem sua doação; além disso, foi realizado um trabalho de conscientização centrado na necessidade de pensar no Outro.

Após atingir a meta de doações, dedicamos, no contraturno, momentos para os alunos envolvidos no projeto montar os kits e, por fim, próximo à Páscoa, passamos tardes distribuindo os chocolates em escolas e creches públicas de regiões periféricas de Goiânia e Aparecida de Goiânia. Evidenciamos, nessas reuniões de entrega das doações, o sentimento que a quaresma e o ressuscitar do Cristo incute em nós.

Ainda nos dias da culminância da ação de Páscoa do projeto, alguns alunos voluntariados foram caracterizados como personagens infantis, o que alegrou muito as crianças das instituições.

No segundo semestre deste ano, daremos continuidades às campanhas e às visitas, mobilizaremos os voluntários a sensibilizar todas as turmas da instituição e orientar os alunos sobre a importância de colaborar com a limpeza da escola, do bairro e da cidade, em um movimento que denominamos: "Cuidando da casa comum". Colocando na rotina dos alunos todas as práticas, leituras e discussões realizadas durante a Campanha da Fraternidade de 2016.

Faz parte ainda da programação dos "Agostinianos em Ação", na Semana da Criança, acolher em nosso colégio crianças da rede pública para participarem de um momento festivo pensado com muito carinho para eles, com teatro, música e um lanche especial. A preparação será incumbência dos voluntários com o auxílio do departamento cultural e, como todas as ações, ajuda da pastoral.

Com essas atitudes, esperamos formar pessoas melhores para um mundo melhor e o testemunho de nossos alunos sobre os momentos já vivenciados no trabalho voluntário nos impulsiona a dar continuidade ao projeto. A aluna Yasmim Carvalho dos Santos, da 1ª Série A do Ensino Médio, é um exemplo da benéfica experiência de participar da entrega dos chocolates às crianças da Creche Dona Judith, no Bairro Nova Cidade, em Aparecia de Goiânia. Segundo a aluna, algumas frases ficaram gravadas: "Tia, você parece a Minnie, mas é mais bonita que ela!"; "Tia, eu estou tão feliz! Quando eu for dormir, vou agradecer o Papai do céu"; "Tia, meu sonho era fazer uma festa da Minnie, mas minha mãe não tinha dinheiro"; "Tia, me dá mais um abraço! Não quero que você vá embora".

A aluna, diante à vivência ainda declara: "São frases como essas que eu tive a honra de escutar ontem. Poucas palavras ditas por crianças tão inocentes, mas que tocaram o meu coração, assim como Deus me tocou para tentar levar um pouquinho de alegria e doçura

Tarde de distribuição de chocolates em escolas e creches públicas de regiões periféricas de Goiânia e Aparecida de Goiânia

àqueles que merecem, mas, muitas vezes, não têm essa possibilidade. Crianças que nem me conheciam e, sem interesse nenhum, me receberam transbordando amor, luz, carinho e sorrisos inexplicáveis. Eu estou até agora impressionada! Com tão pouco ficam tão felizes, tão amorosas, esperançosas e, principalmente, cheias de fé. Se cada um de nós fizesse um simples gesto para quem precisa, o mundo seria totalmente diferente. Tudo que senti ontem foi a presença de Deus! A foto com essa princesa linda representa todos aqueles que me emocionaram, especialmente porque eu jamais recebi um abraço tão gostoso, tão inocente como o dela. Como pode uma pessoa que não me conhece transmitir tanto amor, como se fosse conhecida há anos? Essa foi a minha primeira experiência de ação social. Muitas outras virão, porque fazer o bem para quem precisa não tem preço. Ajude o próximo, ame-o como a si mesmo! Dedique um pouco do seu tempo a Deus, não só em orações, mas em ações".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de formar um grupo de voluntariado em nosso colégio nos inquietou há muito tempo, temos em nossa pastoral encontros, retiros, visitas, ações sociais e uma vida litúrgica rica, assim como tem na maioria das Escolas Confessionais Católicas. Todavia, sentimos a necessidade de envolver nossos alunos em práticas concretas, de estar

O projeto tem como obejtivo promover, em conjunto com a Pastoral Escolar, ações caritativas junto às instituições filantrópicas

a serviço e envolver-se realmente com os problemas sociais, fazendo com que eles se mobilizem e sejam protagonistas das ações pastorais. E acreditamos, por meio de relatos como o da aluna Yasmim Carvalho dos Santos, que parte disso já está sendo conquistado com o projeto “Agostiniano em Ação”.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. De Trinitate – Livros IX e XIII. Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato, Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel (tradutores). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

_____, S. Confissões. J. O. Santos (trad.) Petrópolis: Vozes, 2011.

BÍBLIA. A Bíblia. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola/Paulinas, 1995.

CABELLO, Miguel, ESPINOZA, Eduardo e GÓMEZ, Justino. Manual de Planejamento Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1987.

CELAM. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Documento de Puebla. Brasília: CNBB, 1979.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. Para uma pastoral da educação. São Paulo: Paulinas, 1986.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO Clarice. Aprendendo a Ser e a Conviver. São Paulo: FTD,1999.

SHÖN. A. D. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PIMENTA, S.G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2005.

PROJETO ARTÍSTICO SOCIAL ARTE SEM FRONTEIRAS

Wilson Tavares de Souza Junior[1]
Ir. Edwirges Maria Almeida de Souza[2]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Comunicando-se com o corpo e valorizando a dimensão do sonho e da criação, este projeto foi realizado para as instituições

1 Acadêmico do curso Dança pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Tem experiência na área de Dança, igualmente capacitado para atuação com Expressão Corporal, Consciência Corporal, Balé, Jazz, Dança Contemporânea, Danças populares e Performance. Fundador do Projeto Artístico Social Arte Sem Fronteiras e diretor, coreógrafo da Cia. de Dança Arte Sem Fronteiras, com atuação também na organização de diversos eventos artísticos na cidade de Manaus. Premiado no edital Agente Jovem da Cultura do Ministério da Cultura e atual representante do eixo de produção do Colegiado de dança do Brasil. Sua formação com jazz veio através de grandes academias como Vera Passos em Fortaleza-CE, Cenário em Florianópolis-SC e Centro de Movimento Arnaldo Peduto, no Amazonas; na contemporânea fez aulas no Centro de Movimento Debora Cocker e Pavilhão D. Como bailarino participou de diversos grupos da cidade de Manaus, entre eles os grupos Experimental da Universidade Federal do Amazonas (Gedef), grupo de performance artística da Universidade do Estado do Amazonas, Corpo de Arte Contemporâneo, integrando também por 8 anos o Balé Folclórico do Amazonas. Além de participar de óperas importantes realizadas no estado como *Turandot*, de Giacono Puccini, *A Vida Parisiense em Manaus* e *O Morcego*.

2 Natural de Humaitá-AM. Pertence ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA). Religiosa, com 33 anos de vida consagrada, compartilhando o carisma salesiano na dedicação total à educação e evangelização da juventude. Iniciou sua caminhada como educadora em 1984, no Centro Educacional Santa Teresinha, quando assumiu a coordenação da Educação Infantil, antigo Pré-escolar. Formada em pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, exerceu diversas funções na área pedagógica, com ampla experiência em sala de aula, em especial no Ensino Fundamental e Médio. Em Manaus, trabalhou no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de 1985 a 1989, colaborando no serviço de coordenação pedagógica, catequese e ensino religioso. Assumiu a função de gestora educacional na rede pública e particular de ensino, a partir da década de 1990. No Centro Educacional Santa Teresinha, atuou como diretora institucional e pedagógica no período de 2005 a 2008, retornando ao cargo em janeiro de 2016. Atualmente, o Cest se configura em um novo processo de reorganização pedagógica e, para melhor responder às demandas do cotidiano escolar, a direção passou a ser compartilhada em duas áreas distintas e complementares: direção pedagógica (profissional leigo) e institucional. Ir. Edwirges responde pela direção institucional desde de janeiro de 2017

de ensino católico e ação social. Tem como nome Projeto Artístico Social Arte Sem Fronteiras.

O foco do projeto é oportunizar jovens em situação de vulnerabilidade social, assim contamos com mais de 50 participantes, entre crianças de 6 a 12 anos e adolescentes a partir de 15 anos. O projeto já passou por três zonas da cidade de Manaus: centro-oeste, zona leste, e, hoje, sendo desenvolvido na zona sul. Atualmente, vem sendo realizado em todas as casas salesianas: Pro-menor Dom Bosco, Casa Mamãe Margarida e, agora, o Centro Educacional Santa Teresinha. A contribuição dos religiosos é grande, além da família salesiana; o projeto é um ponto de ação da rede marista de ação social, vinculado às comemorações dos 200 anos de Marcelino Champagnat. Seguimos com o intuito de animar o jovem através da arte e direcionar para que possa encontrar sua verdadeira vocação e missão.

O projeto acontece sempre aos fins de semana (sábado e domingo), para não atrapalhar os jovens em suas atividades semanais. Nossa carga horaria é de 5 horas para cada dia, totalizando 10 horas por final de semana, o trabalho desenvolvido é voltado a formação artística e humana com um conteúdo programático de aulas técnicas de balé, jazz, dança contemporânea, sapateado e dança afro. Seguimos com palestras motivacionais e acompanhamento de um psicólogo.

A família, geralmente, participa da produção do grupo e, como não temos patrocínio, o maior incentivador passa a ser os familiares; para os jovens com problemas familiares, realizamos um acompanhamento seguido de apoio para mantê-los no processo.

A CAMINHADA DE 2017...

Temos um cronograma de atividades anuais, definidas de um ano para outro; seguimos produzindo para importantes festivais, congressos e realizando apresentações nos mais variados espaços públicos e privados.

A rotatividade é grande por parte dos bailarinos: alguns bailarinos tiveram de sair para integrar companhias estatais e vivenciar a fundo o universo acadêmico, e vibramos com esses resultados. Vivenciamos, este ano, no Centro Educacional Santa Teresinha, a inserção da turma infantil e a saída do grupo para alguns municípios do Amazonas.

O projeto visa ampliar sua atuação e levar a mesma formação para o interior do estado, além de planejar uma turma para atender a terceira idade. Temos a intenção de levar, no ano que vem, o grupo para o Festival de Dança de Joinville ou Passo de Arte, em Fortaleza. Em 2016, tivemos a aprovação de cinco coreografias no Festival de Joinville, porém, infelizmente, uma ação como essa custa caro e não conseguimos ir. Logo, uma das metas do grupo para 2018 é seguir para Santa Catarina ou Fortaleza, para competir com grupos expressivos da dança em âmbito nacional.

O grupo de dança do Centro Educacional Santa Teresinha no Festival de Dança na Argentina nas palavras de Ir. Edwirges Maria Almeida de Souza:

A expectativa está sendo grande para o grupo de dança do Centro Educacional Santa Teresinha (Cest) e para todos da escola. Com certeza, vamos nos deparar com muitos desafios para que o sonho de chegar lá seja concretizado, principalmente, a questão dos custos que são muito altos, devido à distância que nos encontramos do local do evento. Entretanto, podemos afirmar que as dificuldades que surgem vão sendo trabalhadas e superadas com a união de todos: família, corpo técnico, bailarinos e a direção da escola. Buscamos apoio e parcerias, acreditando que todo esforço que fizermos em prol desse objetivo valerá a pena, pois a finalidade maior de nossa participação no Festival de Dança do Mercosul é a integração de nossos alunos com outras culturas, além de ser mais uma oportunidade de crescimento pessoal na arte da dança; o que resultará em uma significativa evolução e aprimoramento do desempenho profissional de cada um dos participantes.

O Projeto Artístico Social Arte Sem Fronteiras vem se realizando há mais de um ano em parceria com nossa instituição, Cest, e tem sido uma experiência totalmente positiva para o Centro Educacional Santa Teresinha. Embora sejam jovens que não estudam em nossa escola, pela forma com que se integraram em nosso ambiente educativo, estabeleceu-se um forte vínculo de pertencimento que se expressa em uma grande sintonia, seja pela amizade, carinho e respeito de todos, como também pela efetiva colaboração que o grupo oferece à escola nas programações festivas, artísticas e culturais.

Como em toda parceria, o critério da reciprocidade entre as partes tem nos proporcionado ganhos e benefícios altamente significativos, o que nos motiva a continuar de portas abertas para o projeto. Como filhas de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, inspiradas pelo seu exemplo, atuamos segundo o seu carisma que se expressa no amor preferencial pela juventude. Por essa razão, os jovens serão sempre acolhidos com muito amor em nossa casa e, principalmente, em nossos corações.

O que significa este projeto como educador nas palavras do prof. Wilson:

O trabalho desenvolvido com os jovens é meu projeto de vida, acredito na contribuição que é realizada e toda vitória deles é também uma vitória minha. O que eles aprendem não é apenas dança ou o movimento pelo movimento. Esse trabalho vai muito além, ampliamos os horizontes dos jovens e buscamos conduzi-los para que se tornem pessoas do bem, jovens conscientes e mais sensíveis para arte e para o mundo. A disciplina, o respeito ao próximo, a qualidade de vida por meio do exercício, as motivações encontradas para seguirem em buscas de seus sonhos, o conhecimento das culturas e o processo evangelizador são alguns pontos a serem citados.

PEQUENAS ATITUDES GERAM GRANDES EMPREENDEDORES

Ana Paula Palmezan L. S. Milinavicius[1]
Colégio Nossa Senhora Aparecida

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A família é o primeiro berço social de todo e qualquer ser humano; sendo assim, é no seio familiar que se inicia o crescimento de grandes empreendedores, gestores ou líderes, que nasceram do exemplo, do apoio, da condução que a família realizou durante todo o crescimento. Portanto, o trabalho em equipe nasce da coletividade familiar, das relações a serem construídas.

Atualmente, muito se discute sobre as novas formas de relações familiares, das tecnologias que diariamente ocupam espaço no âmbito familiar, dos padrões das famílias mais modernas, mas a construção dos valores na formação do cidadão deve ser sempre o parâmetro para o desenvolvimento emocional, social, cultural de toda criança. Partindo desse caminho é que nasceu o projeto "Pequenas atitudes geram grandes empreendedores", um projeto muito singelo, mas tão significativo para cada realidade em que foi alcançada. São os valores que guiam a nossa conduta, nosso pensamento e nossas atitudes. Por meio dessa experiência, a criança aprende que pode fazer muito pelo seu ambiente, principalmente quando sabe cuidar de si etambém se preocupa com o bem-estar das pessoas com quem convive e, posteriormente, com a sociedade, pelo qual vai se inserir no mercado de trabalho.

DESENVOLVIMENTO

Em nossa escola – Colégio Nossa Senhora Aparecida –, temos como símbolo os três ângulos de suma importância na formação de

1 Professora das disciplinas de História , Ensino Religioso e Opee; Coordenadora da Pastoral Escolar; Terapeuta Naturopata Holística.
Email: anapaula.palmezan@colegioaparecida.com.br

nosso aluno: o educando, o educador e a família, assim com nossa filosofia "Educando para o Coração", conseguimos sempre traduzir, por meio de nossa prática educativa, o que mais nos importa: a junção desses três ângulos, que resumem a importância de SER e CONHECER na profundidade de nossa identidade escolar.

Entre as disciplinas de nossa grade curricular, está a de Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo (Opee), uma matéria voltada para aproximar a melhor versão de nós mesmos; uma disciplina direcionada para o autoconhecimento, abordando profissões, educação financeira e o próprio empreendedorismo.

Sabemos que ser Empreendedor hoje é algo que desperta muito nas relações profissionais. Hoje o profissional competente é aquele que apresenta habilidades e competências imprescindíveis – ser proativo, determinado, seguro, alguém de atitude, de iniciativa. E foi através dessa palavrinha INICIATIVA, que os alunos aceitaram o desafio. Durante aproximadamente 15 dias, os alunos e alunas, sem contar para os pais o real motivo, começaram a ter atitudes diferenciadas dentro de suas casas, ajudando familiares nas tarefas domésticas, de acordo com aquilo que seria permitido diariamente, como varrer a casa, enxugar a louça, arrumar a cama, colocar o lixo para fora, colocar a mesa do jantar, recolher roupas do varal, enfim, uma série de atividades que foram realizadas sem nenhum adulto pedir e sim tendo a iniciativa de enxergar no seu dia a dia as necessidades de sua casa.

Após a realização das tarefas, eles preenchiam uma tabela, com a atividade realizada, data, horário, para um controle pessoal. sEssa tabela, também, deveria ser preenchida caso tivessem se esquecido de realizar alguma coisa ou caso eles fizessem a mando de alguém e não com iniciativa própria. O objetivo era ter INICIATIVA, ter um olhar mais profundo diante das necessidades da própria casa.

Assim, acreditamos que é dentro do seu espaço de convivência que nasce um verdadeiro empreendedor; ser proativo não acontece de hoje para amanhã; ser proativo nasce do convívio familiar, nasce da iniciativa que a criança terá diante de uma ajuda simples, mas tão significativa. Um empreendedor enxerga muito além seus projetos e realizações; um empreendedor possui em si a vontade de criar em seu espaço algo que seja o diferencial; um empreendedor conhece a si mesmo, através de suas limitações, e tudo isso pode ser treinado quando pequeno, trazendo para si o maior de todos os troféus, o

seu autoconhecimento. Pois, detrás de toda ajuda doméstica, os mais diversos valores também estão sendo trabalhados, como: amizade, compaixão, cooperação, ética, esperança, humildade, justiça, lealdade, honestidade, liberdade, paz, respeito, solidariedade, sinceridade e até mesmo o perdão.

Dessa forma, através do projeto, trabalhamos a inteligência emocional, ela é muito necessária nas relações familiares e posteriormente nas relações de trabalho. Um estudo realizado avaliou a trajetória de 17 mil pessoas por 50 anos, desde a infância até a fase adulta, e comprovou que os participantes com maior inteligência emocional eram mais bem-sucedidos profissionalmente, superando os que apresentaram QI (quociente de inteligência) maior. Assim, nas atitudes dentro de casa, desde as resoluções de conflitos, limites e recompensas podem desenvolver a inteligência emocional, como já dito anteriormente, é na família que vamos iniciar toda e qualquer forma empreendedora de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso projeto "Pequenas Atitudes Geram Grandes Empreendedores" repercutiu de forma muito positiva, pois os alunos foram muito comprometidos e sinceros. Quando apresentavam a tabela, explicavam detalhadamente sobre as suas ações, inclusive as reações dos familiares, e estes, ao ficarem sabendo, nos escreveram partilhando a experiência com a nossa escola. Aqui deixo alguns trechos dos relatos das famílias:

"Esta semana foi diferente aqui em casa, uma brisa suave e leve pairou no ar, foi a sensação que eu tive.
Minha filha é uma criança doce e amável, mas, na hora de ajudar com as tarefas de casa, sempre reclama, não gosta de lavar a louça e muito menos arrumar seu quarto, acho que é igual na maioria das casas.
Mas não sei como! Em um passe de mágica tudo mudou! No fim da semana arrumou o quarto sem reclamar, me ajudou a recolher o lixo
Fiquei muito feliz com o seu comportamento, e mais feliz em saber que a escola está incentivando na mudança desse comportamento, ajudando a minha filha entender que no lar precismos da colaboração de todos."
(Patricia – mãe da aluna Mirella – 6A)

"Achei a iniciativa do trabalho muito oportuna pela possibilidade de conscientizar as crianças sobre a importância do auxílio nas tarefas de casa, do quanto é desgastante e ao mesmo tempo satisfatório em conviver com as pessoas em um ambiente limpo e organizado. O principal é perceberem que cada um tendo responsabilidades, não sobrecarrega apenas uma pessoa e que todos saem ganhando por mais tempo de ficar juntos em família."
(Silvia Mria – mãe da aluna Laís)

"A prosposta do trabalho fez com que minha filha tivesse mais iniciativa e comprometimento com suas açoes. O legado deixado pelo trabalho proposto foi de uma criança proativa e consciente de que todos temos deveres, obrigações e, principalmente, pequenas atitudes fazem a diferença. A família toda agradece a escola por incentivar atividades que façam das crianças seres humanos melhores, objetivandoum mundo e futuro melhor."
(mãe da aluna Maria Luiza Silva)

"Confesso que no começo estranhei, porque ela insistia em ajudar nos afazeres de casa, mas depois pensei 'Ela está crescendo! Ela ajudou bastante, ela estava mais simpática e distribuía solidariedade'. Quando soube que era uma atividade do colégio me surpreendi, pois o estímulo foi superpositivo, válido e tenho certeza que houve uma mudança dentro de cada criança."
(Léticia – mãe da Gionvanna França)

Com esses relatos, percebemos a riqueza que foi gerada. Os alunos continuam até hoje realizando em suas casas algumas atividades, onde eles nos comentam que foi por meio do nosso projeto que despertou a vontade de ter continuado. Muitos foram os relatos e com eles percebemos uma pequena mudança em diversos lares. Mudanças que estão presentes dentro de nosso compromisso, como educadores, não apenas educando dentro das salas de aula, mas como educadores de corações, corações esses que são transformados e moldados para enxergarem O Outro na sua totalidade. Assim, acreditamos que, com pequenas atitudes, podemos sim, gerar grandes empreendedores.

REFERÊNCIAS

FRAIMAN, Leo. *Empreendedorismo e Projeto de Vida*: 6ºano: Ensino Fundamental. São Paulo: FTD, 2016.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zanhar, 2005.

DOLABELA, F. *Oficina do Empreendedor*. São Paulo: Cultura, 1999.

KUMARIS, B. *Vivendo Valores*. São Paulo: Brahma Kumaris, 2005.

UMA HISTÓRIA DE AMOR AO PRÓXIMO: JOVENS DE GARRA

Ana Paula Palmezan L. S. Milinavicius[1]
Colégio Nossa Senhora Aparecida

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A missão das Irmãs Servas de Maria Imaculada iniciou-se no Brasil em 11 de abril de 1911 com a chegada de sete religiosas ucranianas que aqui chegaram com uma importante missão: servir aos imigrantes ucranianos em suas necessidades. Em 11 de abril de 1911 foi criada a Associação Imaculada Virgem Maria, mantenedora de 13 Escolas particulares, dois Hospitais e 35 casas de missão, onde as Irmãs se dedicam à Evangelização e em algumas comunidades trabalham em postos de saúde e escolas públicas

Há mais de seis décadas o Colégio Nossa Senhora Aparecida está presente na Vila Bela, São Paulo, onde oferece os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Para cumprir sua missão, conta com corpo docente qualificado que conhece a filosofia e a missão da escola e está em contínua formação, com o intuito de concretizar no dia a dia sua proposta educacional, cultivando diferenciais importantes como: trabalhar com projetos interdisciplinares e passeios culturais, conhecer os alunos pelo nome, buscar além de uma formação acadêmica de qualidade uma educação humanística que ajude os estudantes a se desenvolverem como ser humano, que cultivem sua espiritualidade e tenham boa convivência com os demais, oportunizando a participação em projetos sociais e no voluntariado.

O Colégio Nossa Senhora Aparecida tem um cuidado especial pelos alunos; prima pela acolhida, pelo diálogo, pela firmeza nos processos de ensino-aprendizagem e na disciplina; está em constante busca de uma educação de alta qualidade e acredita no trabalho em

1 Professora das disciplinas de História , Ensino Religioso e Opee; Coordenadora da Pastoral Escolar; Terapeuta Naturopata Holística.
Email: anapaula.palmezan@colegioaparecida.com.br

parceira com as famílias. Oferece eventos que aproximem a família da escola, dialoga com as famílias e abre suas portas para acolher pessoas da comunidade para participar dos projetos sociais. Um colégio acolhedor que há 60 anos proporciona ensino de qualidade em um ambiente familiar.

A história de sucesso do Colégio Nossa Senhora Aparecida teve início com a vinda de duas Irmãs Servas de Maria Imaculada, Ir. Gertrudes Tecla Hladki e Ir. Eleotéria Maria Scrobot, de Prudentópolis (PR) para São Paulo, em 1955.

No ano seguinte, em 1956, as Irmãs Glafira Mudrek, Aloysa Boiko e Gertrudes Tecla Hladki iniciaram a comunidade missionária. Iniciou-se então uma história de muito trabalho e superação. No dia 3 de maio de 1956, a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo expediu a documentação autorizando o funcionamento do colégio. As décadas de 1960, 1970 e 1980 foram marcadas pelo crescente número de alunos e a escola foi melhorando e ampliando sua infraestrutura, tornando-se um centro educacional importante na vida da comunidade.

No início da década de 1990, nosso colégio já registrava mais de 700 alunos, com turmas desde a Educação Infantil e Ensino Fundamental, consolidando-se ainda mais como uma escola de educação cristã sempre presente na vida de seus alunos e de sua comunidade. A partir de 2000, a escola passou por uma grande reforma e ampliação da infraestrutura. E em 2005 foi implantado o Ensino Médio e atividades extracurriculares.

Em 2012, iniciamos o Período Integral, atendendo de forma diversificada estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Há seis décadas, vêm se empenhando para manter acesa a chama de "Educar o Coração", que é o ideal iniciado pelos fundadores, com o propósito de "Educar para a Comunidade".

Dentro de nossa filosofia Formar o Coração do Educando dentro de valores Evangélicos baseados na Pedagogia de Jesus Cristo-Mestre e inspirando-se em Maria, Mãe e Modelo de Vida do Educando e do Educador. Com a nossa missão de Educar para a Comunidade, com o coração aberto para a vida, a justiça e a fraternidade, evangelizando e integrando o ser humano na sociedade em que vive em uma tríplice dimensão: com Deus, com o seu semelhante e com a Natureza, interferindo na história da humanidade e na própria história.

Baseando-se em nossa filosofia e focados em nossa missão, em 2007 nasceu o grupo da Pastoral Escolar, que começou com um grupo de alunos do Ensino Médio com o objetivo de auxiliar o jovem na sua Formação Humana e Espiritual, despertando nele o gosto pelo Voluntariado. Esse grupo se iniciou após a visita que tivemos da nossa assistente social no bairro, observando as carências que os idosos residentes tinham, como solidão, depressão, doenças, dificuldades motoras, entre outros. Assim, juntamos esse resultado com o grupo de adolescentes e assim começamos a construir um novo lugar de vivência para os nossos idosos, com atividades que eles poderiam participar e se sentirem acolhidos e felizes. As atividades iniciais foram aulas de informática e artesanato, que auxiliariam na renda familiar das participantes. O projeto deu certo, sendo satisfatório e aprovado pela grande participação que obtivemos de nossa comunidade e de nossos alunos voluntários. Reunimos-nos semanalmente para elaboração de nossos projetos, partilha fortalecimento do grupo e, hoje, damos assistência ao Projeto Irmã Josafata, que é composto por atividades direcionadas à terceira idade. Todas as atividades são gratuitas, como também visitamos hospital, asilos, orfanatos, abrigos, idosos doentes de nossa comunidade, levando o nosso carinho, tempo, atenção e positividade para quem necessita. Somos inspirados na fundadora da congregação das Irmãs Servas de

Grupo de Amigos Reunidos Resgatando o Amor – GARRA

Maria Imaculada, Irmã Josafata Hordashevska, e procuramos "Amar e Servir onde houver maior necessidade".

Nesse sentido, além de participar de encontros de formação, os alunos são convidados a prestar serviço social voluntário, enxergando no outro a presença e figura do próprio Mestre Jesus. Com essa proposta surgiu o nome para esse grupo que aos poucos foi despertando na juventude a vontade de participação, após muitos encontros o nome escolhido foi Grupo de Amigos Reunidos Resgatando o Amor – Garra.

E, assim, o Garra iniciou sua caminhada, transformando a vida de muitos jovens que aprenderam na prática o verdadeiro sentido do amor ao próximo. O grupo é coordenado pela professora de nossa escola, Ana Paula Palmezan L. S. Milinavicius, que vivencia de pertinho essa experiência com esses jovens, desde a discussão, preparação e execução dos projetos para nossa comunidade. Entre nossos objetivos, podemos destacar: despertar a fé através das atitudes ao próximo, desenvolver o dinamismo e ação solidária, promover espírito de liderança para projetos pessoais futuros, exercer a consciência da importância do idoso em nossas vidas, saber respeitar a diversidade de opiniões e pessoas, trabalhar em equipe e saber resolver situações, perceber que a ação voluntária nos faz crescer como pessoas mais humanas, fortalecer os laços de convivência entre os adolescentes.

O grupo de coral Irmã Josafata desenvolve o trabalho com respiração, voz e técnicas de canto

Em 2014 nossa escola participou do 14º Prêmio da Escola Voluntária, uma iniciativa do Banco Itaú e Rádio Bandeirantes, ficando entre as 10 escolas destacadas em trabalhos voluntários do Brasil. Foi uma experiência muito significativa para nossa escola e para cada aluno voluntário da Pastoral Garra.

Com uma caminhada cheia de conquistas, de superações e de puro amor. Sendo muito gratificante ver uma juventude empenhada em colocar em prática os valores aprendidos. O grupo da Pastoral Escolar acolhe todo aluno que sente em seu coração a vontade de torna-se útil para o outro. São ações que fazem a diferença e a troca de experiências com o idoso, o enfermo, a criança, realmente não tem preço.

PELOS FRUTOS CONHECEREIS

Coral Irmã Josafata

O grupo de coral desenvolve o trabalho com respiração, voz e técnicas de canto. Nosso maior objetivo não é a formação de grandes cantores, mas é termos um grupo que, com suas limitações, possam através do canto expressar-se com vitalidade. O grupo acolhe participantes, com a idade de 40 a 80 anos. O mais bonito é que a professora do coral é uma ex-aluna da Pastoral Escolar, Tainá Lacerda, que retornou à escola após formada para executar seu projeto voluntário.

"A vida nos surpreende com muitas dificuldades na saúde, no trabalho, no convívio familiar, fato que nos deixa tristes e muitas vezes sem rumo na vida. Mas o amor que encontro aqui me faz levantar e continuar." (Sebastiana – 72 anos)

Artesanato – Mãozinhas Arteiras

O grupo tem como maior objetivo confeccionar peças, objetos, artigos artesanais para uma renda própria bem como para doação em projetos sociais, como hospitais, asilos, orfanatos. O grupo conta com a participação de mulheres de 40 a 70 anos. O grupo se reúne uma vez por semana, com a duração de 2 horas. No grupo todas as participantes ajudam na elaboração do programa das aulas, ensinando o que sabem para quem vem conhecer e participar das aulas.

"Através do grupo, esqueço meus problemas de casa, tem me ajudado muito." (Vilma Aparecida – 55 anos)

"Comecei no artesanato após meu AVC, não mexia nem as mãos, hoje voltei a pintar e a costurar, através dos movimentos que fui fazendo no artesanato." (Cida – 53 anos)

"Sou grata ao grupo pelas amizades e por me ajudar a superar a depressão."
(Sueli – 62 anos)

Informática – Navegando na Melhor Idade

As aulas de informática são ministradas pelos alunos voluntários da pastoral escolar, onde preparam as aulas com noções básicas de informática, para que os participantes que já possuem certa idade possam através de suas limitações, superarem e entrarem para o mundo da tecnologia.

"Agradeço imensamente aos alunos – voluntários da informática, pela dedicação, pois através das aulas, adquiri uma maior confiança."
(Vanda – 58 anos)

"A minha vontade de aprender a mexer no computador era enorme, nem ligar eu sabia, hoje já aprendi." (Luzia – 64 anos)

"Estou orgulhoso, pois já sei manusear o computador, porque hoje sem informática não se consegue nada." (Manuel Santine – 77 anos)

"Estou por dentro das informações, agora posso acompanhar o progresso." (Nelson Luiz – 58 anos)

Inglês

As aulas são ministradas por alunos da pastoral escolar e o curso apresenta noções básicas de inglês, uma forma mais prazerosa para que as participantes se sintam motivadas em aprender uma nova língua. As aulas acontecem uma vez por semana, com duração de uma hora.

"Me sinto que estou inclusa de certa forma na sociedade, no meu bairro, graças a pessoas que se preocupam e quer a nossa participação no mundo atual. Eu achava que era impossível aprender, hoje já consegui e fiz novas amizades." (Silvia Zaquinelli – 62 anos)

"O curso me ajudou muito, pois consigo falar palavras e me comunicar com meu filho que mora fora do Brasil, onde um dia vou morar com ele."
(Wilma Baldo – 67 anos)

"O curso é ótimo, cantamos em inglês, escrevemos textos, além das novas amizades." (Rosana – 52 anos)

Esses são alguns dos nossos frutos, atividades que podemos acompanhar o crescimento e a importância para nossa comunidade. A pastoral Garra nesses 10 anos de história tornou-se o diferencial de nossa comunidade. Muitos alunos do Ensino Fundamental I e II nos procuram dizendo que quando crescerem querem fazer parte do grupo. Temos muitas experiências marcantes e relatos lindíssimos. Muitos de nossos ex-alunos quando seguem para a vida acadêmica procuram profissões que despertam a continuidade em ajudar o mais necessitado, como áreas da saúde, e isso nos encanta, pois são os frutos das sementes lançadas em terra fértil.

POR QUE CELEBRAR 10 ANOS?

"A Pastoral tem uma grande importância na minha vida, participo do Projeto Carinho, onde visitamos os idosos doentes da região. Essa experiência quebrou barreiras que eu tinha em demostrar carinho, conversar com as pessoas e perceber que isso pode mudar. É uma ajuda de mão dupla, dou amor e recebo de volta. Sou muito grata de fazer parte deste grupo que faz a diferença na sociedade e, quando eu sair da escola, quero continuar levando esta experiência para o resto da vida."
(Isabela Barge – 17 anos)

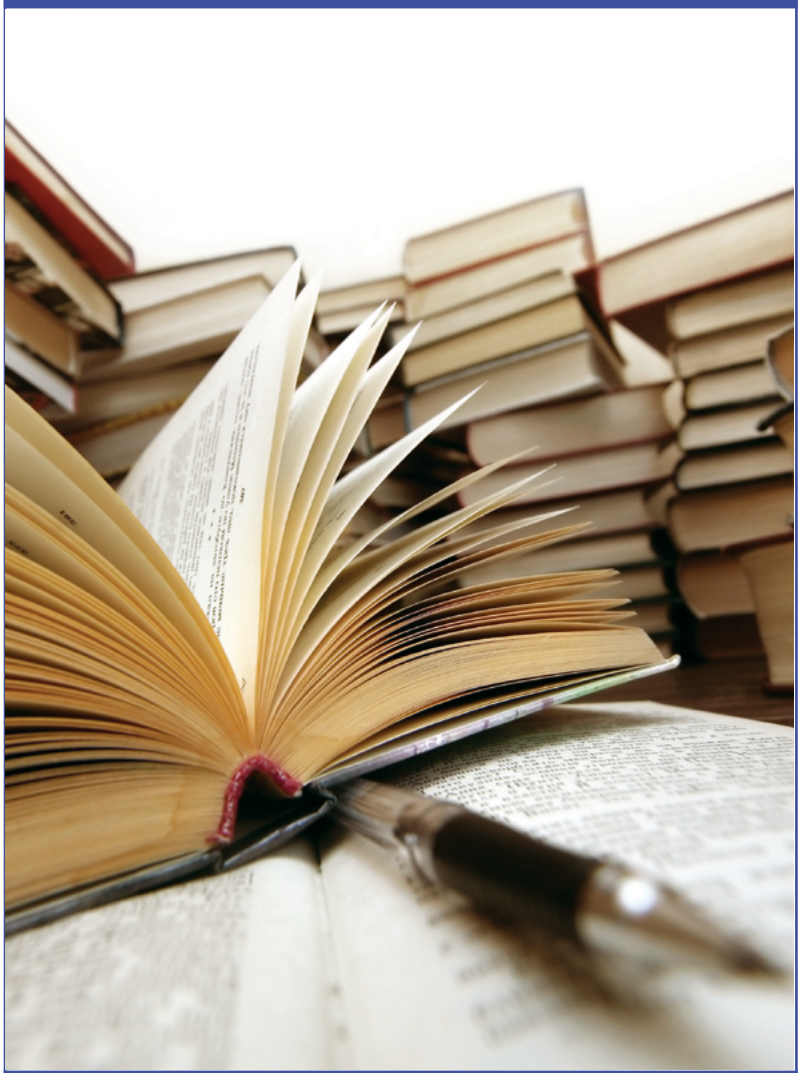
"Eu sempre tive uma grande admiração pela Pastoral. Sou muito grata por todas as oportunidades que tive, acabei evoluindo como ser humano e agregando novos valores a todas esferas de minha vida. Pastoral para mim representa uma constante tentativa de ser melhor para si, para os outros e para o mundo."
(Beatriz Zolin – 16 anos)

"Entrei na Pastoral em 2016, realizando o desejo que sempre tive. Não tinha ideia de quanto este grupo me ensinaria valores tão importan-

tes. É na Pastoral que aprendi na prática o quão importante é a atenção ao idoso, o respeito com o diferente, o carinho com seus familiares e amigos. Não consigo me imaginar fora do grupo que representa a força de vontade e o desejo de mudar o mundo através do amor e solidariedade."
(Vitor Souza – 16 anos)

Com a resposta da questão acima, resume-se o coração de tantos jovens que enxergam neste grupo a importância de saber Amar e Servir. Assim, podemos continuar a seguir o nosso caminho e levar cada vez mais o testemunho do Evangelho ativo dentro do coração de cada um que assim cruzar o nosso caminho. Hoje ver essa juventude unida e totalmente proativa é algo fantástico de vivenciar. Com certeza podemos aqui ressaltar as palavras do nosso Papa Francisco, quando nos diz : *"Como seria belo se cada um de vós pudesse, ao fim do dia, dizer: Hoje realizei um gesto de amor pelos outros!"*

Documentos



CARTA ABERTA DO I FÓRUM DE AGENTES DE PASTORAL

À Diretoria da ANEC[1],

Ao Conselho Superior da ANEC,

Nós, agentes de Pastoral, pastoralistas e coordenadores de Pastoral, reunidos no I Fórum de Agentes de Pastoral da ANEC, nos dias 21 e 22 de novembro de 2016, em Brasília – DF, tendo refletido sobre o tema "Laudato Si e Educação: a contribuição das Instituições de Ensino para a cultura do bem viver", comprometidos com a missão educativa de nossas instituições e cientes dos apelos emergentes da realidade brasileira para uma educação humanista e comprometida com a vida, manifestamos nosso anseio pela concretização de Escolas e IES em Pastoral. Queremos instituições de ensino que estejam "em saída", em sintonia missionária e comunhão com a Igreja, atenta aos apelos do Papa Francisco na Laudato Si e aos desafios de nosso tempo; escolas e universidades encantadas e encantadoras que buscam em Jesus Cristo, e do encontro pessoal com Ele, o sentido de suas existências. Compreendemos a formação humana e cristã de todos os educadores e educandos como caminho para uma autêntica educação católica, sabendo que o testemunho de vida é a melhor forma de educar e formar as novas gerações.

Tendo em vista uma melhor organização pastoral da ANEC e o fortalecimento da sua identidade, apresentamos a seguinte proposta:

ANEC nos Estados:

- Criar GTs de Pastoral em todos os Estados, bem como fortalecimento aqueles que já existem, como instrumentos privilegiados de articulação e integração dos agentes de

1 Associação Nacional de Educação Católica do Brasil

pastoral, de parceria entre as associadas e de promoção de atividades em comum.

- Sistematizar uma "Rede Católica de Educação" em cada Estado como instância de formação continuada, estudo, discussão e encaminhamentos da Educação Católica de forma ampla, como instância de integração das dimensões pedagógica, pastoral, administrativa e financeira.
- Criar uma "rede de partilha de experiências das associadas", por meio de encontros por Estado e que possa ser disponibilizado pelas redes sociais para acesso de todas associadas e interessados.
- Ser uma presença proativa, viva, atuante e profética junto às associadas, intervindo nas políticas públicas de cada região, de forma orgânica e sistemática, superando as ações isoladas de cada associada.
- Contribuir com a Pastoral da Educação nas Dioceses e Regionais da CNBB.
- Estabelecer articulação com instituições da sociedade civil e da esfera governamental.

ANEC Regionais:

- Criação de um Conselho Executivo Regional com representação da Educação Básica e Ensino Superior dos Estados. Este, com mandato de dois anos, terá a responsabilidade de dinamizar o Fórum Regional de Pastoral e outros projetos.
- Promover Fóruns Regionais no ano em que não acontecer o Fórum Nacional de Agentes de Pastoral, para socialização das atividades, troca de experiências e estudo. Dessa forma estaremos contribuindo na consolidação da identidade da educação católica nas regiões.

ANEC Nacional:

- Um representante da Educação Básica e outro das IES Regionais, eleitos pelas Regiões, comporão o Conselho Pastoral da ANEC Nacional. Esse conselho dinamizará o Fórum Nacional de Agentes Pastoral e contribuirá com outros projetos.

- Realizar o Fórum Nacional de Agentes de Pastoral bienalmente.
- Elaborar "Diretrizes Gerais para a Pastoral Escolar" com um programa de temas de estudo, projetos, ações e eventos comuns a serem desenvolvidos em todas as associadas. Essas Diretrizes serão avaliadas a cada dois anos por ocasião do Fórum de Agentes de Pastoral.
- Garantir a participação de Gestores, Direção, Coordenação Pedagógica, Pastoral e Financeira na programação estadual e regional da ANEC, para partilhar a caminhada, desafios e perspectivas. A evangelização e a construção de processos pedagógico-pastorais são responsabilidade de todos.
- Criar um Plano de Comunicação efetivo que dê visibilidade aos projetos e programas pastorais desenvolvidos pelas associadas e pela ANEC nos Estados.
    - Sistematizar, planificar e socializar através de um relatório anual da Pastoral da ANEC os resultados da Ação Pastoral realizada nas associadas, proporcionando a visualização e abrangência das ações realizadas em todo o Brasil.
    - Garantir que a comunicação chegue a todas as associadas e seus interlocutores de interesse.
- Ser uma presença proativa, viva, atuante e profética em cada Estado, junto às associadas, intervindo nas políticas públicas de cada região, de forma orgânica e sistemática, superando as ações isoladas de cada associada.
- Estabelecer articulação com instituições da sociedade civil e da esfera governamental.
- Incentivar as associadas para a participação efetiva nos projetos da ANEC Nacional, Regional e Estadual.
- Realizar um Dia 'D' da ANEC como um apelo social, ambiental, cultural, religioso com a finalidade de ser uma expressão social que gere repercussão nacional do compromisso da Educação Católica na Defesa e Promoção da Vida.
- Desenvolver o espírito de ecologia integral nas instituições com uma visão sistêmica e contextualizada que chegue aos corações de educadores, estudantes e familiares.

- Promover a formação na perspectiva da identidade e missão da educação católica e cidadã.

Cientes de nosso compromisso efetivo e afetivo no cumprimento da missão da ANEC, agradecemos pela rica oportunidade deste Fórum de Agentes de Pastoral e almejamos que Nossa Senhora Educadora continue a guiar e iluminar nossos caminhos.

Brasília, 22 de novembro de 2016.

VALUE OF CATHOLIC EDUCATION IN THE 21ST CENTURY[1]

Dr. Tracy Cunningham - King's University College

An education in the fullness of humanity should be the defining feature of Catholic schools. The mission of Catholic education is to develop a sense of truth, and of what is good which occurs through a journey of many rich experiences. It is for this reason that there are so many academic disciplines within the Catholic educational experience – because an individual's development is the result of many different elements that collaboratively stimulate intelligence and knowledge. Schools and universities are places where people experience personal, intellectual and cultural growth, and engage in the pursuit of the common good. They provide the opportunity for imagination and creativity; helping students to make sense of the present and encouraging them to envision what the future may be. At the root of Catholic education is our Christian spiritual tradition, which is in constant negotiation with cultural heritage and scientific development. Catholic schools and universities are educational communities where learning thrives between the integration of research, thinking and life experience. The Vatican's Congregation for Catholic education explains that the young people we are educating today will become the leaders of tomorrow. Given this, the Congregation asks a number of questions of Catholic education:

- What will religion's contribution be to educating younger generations to peace, development, and friendship in the universal human community?
- How are we going to educate them to faith and in faith?
- How do we educate them to gratitude, to a sense of awe, to asking themselves questions, to develop a sense of justice and consistency?
- How will we educate them to prayer?

1 Conferência proferida no Fórum de Pastoral, realizado no dia 20 de julho de 2017, por ocasião do IV Congresso Nacional de Educação Católica, em Belo Horizonte (MG).

Catholic schools and universities are living environments with competing priorities and influences. However, as an institution with common values, there is the opportunity to create a full educational experience. These institutions provide the spaces where an integral, well-rounded education is developed – including religious formation. In a diverse, multi-religious environment, it is becoming more difficult to teach the beauty of faith in Jesus and because of this, Catholic educators must learn to rise to the challenge of being credible witnesses and mentors for their students. Catholic educator Michael O'Neill argues that "when people in a school share a certain intentionality, a certain pattern or complex of values, understandings, sentiments, hopes, and dreams, it deeply conditions everything else that goes on, including the math class, the athletic activities, the dances, coffee breaks in the teachers' lounge, everything" (as cited in Carper & Hunt, 1984, p. 16).

With the growing diversity of cultures within our schools, it becomes increasingly important for educators to live Gospel values. All members of the educational community including teachers, principals and administrative staff are called upon to present faith as an appealing option, with a humble and supportive mindset. Their model should be that of Jesus and his disciples to demonstrate a life of unconditional service. This has been, and will continue to be, a long-standing hallmark of Catholic education – educating young people about the importance of service to community. To this end, it is important to foster a strong partnership between parents and educators to present a life that is good, rich in meaning, open to God and others as well as the world.

Pope Francis has urged that all those who are involved in Catholic education be builders of a more united and peaceful world. He stresses the need for open conversation in light of the fact that the world has become a global village in which each person belongs to humanity and shares in the hope for a better future. He states that "within this context, Catholic educational institutions are called to be on the front line in practicing a grammar of dialogue" which, he said, is the foundation for openness of dialogue surrounding both cultural and religious diversity. He is encouraged and hopeful that the new generations of young people, will leave school and university classrooms with the motivation to build bridges and find new

answers to the many challenges of our time. In a speech on February 9, 2017, Pope Francis said "there is a final expectation that I would like to share with you: the contribution of education in sowing hope. I am convinced that young people today need above all to lead a life that builds the future."

In thinking about this future, it is interesting to consider not only the diversity of our schools and the multi-faith environment, but also the challenges and tensions that arise with the developments of science and technology. Rather than fear what technology is taking away from social interactions, Catholic schools can offer a perspective which can create a bridge between technological progress and human development. In Catholic schools the spiritual and community aspects of the organization and their emphasis on service to others, family and parental involvement, as well as leadership can serve to heighten personal and social responsibility and to address the questions of values and purpose that are part of a child's growth.

For the child of the 21st century, schools must adapt by blending the values of past with the needs and demands of a more complex and changing world. Our schools must teach children effective skills in communication and technology as well as the importance of risk-taking. If we look at the positive influences of technology on education, then we can understand the benefits of how it will help us better integrate disciplines and modes of learning. Through a number of recent studies, it has been determined that students in technology-rich environments consistently show a higher level of reasoning and problem-solving skills. They learn more in less time and are able to make connections and predictions because of their access to vast amounts of information.

Undoubtedly, scientific advancements in education can bring about much good for humanity; however, there are potential dangers to consider as humanity moves forward in this rapidly developing culture. In an article published by The World Economic Forum in April 2017, one element that our education system is missing is discussed – Empathy. The author, Belinda Parmar, examines the rise of the machine and asks: "If artificial intelligence really is faster, smarter and more reliable, what are we left with?" The answer she proposes is our humanity and suggests that what makes us human that will be the best way to combat this rise in mechanization

because our empathy is something that computers will always struggle to imitate.

There is a worrying decline of empathy within the North American education systems. In 2011, a finding by Dr. Sara Konrath from the University of Michigan demonstrated that young people are becoming less empathic than ever before. Her study revealed that American college students showed a 48% decrease in empathic concern, and a 34% drop in their ability to see other people's perspectives. These figures are alarming to say the least and they indicate that precisely now, when our powers to engage with others could make the difference between ourselves and our automated counterparts, that we are allowing our empathy muscles to degenerate. This is an integral role for Catholic education. Teaching empathy and care for others is critical for individual societies and the global village as we blaze forward into the uncertainty of science and technology. The skills associated with empathy need to become core values in our homes, our schools and our workplaces. They need to be embedded at all levels of society. These are not soft skills, they are the skills of the future, because while technology is crucial, it will be far more powerful when in the hands of the emotionally educated and empathetically engaged. To provide a future generation with high levels of emotional literacy we need to institutionalise empathy – to systematise it, making it a part of the foundations of student learning.

In 2014, the Pope expressed his firm belief that parents should have the right to choose a "moral and religious education" for their children. He pointed out that in today's ever-changing, technological world, our children are bombarded with so much information that it's difficult to filter through it. Because of this, the Pope drove home the point that families and teachers must guide students to critical thinking and a moral compass. That is exactly where a faith--based education comes in. Children need to believe in something other than the material satisfactions of life; they need to serve others and pursue excellence. Catholic schools offer an alternate learning environment which can balance what we prize from the past with the imperatives of the future. Through spiritual reading, celebration of the liturgy, service to others, value-centred discussions and the pursuit of academic excellence as a moral imperative, Catholic schools can offer a rich understanding of what it means to be human. The need for ethical guidance entrenched within a core of faith is more

necessary than ever before for young people. Teaching the faith in the 21st century will need to be reflective and may encounter both discussion and dissent. Learning the faith will offer opportunities for young people to practice and extend it in their own lives so that they may be able to understand social problems and work towards solutions. Catholic schools can assist with improving individual lives and society collectively when religious curriculum is centered on the application of values and Catholic beliefs.

Clearly the role of social responsibility and one's value as a citizen are needed to balance the mechanized lifestyle and self-focused social orientation of the Digital Age and life in the 21st Century. Catholic education can be the catalyst that will blend the best of both worlds: technological progress used wisely and young people with a deep sense of their own spirituality and concern for others.

In 1990, Pope John Paul II issued *Ex corde Ecclesiae*, an apostolic constitution that identifies the common characteristics of all Catholic colleges and universities. According to that document, Catholic institutions of higher learning are defined by:

- Shared Christian vision and goals.
- Reflection in the light of faith.
- Fidelity to tradition.
- Commitment to service.

Our Catholic values and tradition offers a value-added approach to higher education in general and in liberal arts education in particular. It does more than offer Catholic masses on campus, and a Campus Ministry office – it infuses all that we do on campus – both in and outside of the classroom. Fundamental issues such as social justice, ethics, spirituality, and hospitality are reinforced and nurtured throughout campus life. In its truest form a Catholic, liberal arts education seeks ways to discover our God-given gifts, and to use reflection and compassion to apply these gifts to help solve the world's greatest needs and problems.

Father Michael Himes, Theology professor at Boston College states "whatever makes you more human, more authentically human, whatever calls into play all the reaches of your intellect and freedom and creativity makes you more like God" (*Centre for Ignatian Spirituality*, 2009, p. 25) Father Himes goes on to further explain that "to be educated was to be educated for a just society, for the

service not just of oneself or one's family or class, but of the entire community" (*Centre for Ignatian Spirituality*, 2009, p. 37) and this is a cornerstone and key principle for Jesuit education: that breadth of knowledge develops an appreciation for the varied ways that God's creative abundance is present in the world, and that understanding the different ways that people make sense of their experience only widens our capacity for compassion (*Centre for Ignatian Spirituality*, 2009, p. 153).

Canada's Catholic universities and colleges reflect the beauty and challenges of a changing Canadian society. Having just celebrated our 150th birthday as a nation, Canada is a young country built on immigration and multiculturalism. In their book *A Passion for Identity: Canadian Studies for the 21st Century*, the authors David Taras and Beverley Rasporich argue that Canadian identity is convoluted. It has undergone many transitions and continues to experience many new phases as Canada has worked to develop a strong mechanism for national integration. Canada's international reputation and its ability to innovate has been built on the combination of the warmth and acceptance of most Canadians, as well as its aptitude for multicultural co-existence. This is not to say that there are no stresses or tension within our communities, because there are serious challenges of social integration of refugees and new Canadians as well as the inequality of our Indigenous peoples, and Canada must face these issues with honesty and courage. Father Stan Chu Ilo, professor in the Faculty of Theology at the University of St. Michael's College in Toronto explains that "Canadian identity and Catholic identity in Canada reflect these dynamics of cultural pluralism, as well as the conflicting moral and spiritual claims about what is needed for a flourishing country." He suggests that the entire educational environment should be infused with religious characteristics so that administrators, teachers, staff and students see their university experience as a divine encounter for faith formation. He argues that the pluralistic Canadian setting offers great opportunities but immense challenges in the way we conceive, live, propagate and defend our Catholic identity through Catholic education. In short, he concludes that Catholic higher education needs to reinvent itself in order to survive. (The Catholic Register, February 2013)

In Canada, most Catholic colleges and universities are already in full partnership with secular universities, offering joint degrees

and programs which help with the financial burden of the institution as is the case with my own university. However, since the priorities and mission of Catholic colleges and universities often fail to correspond with that of secular universities, these partnerships must constantly be evaluated so that Catholic identity and mission are not sacrificed.

In this context of increasingly secularized post-secondary education, how does King's as a Catholic university sustain itself? I'll begin with our mission statement:

"King's is a public Catholic University College engaged in the open pursuit of truth and the discovery and sharing of knowledge in service to humanity. By integrating academic programs rooted in the liberal arts with comprehensive student support, King's creates an inclusive and empowering space for students by nourishing their capacity for critical thought, articulate expression, creativity, and ethical action."

Certainly, a university should prepare students to enter an ever more complex and professionalized work force; however, at King's we must do much more. Through our commitment to the education of the whole person, we challenge our students and faculty to pursue truth with wisdom; to embrace the arts of language, reason, and debate; to respect cultural and religious diversity, uphold social justice, and affirm human dignity. In order to flourish, King's must address the challenges of our times and seek to build an alternative model of education that transmits the best of its living tradition to our students in their new socio-political reality. In so doing, we distinguish King's as a place where our students become part of an academic environment that will equip them with the intellectual space and capacity to transform themselves and engage the world around them. Through degree programs such as our Catholic Studies for Teachers degree, students are able to prepare both academically, philosophically and spiritually for careers in teaching within a Catholic school. Students achieve a comfort level as leaders within the pastoral and pedagogical school community.

As a Catholic university, King's emphasizes the value of each individual and the importance of social justice. We welcome students from all faiths and backgrounds and respect for the human person is behind our commitment to diversity, accessibility, social justice and to building the common good. It is also why King's has been a leader in service learning and outreach programs which connect the classroom

to communities in greatest need, as members of King's are challenged to build relationships based on integrity and respect. Father Michael Bechard is the Director for Campus Ministry at King's and is integral in infusing our Catholicity into the curriculum. In his words: "we need to keep challenging ourselves to put our studies and our prayer into concrete service. It is about faith in action."

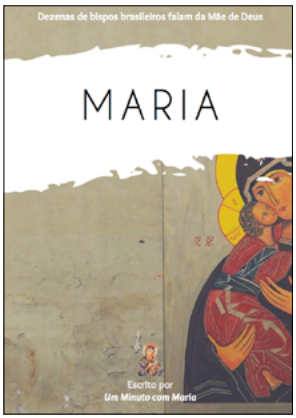
Since 1984, the province of Ontario has been fortunate to have publicly-funded Catholic education when the then-Premier, William Davis extended provincial funding and made it a constitutional right. This reality is not the case in all provinces across Canada. Only Saskatchewan, Alberta and Ontario have this benefit, and in more recent years, the issue of maintaining two publicly funded education systems in Ontario has become a growing case for debate. Secularization is on the rise in a number of Western democracies, and Canada has experienced this same tension. The emergence of secular elites has been accompanied by an aggressive campaign against religious schooling. In a time of changing demographics and many school closures, there are a number of organizations who are trying to push a political agenda. This is one very important reason that as Catholic organizations in Ontario, we have been very strategic in our collaborations in recent years to demonstrate the pathway from elementary to secondary to tertiary education within the Catholic system. To this end, King's has partnered with every Catholic school board in the province of Ontario to create research and learning opportunities for elementary students, pathways to university admission for high school students through on-campus, discipline-specific workshops, retreats and conferences, as well as to provide support for the professional development of teachers and administrators within our Catholic school board partnerships. By actively uniting with a range of Catholic Educational organizations like the Catholic Principal's Council of Ontario, the Institute for Catholic Education, the Catholic Curriculum Corporation, and the Ontario Catholic Supervisory Officers Association, King's has cultivated a strong network to help promote Catholic education as a viable means for students wanting to continue to grow within a strong, faith-based university experience.

As we continue into the 21st century, the importance of educating the whole person – from their head, to their heart to their soul – becomes evermore critical. In Ontario, we believe that

by widening the circle of Catholic education, finding strength among a common mission, and drawing a clear pathway for partnerships, students and their families will come to appreciate and expect the stability, wisdom and continuity provided within the Catholic educational experience.

INDICAÇÕES DE LIVROS

Maria



Publicado na internet no dia 12 de outubro, desse ano, dia da comemoração dos 300 Anos de Nossa Senhora Aparecida, "Maria" é o nome do ebook que reúne cerca de 40 testemunhos marianos de bispos brasileiros.

Trata-se de uma edição especial realizada pelo apostolado internacional Um Minuto com Maria (www.umminutocommaria.com) com a finalidade de honrar a Mãe de Deus na conclusão do Ano Mariano.

Como mostra de amor a Nossa Senhora, Um Minuto com Maria entrevistou dezenas de bispos brasileiros, dirigindo-lhes somente uma pergunta: qual a sua maior experiência com Nossa Senhora?

São breves e bem variadas as experiências de nossos pastores. Desde os bispos que encontraram sua vocação no regaço de Maria enquanto eram crianças, até aqueles que tiveram experiências marianas em Medjugorje, todos demonstraram como a Mãe de Deus foi e continua sendo aquela que guia seus passos no pastoreio do Povo de Deus.

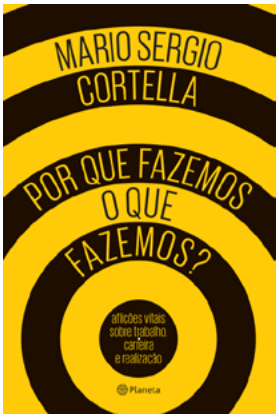
O livro não está à venda. Seguindo a finalidade do Apostolado, tornar Nossa Senhora conhecida e Amada, Um Minuto com Maria o disponibiliza gratuitamente em formato digital.

Um Minuto com Maria é uma simples devoção que envia diariamente para 250 000 pessoas em 8 idiomas uma breve reflexão mariana e um convite à oração. A sede do apostolado encontra-se em Paris, França.

No Brasil, Um Minuto com Maria chegou com mais força em 2017, organizando-se e criando uma estrutura mínima para poder crescer entre os fieis de língua portuguesa.

Autor: Apostolado internacional "Um Minuto com Maria"
Endereço: www.umminutocommaria.com

Por que fazemos o que fazemos?



O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em Por que fazemos o que fazemos? as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade - a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro.

Autor: Mario Sergio Cortella
Editora: Planeta do Brasil

Crer ou não crer

Com coragem para provocar um ao outro e humildade para aceitar os argumentos, os autores discutiram pontos fundamentais, como se o mundo é melhor ou pior sem Deus e se a religião ajuda ou atrapalha. Questionaram o quanto a fé faz falta e discutiram as esperanças, os medos e a morte no horizonte de quem crê e quem não crê.

Autores: Pe. Fábio de Melo e Leandro Karnal
Editora: Planeta do Brasil

ENTREVISTA
Cuidar da infância e promover o bem-estar em família
Ir. Veroni Teresinha de Medeiros

ARTIGOS
Desafios para um intinerário formativo
Ir. Vânia Cristina de Oliveira

O Orientador Educacional e o processo de gestão de conflitos
Hosana Auxiliadora T. Caetano; Marisa Claudia Jacometo Durante; Paulo Renato Foletto

A influência do contexto familiar no desenvolvimento da criança em situação de risco social
Elizeli Faustinoni de Souza

Os desafios pedagógicos na modernidade sob a ótica de Zigmunt Bauman e a pedagogia dos vínculos
Eliza Mariana A. Silva; Vanessa Silva Fonseca; Sandra Maieski

ENSAIOS
Família e escola promovendo a civilização do amor
Dom Antônio de Assis Ribeiro

Cultura de paz nas escolas: por uma educação para a paz com fundamentos pedagógicos
Erica Cristina Lemes, Nei Alberto Salles Filho, Virginia Ostroski Salles

A esperança criativa do Papa Francisco construindo escola em pastoral
Marciel de Oliveira Rocha

RELATOS DE EXPERIÊNCIA
O trabalho missionário do Colégio Marista Pio X no semiárido paraibano
Alan Coelho Soares; Jeverson de Sousa Barbosa Lima

Projeto de Voluntariado: "Agostiniano em Ação"
Wanderlei Faria; Alexandra de Marchi; Rafael Barrozo de Carvalho

Projeto Artístico Social Arte Sem Fronteiras
Wilson Tavares de Souza Junior; Ir. Edwirges Maria Almeida de Souza

Pequenas atitudes geram grandes rmpreendedores
Ana Paula Palmezan L. S. Milinavicius

Uma história de amor ao próximo: Jovens de garra
Ana Paula Palmezan L. S. Milinavicius

DOCUMENTOS
Carta Aberta do I Fórum de Agentes de Pastoral

Value of Catholic Education in the 21st Century
Dr. Tracy Cunningham

INDICAÇÕES DE LIVROS